



1290000126

 FE
TCC/UNICAMP D68r

CRISTINA TOYOKO DOHI

**RELAÇÕES ENTRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO NAS
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E O
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA**

Campinas

1999

CRISTINA TOYOKO DOHI

**RELAÇÕES ENTRE A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO NAS
INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E O
DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
Como exigência parcial para o curso de
Pedagogia da Faculdade de Educação,
UNICAMP, sob orientação da Profa.
Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

Campinas, SP

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

D68r

Dohi, Cristina Toyoko.

Relações entre a organização do espaço físico em Instituições de Educação Infantil e o desenvolvimento da autonomia / Cristina Toyoko Dohi. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : Maria Evelynna Pompeu do Nascimento.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Espaço. 2. Autonomia. 3. Creches. 4. Educação de crianças. I. Nascimento, Maria Evelynna Pompeu do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

A Eduardo, meu marido,
com amor,
Cris

AGRADECIMENTOS

A Deus,

A Eduardo, pelo amor, incentivo e força,

A meus pais pelo amor e exemplo de luta,

A Professora Maria Evelynna Pompeu do Nascimento, pela orientação e atenção,

A Professora Doutora Águeda Bernardete Uhle por se dispor a ler meu trabalho com tanta atenção e por suas considerações,

A todos os funcionários e crianças da CAS que me receberam tão bem e que sem eles não poderia realizar este trabalho,

A Roberta, Fabiana e Daniela pela amizade, apoio, observações e considerações sobre meu trabalho,

A Arlete, pelas orações,

A todos meus colegas e amigos que ao longo deste curso foram companheiros de trabalho, discussões e lazer,

E a todos os professores da Faculdade que com seus conhecimentos e experiências, contribuíram com a minha formação,

Muito obrigada,

Cristina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. ESPAÇO EDUCATIVO CRECHE	03
1.1 Alguns Aspectos da Trajetória da Creche	03
1.2 Creche, Instituição de Cuidado e Educação	08
1.3 O Espaço Físico no Trabalho da Creche	10
2. IMPLANTAÇÃO DE CRECHES NA UNICAMP: UM BREVE HISTÓRICO	14
2.1 O CECI – Centro de Convivência Infantil e o CICF – Comunidade Infantil Cantinho da Física.....	14
2.2 CAS – Creche Área de Saúde	19
3. CAS – CRECHE ÁREA DE SAÚDE DA UNICAMP	26
3.1 Sua Organização	26
3.2 A Trajetória da Criança na Creche	29
3.2.1 Grupo de gestantes e matrícula	29
3.2.2 O Módulo do Berçário	30
3.2.2.1 Adaptação do bebê na creche	30
3.2.2.2 Período de amamentação	31
3.2.2.3 Rotina	32
3.2.3 Maternal I	36
3.2.4 Maternal II	40
3.3 O Projeto Pedagógico da Creche	42

4. MODIFICAÇÃO ESPACIAL DO SALÃO DO MATERNAL II – AS ÁREAS CIRCUNSCRITAS	46
4.1 Momento de discussão	46
4.2 E se iniciam as mudanças no Maternal II.....	47
4.3 A organização dos cantos circunscritos no Maternal II	51
5. OS CANTOS CIRCUNSCRITOS	58
5.1 Sua Organização e Utilização	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	75

ÍNDICE DE FOTOS

1. Organização das salas do Maternal I	47
2. Na sala, como os materiais eram organizados em armários fora do alcance das crianças.....	47
3. Corredor do Maternal II, onde ficavam a estante de livros e um banquinho (que não era utilizado pelas crianças)	48
4. Estantes localizadas ao lado das mesinhas do refeitório, onde havia baús e potes com brinquedos	49
5. Estante com caixas de brinquedos	49
6. O salão do Maternal II antes da criação dos cantos circunscritos. Um arranjo espacial aberto	50
7. Canto da casinha – provisório	52
8. Canto dos jogos – provisório	52
9. Canto da leitura – provisório	53
10. As crianças mais velhas do Maternal II utilizando o canto da leitura	54
11. As crianças mais velhas do Maternal II utilizando o canto da leitura	54
12. As crianças mais velhas do Maternal II brincando no canto dos jogos	55
13. As crianças brincando de casinha	55
14. Canto da fantasia	56
15. Os cantos da casinha, leitura e dos jogos	56
16. Crianças sentadas no banco de concreto observando as outras brincarem nos cantos	60
17. Supervisora do Módulo contando histórias durante a utilização dos cantos	61
18. Crianças sentadas a mesa com seus brinquedos	61
19. Crianças brincando com triângulo de espuma	63
20. Brincadeira com o triângulo de espuma	63
21. O quadrado de madeira	65
22. A mesa do refeitório, também um local para brincar com jogos de construção	65
23. ... ou então uma espécie de cabana para brincar com o amigo	66
24. Uma estrutura que ficava “guardada” sob uma mesa, um novo espaço para brincar .	66

25. O mesmo espaço da foto 24 continua sendo utilizado.....	67
26. Possibilidades de fazer escolhas	68
27. Crianças lendo, bastante compenetradas, os livros que escolheram no canto da leitura	68

INTRODUÇÃO

A temática do presente trabalho diz respeito às relações entre a organização do espaço físico e o desenvolvimento da autonomia da criança. O interesse pela questão surgiu e foi se delimitando ao longo da minha trajetória no curso de Pedagogia, desde o momento que optei por este curso, da escolha pela habilitação em Magistério do Pré-escolar a ser concluída e das disciplinas que realizei ao longo desses anos.

Incluo a opção do curso, uma vez que tinha uma formação totalmente diferente. Me formei em Engenharia de Alimentos e trabalhei em um Instituto de Pesquisa dessa área por cinco anos. Nesse período cheguei à conclusão de que a Engenharia não era com o que eu gostaria de continuar trabalhando, não me realizava apesar de ter tido a oportunidade de dar algumas aulas práticas para um curso técnico em alimentos. Então, esses dois fatos aliados a minha vontade de trabalhar com crianças fez com que eu optasse por fazer este curso.

E como a minha intenção é trabalhar com crianças fiz a minha opção pela habilitação em Magistério do Pré-escolar. Cursei várias disciplinas que foram muito importantes para a minha formação, mas uma se destacou no que se refere a escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso: EP-709 Educação Infantil em Instituições Não-Escolares oferecida, na época, pela professora Maria Evelynna Pompeu do Nascimento. Esta disciplina foi importante para a escolha do meu tema, uma vez que, nela tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a instituição - creche, que mais tarde seria o meu local de pesquisa.

A leitura de “A Creche em Busca de Identidade” (Haddad, 1993), foi fundamental para a delimitação de meu objeto de estudo uma vez que serviu como referência para construirmos os instrumentos para observação e entrevista que realizamos quando visitamos algumas creches da cidade de Campinas.

Em função, então do programa da disciplina (EP-709) realizei visitas em uma creche da Prefeitura da cidade e um ponto chamou muito a minha atenção. Foi o fato de que em uma sala do Berçário II (crianças de 1 ano e 5 meses a 2 anos), não havia nenhum móvel, nas paredes havia apenas alguns desenhos de flores feitos pelos adultos; os poucos brinquedos existentes eram selecionados e distribuídos pelas recreacionistas, o que não proporcionava nenhuma possibilidade de escolha pelas crianças. Nesse dia, as que ocupam

esse espaço “disputavam” os poucos brinquedos que havia, choravam e ficavam atrás das recreacionistas ou tentavam chamar a atenção de alguma forma.

Esta experiência suscitou-me questionamentos que se acabaram por definir a temática do meu TCC: qual a importância do espaço? Como são organizados os espaços físicos de uma instituição de educação infantil? Com quais objetivos eles são organizados? A organização do espaço físico é um parâmetro importante para o desenvolvimento da autonomia infantil? Que relações são possíveis entre a organização do espaço físico nas instituições de Educação Infantil, em especial na creche, e a autonomia da criança?

Para tanto neste trabalho realizei um estudo de caso em uma creche localizada na Universidade Estadual de Campinas, que foi concretizado em 96 horas de observação e entrevistas, no período de Março a Agosto de 1999.

Foram realizadas 5 entrevistas, com a supervisora de cada um dos Módulos (Berçário, Maternal I e II), com a coordenadora da área psico-pedagógica e com a Diretora da creche. Elas foram feitas ao longo do período que estive na instituição, com duração de entre 30 a 60 minutos aproximadamente utilizando um questionário com questões abertas e um gravador para registro. Tinham como objetivo conhecer a estrutura e o funcionamento da instituição e complementar o histórico de implantação das creches na Universidade.

Durante esse período realizei 96 horas de observações, registrando em um diário de campo e em fotos, a rotina da creche, as mudanças que ocorreram no espaço em função de alguns projetos da instituição realizados naquele momento, como essa nova organização espacial foi sendo utilizada, as relações adulto-criança e criança-criança que se estabeleceram e se havia oportunidades das crianças escolherem seus pares e brinquedos.

Esta experiência na CAS, foi para mim (e acredito que está sendo para todos os seus funcionários) muito rica, pois o seu trabalho está sendo visto como um processo dinâmico e contínuo que requer ação, avaliação e reflexão para alcançar seus objetivos. Gostaria, portanto de agradecer a todos os seus funcionários e a todas as crianças que me receberam tão bem, permitindo que eu realizasse este trabalho. Obrigada!

1. ESPAÇO EDUCATIVO CRECHE

Na apresentação da creche como um espaço educativo centrado no binômio cuidar/educar, destaco a questão do espaço, que se relaciona com o tema deste trabalho, cujo pressuposto é de que ele é um fator importante na organização e funcionamento da instituição, uma vez que o modo como ele é pensado e organizado representam as suas concepções de criança, educação e cuidado, podendo contribuir ou não, para o desenvolvimento da autonomia da criança.

Atualmente as discussões sobre a creche e os documentos dos órgãos de planejamento e execução da política educacional, propõem que esta instituição seja um ambiente educativo que contemple o binômio cuidado/educação de forma indissociável. Porém, é importante apresentar alguns aspectos da historicidade de sua trajetória, pois os tipos de atendimento por ela oferecidos ao longo dos anos, como por exemplo a assistencialista e médico-higienista, ainda estão presentes ou deixaram suas marcas, influenciando o seu trabalho até hoje.

1.1 Alguns aspectos da trajetória da creche

Segundo Haddad (1993), para compreender a creche em suas dimensões social, política, psicológica e ideológica, deve-se considerar os modelos de família que foram socialmente construídos, uma vez que esta instituição, ao longo de sua história, foi pensada à sombra desses padrões familiares.

Os modelos de maternidade, família, os papéis de cada um de seus integrantes e as suas relações entre si foram se modificando ao longo da história. De acordo com Ariès (1981), na Idade Média não havia o sentimento de infância, não se considerava, não se tinha consciência das particularidades da criança que as distingue do adulto. Nesse período a infância se resumia a um curto período em que ela era bastante frágil, dependia fisicamente do adulto e despertava na família um sentimento que o autor chamou de “paparicação”, isto é, ela era tratada como um “bichinho de estimação”, que

se morresse poderia causar um certo pesar, mas que era rapidamente substituída por outra.

Após esse período da “paparicação”, a criança era muitas vezes afastada de seus pais e sua educação era garantida pela aprendizagem. Era através do convívio com os adultos (que não somente os pais), auxiliando-os nas tarefas e participando de seus jogos que a criança aprendia e era educada. A família não ocupava um lugar privilegiado na educação de seus filhos, não controlava a transmissão de valores ou assegurava a socialização dos conhecimentos.

Somente a partir do século XVIII, começa a se configurar um novo papel das crianças e da família nas sociedades industriais. A família moderna passa a ser organizada em torno de seus filhos, modificando as relações familiares, os sentimentos como a afeição, o amor e perda passam a ser valorizados. E a aprendizagem é substituída pela escola, que passou a se responsabilizar, juntamente com a família, pela educação das crianças.

Assim como o conceito de infância e de família foram se transformando ao longo da história, o mesmo ocorreu com o amor materno, as atitudes maternas. Segundo Badinter (1985) o amor da mãe pelo filho é um sentimento aprendido, fruto de experiências vividas, que dependem de tempo e interação para se desenvolver. Ele não é inato, instintivo, pois se assim fosse, esse amor teria ocorrido em qualquer lugar e tempo, porém ao longo da história podem ser encontrados sentimentos de desprezo pela amamentação, pela permanência da mãe junto aos filhos e a contratação de amas de leite que eram responsáveis pelo cuidado e amamentação dos bebês.

Segundo Haddad (1993), a creche surge, no século XIX nos países norteamericanos e europeus e no século XX, no Brasil, com a urbanização e a estruturação do capitalismo. Neste contexto cria-se um novo padrão familiar: a família burguesa ou nuclear, em que a criança tem um papel privilegiado e as mulheres passam a permanecer em casa e serem responsáveis pelo cuidado do lar, do marido e da educação de seus filhos.

Essa instituição surge então, para ocupar o lugar da falta da família que deveria cuidar da educação das crianças. Prevalece a iniciativa privada e de caráter assistencial-filantropico, pois tem como objetivo a guarda de crianças de classes mais pobres, além

de orientar como essas mães deveriam criar seus filhos e cuidar de seus lares. Esse papel era freqüentemente desempenhado pelas senhoras das classes mais abastadas, que viam a creche como um local privilegiado para estenderem seus papéis para fora do lar, transmitindo valores morais e “ensinando” o que e como faziam para educar seus filhos.

Valorizava-se o cuidado materno como essencial para um bom desenvolvimento infantil, sendo a creche um substituto inadequado, justificando sua existência somente para atender mulheres viúvas ou abandonadas que eram obrigadas a trabalhar para sobreviver.

Com o desenvolvimento de profissões como serviço social, medicina higienista, psiquiatria, psicologia e pedagogia, esses profissionais passaram a trabalhar na creche, promovendo diversas modificações em seu trabalho, mas sempre relacionadas a alguma falta das famílias, a uma carência afetiva, nutricional, cultural ou cognitiva, além da econômica e moral apresentadas acima.

A partir do final do século XIX, surgiram uma série de normas higiênicas que determinavam o funcionamento de creches européias até meados do século XX, com por exemplo, o enrijecimento dos horários de alimentação, sono, treino de toalete, devido a uma preocupação extrema com a limpeza e a saúde da criança.

No período pós guerra, prevalecem no trabalho da creche, os discursos psicológicos que apontam o relacionamento mãe-criança como sendo fundamental para o desenvolvimento infantil e que sua ausência, nas instituições, acarretariam sérios problemas no desenvolvimento mental, físico e social da criança. A creche passa a ser vista como um modelo de substituição da mãe, que segundo Haddad (1993, p.28) “*não reconhece e desvaloriza o trabalho do pessoal, pois coloca a creche como um mal menor e não como um local específico, tendo um valor próprio*”. Ela não era vista como um local privilegiado de interações criança-criança, a díade mãe (adulto)-criança era inquestionável, revelando, a influência do modelo de família nuclear daquela época, que tinha como fundamental o papel da mãe na criação dos filhos, que antes se justificava por valores morais e agora ganha um respaldo das teorias psicológicas.

Na década de 60, a creche sofre influência das teorias pedagógicas de privação cultural, e passa a ser vista como um local privilegiado para se compensar as deficiências bio-psico-sociais da criança acarretando modificações no funcionamento da

instituição, com novos profissionais como professores, recreacionistas, psicólogos e professores afim de introduzir medidas de reorganização de jogos educativos, do espaço, diminuição do tempo de espera da criança nas atividades da rotina com ênfase na sua autonomia e independência.

Nos anos 60 e 70, surgem propostas decorrentes de movimentos sociais ocorridos nesse período em vários países do mundo, que eram mais positivas para a criança, família e sociedade, superando os limites tradicionais com a prática e a teorização de novas formas de organizações e relações. Um exemplo são as creches selvagens francesas, que eram instituições organizadas pelos próprios usuários e que foram responsáveis pela transformação de uma série de práticas, crenças e dogmas da infância, baseadas, segundo Haddad (1993), em uma concepção que considera a criança como uma potencialidade que o adulto não conhece na sua totalidade. Como consequência desse período, foram realizados estudos empíricos sobre a interação entre crianças, que privilegiam a creche como um local de estudo e de socialização da criança.

E os movimentos feministas dos EUA, refletiram sobre o significado da creche e passaram a defendê-la como uma instituição para atender todas as crianças, independentemente da necessidade de trabalho das mães ou condição econômica que era utilizada como critério de seleção das famílias até então.

Na década de 70 houve no Brasil uma série de fatores no âmbito social, político e econômico que levaram a uma reivindicação pela criação de redes públicas de creches. Na área econômica o país passava por um período de pauperização, após um rápido acúmulo de capital nos primeiros anos desse período, aumentando a necessidade das mulheres entrarem no mercado de trabalho para manter o poder aquisitivo da família e no plano político iniciava-se o processo de abertura do país após a ditadura, ocorrendo vários movimentos populares, sendo um deles o movimento de luta por creches. Como vai ser apresentado no histórico da implantação de creches na Unicamp (capítulo 2), esses movimentos ocorreram também na Universidade Estadual de Campinas-SP e teve como consequência a abertura do CECI-Centro de Convivência Infantil.

Em São Paulo, o poder Público Municipal atendeu as reivindicações do movimento de luta por creches, oficializado em 1979, através da Coordenadoria do Bem-Estar Social – COBES, implantando uma rede de creches municipais. Essas

instituições tinham uma perspectiva assistencialista, pois visava atender as reivindicações de mulheres trabalhadoras das classes mais pobres utilizando-se como critério de seleção da clientela a renda familiar. Além disso, os programas implantados baseavam-se na educação compensatória, que norteava o trabalho da COBES, nesse período.

Nos anos seguintes o trabalho da creche teve alguns avanços, mas eram casos isolados, à medida que os profissionais questionavam a sua prática e buscavam novos caminhos com uma preocupação com a questão educacional e que dependiam das mudanças ideológicas da administração do Município.

Na década de 80, houve um grande avanço neste campo, quando grupos de movimentos populares, representantes de conselhos da condição feminina, comunidade acadêmica e profissionais dos programas pré-escolares, reivindicaram creches e pré-escolas como um direito de todas as crianças independentemente de sua classe social. Esse movimento resultou na aprovação da Carta Constitucional de 1988, que traz os artigos: 208 “*O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV- atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;*” e Art. 7º XXV – “*assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até seis anos de idade em creches e pré-escolas;*” .

Pela primeira vez, então, a Constituição Brasileira refere-se a creche como um direito da criança e não da família e definida como um direito à educação e dever do Estado. Segundo Haddad, esses fatos abrem,

“importantes perspectivas ao avanço de propostas que reconheçam as necessidades específicas das crianças nos programas destinados à faixa etária de 0 a 6 anos. Primeiro porque representa um grande passo para a superação do caráter assistencialista predominante nos programas destinados à essa faixa etária. Segundo, porque cria a necessidade de formulação de uma política nacional, estabelecendo diretrizes básicas para a implantação e desenvolvimento de programas de creches e pré-escolas no Brasil. Terceiro, porque corresponde a um princípio que vem sendo defendido por áreas ligadas ao movimento de mulheres, ou seja: a educação através da creche e pré-escola vinculada aos direitos da criança e não da mãe trabalhadora ou da família pobre, fator tradicionalmente responsável por negligenciar as características específicas das crianças nesses programas”. (Haddad, 1993, p. 32)

Mais recentemente, na Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Educação Infantil integra a Educação Básica juntamente com o Ensino Fundamental e Médio. Apesar de se considerar os avanços desta Lei, Nascimento destaca uma questão bastante relevante: há uma

“tensão entre a legislação – que determina que a creche é parte integrante do sistema escolar – e a política educacional – que a define como uma instituição educativa sem caráter escolar. Ou seja, enquanto a LDB afirma o caráter escolar da creche, os documentos produzidos em órgão de planejamento e execução da política educacional enfatizam que é no binômio educar e cuidar que devem estar centradas as funções complementares e indissociáveis dessa instituição”. (Nascimento, 1999, p.101-2)

1.2 Creche, instituição de cuidado e educação

Acreditando que a creche tem um caráter multifacetado que pressupõe ações da Saúde, Assistência Social, Educação e Cultura e que, portanto, é com este binômio educar e cuidar realizados de forma indissociáveis que se constitui o trabalho da creche, será utilizado para complementar o referencial teórico deste ensaio, artigos de documentos de órgãos de planejamento e execução da política educacional da Secretaria de Educação Fundamental (MEC-SEF) que vêm sistematizando e publicando as discussões sobre a Educação de crianças de 0 a 6 anos realizadas em várias instâncias (Nacional, Estadual e Municipal), além do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. (MEC, 1998).

Segundo o documento da COEDI/MEC¹ (1995) a creche deve respeitar os direitos fundamentais da criança e os seguintes critérios relativos à sua organização e ao seu funcionamento interno:

“Nossas crianças têm direito à brincadeira; à atenção individual; a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; ao contato com a natureza; à higiene e à saúde; a uma alimentação sadia; a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; ao movimento em espaços amplos; à proteção, ao afeto e à amizade; a expressar seus sentimentos; a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche;

¹ COEDI – Coordenação Geral de Educação Infantil
MEC – Ministério da Educação e do Desporto.

desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa". (MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995 p.

11)

Uma creche que respeite esses critérios criam oportunidades para diálogos e trocas afetivas, enriquecendo e valorizando experiências cotidianas. Respeitam a infância, permitindo que a criança busque a construção de uma identidade dentro de um clima de segurança, exploração e autonomia.

Segundo Oliveira (1998), é necessário combater na creche uma pedagogia centrada no professor e não dialógica, isto é, é preciso respeitar os ritmos, os desejos e características do pensamento da criança ao mesmo tempo que lhe apresente outros universos de significação. O que de acordo com Faria (1998) é dar oportunidade à criança de se expressar nas suas cem linguagens².

Nesse contexto a creche é um espaço privilegiado de interação criança-criança e de exploração, fundamentais para o seu desenvolvimento. Através da brincadeira, elas estabelecem interações entre si, brincando de faz-de-conta, por exemplo, elas examinam e criam novas significações para os papéis sociais que desempenham, revivem situações que antes lhe causavam medo, raiva, alegria e dessa forma desenvolvem sua imaginação e autonomia. (Oliveira, 1998)

De acordo com Oliveira

"fazer parte de um grupo infantil envolve relações privilegiadas, demonstrar abertamente interesse pelo que ocorre com o outro, atenção partilhada, sintonização recíproca e também a formulação de um conhecimento partilhado: símbolos coletivos e soluções comuns. As crianças têm mais coragem para explorar seus interesses e idéias conforme observam suas companheiras que, conforme agem, marcam certos objetos como sendo potencialmente interessantes, dentro de um grande mecanismo de partilhar conhecimentos"

(Oliveira, 1998, p. 80)

É então, baseado nessa concepção de creche como um espaço educativo, onde são valorizados e respeitados as interações criança-criança; a exploração do espaço e do conhecimento; a diversidade cultural, étnica e religiosa; o direito de brincar, de ser respeitado e de ser bem cuidado, que são estruturados todo o trabalho e funcionamento da creche, incluindo a organização do espaço.

1.3 O espaço físico no trabalho da creche

Segundo Faria (1998), o espaço físico, não se resume a sua metragem, ele não existe isolado do ambiente, portanto na creche ele deve ser transformado em um ambiente, isto é, ambientar adultos e crianças, contemplando a diversidade cultural, atividades individuais e coletivas, em pequenos e grandes grupos com faixas etárias iguais ou diferentes, com ou sem a presença do adulto e que permitam as mais diversas formas de expressão. A creche deve ser um espaço organizado de forma versátil e flexível.

A creche como toda instituição educacional convive com um outro binômio a atenção e controle: ao mesmo tempo que se dá a atenção à criança, a controla para aprender a viver em sociedade. É importante, porém que se prevaleça a primeira e que o controle seja visto como um aprendizado para a solidariedade, generosidade, cooperação e amizade. Ela deve ser um local em que a criança descubra e conheça a si e o mundo através do brincar, das relações com o ambiente, objetos e as pessoas, principalmente as outras crianças. (Faria, 1998)

Portanto, quando se pensa na organização do espaço de instituições infantis é preciso garantir:

“a) o direito à infância sem antecipar a escolaridade do ensino fundamental (no entanto sem esquecer da necessidade de levar em conta a continuidade destes segmentos de educação); b) um ambiente educativo que contemple a indissociabilidade do cuidado e da educação das crianças pequenas; c) o respeito aos direitos fundamentais das crianças e d) otimização das condições para que se possam implantar no país todos os aspectos que este documento propõe (ibid, 1998).

Para que dessa forma seja possível garantir na creche, o que a autora chamou de “ambientes de vida num contexto educativo”, isto é, locais onde elas possam expressar todas as suas linguagens³, conviver com as diferenças de gênero, idade, classe, religiões, etnias e culturas a fim de que possa exercitar valores de caráter coletivo como a tolerância, a solidariedade e a cooperação à medida que constrói sua identidade e autonomia.

² Poema “Ao Contrário, as cem existem” – Loris Malaguzzi – apresentada no final deste capítulo

Segundo Faria (1998), o espaço físico, então, precisa contemplar o convívio e o confronto de crianças de várias idades e adultos, e permitir a construção da cultura infantil, que é aquela produzida pelas crianças quando elas ficam sozinhas, com os adultos ou com seus pares brincando, imitando, reproduzindo e recriando.

Considerando o que foi apresentado, Oliveira (1998) e o RCN – Referencial Curricular Nacional, trazem algumas considerações referentes à estrutura e o funcionamento das instituições infantis.

Os espaços devem dispor de boas condições de higiene nos sanitários, nos locais de atividades, no preparo de alimentos e na limpeza das roupas e brinquedos utilizados pelas crianças. Além disso, esses espaços devem ser seguros, de modo a permitir que as crianças circulem com independência por toda a instituição.

E na creche deve haver espaços físicos variados, estimulantes e flexíveis. Eles devem ser organizados para a execução de diferentes atividades de forma que se possa mudá-los de acordo com as necessidades das crianças ou das próprias atividades, observando as exigências técnicas quanto ao tamanho, ventilação, som e iluminação dos locais.

E os espaços da creche devem ter os mais diversos materiais para que as crianças possam explorar e brincar, como jogos, papéis, tintas, argila, massa de modelar, livros infantis, aparelho de som, blocos de construção, material de sucata, roupas, panos entre outros. Com relação aos materiais, um ponto fundamental, é que eles estejam em locais organizados de forma clara, visíveis e acessíveis para que elas possam fazer suas escolhas e utilizá-los sem a ajuda constante de um adulto.

De acordo com um vídeo do Departamento de Educação da Califórnia⁴, são oito, os princípios básicos para se ter um ambiente apropriado para o desenvolvimento de crianças que estão aprendendo a andar (acredito que eles não se limitam a essa faixa etária específica):

1. Os ambientes devem ser seguros;
2. Devem ser ambientes limpos, possibilitando uma boa saúde e higiene;

³ ver poema no final deste tópico.

⁴ Este é um vídeo que faz parte de um programa de treinamento intensivo para a formação de profissionais para trabalhar com crianças pequenas. Foi realizado pelo Departamento de Educação da Califórnia a fim de atender uma necessidade cada vez maior de pessoal qualificado para realizar um trabalho com elas, uma vez que o número de mulheres que trabalham fora dobrou de 1960 a 1990

3. Os lugares devem ser confortáveis, tanto para a criança, como para a criança, como para quem cuida deles;
4. O ambiente deve ser organizado convenientemente (materiais em locais de fácil acesso)
5. Os ambientes para crianças pequenas devem levar em conta o tamanho das crianças;
6. O espaço deve ser flexível – poder mudar as coisas de um lugar para outro e ter espaços livres onde se possa, de tempos em tempos, montar diferentes tipos de brinquedos, rampas, circuitos (uma seqüência de equipamentos pelos quais a criança tem que passar, subir, escorregar...)
7. Os ambientes devem estimular o movimento;
8. Os ambientes devem permitir que a criança faça escolhas.

As primeiras quatro condições são referentes a cuidados com a segurança, higiene, conforto e conveniência (materiais como toalha, fralda, mamadeira guardados em locais de fácil acesso).

O segundo grupo de condições (móveis na estatura da criança, flexibilidade do espaço, possibilidade de movimento e opções), são os fatores que tornam o ambiente mais interessante e que contribuem no desenvolvimento emocional e intelectual das crianças.

Finalizando, Faria (1998) destaca um ponto importante, que é a formação das pessoas que trabalham direta ou indiretamente com as crianças, que elas devem ser profissionais, precisam aprender a ser professoras de crianças pequenas, uma professora de creche ou de pré-escola. Segundo a autora trata-se de *“um tipo de professor diferente tanto do professor universitário, como do professor de ensino médio e como do professor de ensino fundamental”* (Faria, 1998, p. 88). O papel desses profissionais é fundamental, pois suas concepções de educação, cuidado e criança vão determinar o trabalho da creche, a forma como os espaços são organizados, a sua rotina, as atividades desenvolvidas e a relação que irão estabelecer com as crianças e as relações que permitirão que sejam estabelecidas.

AO CONTRÁRIO, AS CEM EXISTEM (Loris Malaguzzi)⁵

*A criança
 é feita de cem.
 A criança tem cem mãos
 cem pensamentos
 cem modos de pensar
 de jogar e de falar.
 Cem sempre cem
 modos de escutar
 de maravilhar e de amar.
 Cem alegrias
 para cantar e compreender.
 Cem mundos
 para descobrir
 Cem mundos
 Para inventar
 Cem mundos
 para sonhar.
 A criança tem
 cem linguagens
 (e depois cem cem cem)
 mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura
 lhe separaram a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe:
 de pensar sem as mãos
 de fazer sem a cabeça
 de escutar e de não falar
 de compreender sem alegrias
 de amar e de maravilhar-se
 só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe:
 de descobrir um mundo que já existe
 e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe:
 que o jogo e o trabalho
 a realidade e a fantasia
 a ciência e a imaginação
 o céu e a terra
 a razão e o sonho
 são coisas
 que não estão juntas.
 Dizem-lhe enfim:
 que as cem não existem.
 A criança diz:
 ao contrário as cem existem.*

⁵ Revista Bambini, Bergamo, ano X, n.2, fev, 1994. Tradução livre do original italiano: Ana Lúcia Goulart de Faria, Maria Carmem Barbosa e Patrizia Piozzi.

2. IMPLANTAÇÃO DE CRECHES NA UNICAMP: UM BREVE HISTÓRICO

O objetivo neste tópico é fazer um breve histórico da implantação das creches na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, que hoje possui duas instituições para atender os filhos de seus funcionários com 2 meses e meio a 4 anos de idade, localizadas na Cidade Universitária Zeferino Vaz; sendo uma delas a CAS - Creche Área da Saúde, na qual foi realizado este trabalho. O contexto da implantação da creche é importante uma vez que seu histórico irá influenciar o trabalho na instituição, as suas concepções de educação e cuidado da criança.

Na elaboração deste histórico foram utilizadas duas fontes distintas: em um primeiro momento, a dissertação de mestrado de Fagundes (1997), que analisa a implantação dessas instituições como um amplo processo de luta e conquista dos funcionários da UNICAMP.

Em um segundo momento, para complementar este histórico e falar sobre a construção e implantação da Creche Área de Saúde, é utilizada a entrevista realizada com a diretora⁶ da CAS e alguns documentos⁷.

2.1 O CECI – Centro de Convivência Infantil e CICF – Comunidade Infantil Cantinho da Física.

Fagundes (1997), faz uma breve contextualização histórica e analisa o processo de implantação de duas creches localizadas na Universidade Estadual de Campinas: o Centro de Convivência Infantil - CECI e a Comunidade Infantil Cantinho da Física - CICF, que foi uma creche alternativa⁸ que funcionou desde 1983 até dezembro de 1986.

A autora propõe analisar a implantação da creche na Unicamp como um amplo processo de luta e conquista dos trabalhadores diante do caráter autoritário da sua

⁶ A atual diretora ocupa este cargo desde a inauguração da CAS e participou da comissão técnica que coordenou a construção e a implantação da instituição.

⁷ Esses documentos foram reunidos e cedidos pela diretora da CAS.

⁸ CICF foi “uma creche alternativa, seja por tratar-se de uma iniciativa da própria comunidade do Instituto (de Física), seja por ter características diferentes do CECI, tanto no que se refere à estrutura funcional, quanto pela participação da família na organização e gestão da creche.” (Fagundes, 1997 p. 71)

administração, determinado pelo contexto sócio-político da sociedade brasileira que passava por um regime militar.

A organização interna da Universidade, refletia as características da ditadura militar, uma vez que os órgãos colegiados e o reitor eram escolhidos de maneira indireta pelo governador biônico do Estado.

Segundo Fagundes (1997), a primeira manifestação oficial, em favor da instalação de creches na Unicamp foi no processo administrativo nº 3384 de junho de 1975, onde a Coordenadoria de Assistência Social as defende para melhorar a produtividade das funcionárias, pois estas se sentiam culpadas e preocupadas por terem que trabalhar fora e não terem onde deixar seus filhos.

Esta creche defendida pela Coordenadoria de Assistência Social tem um caráter assistencialista pois tem como objetivo atender principalmente aos pais de baixa renda, oferecendo aos seus filhos, serviços com boa alimentação, controle médico-odontológico e recreação. Demonstra uma preocupação maior quanto à produtividade da mãe do que com a própria criança e a creche é vista como substituta da mãe e não como uma instituição de cuidado e educação complementar à educação dada pela família e opção dos pais.

Neste mesmo documento (processo administrativo nº 3384) também é sugerida a constituição de uma comissão executiva para iniciar a execução do projeto da creche e elaborou-se o seu estatuto que *“a caracterizaria como uma sociedade civil, sem fins lucrativos, visando atender, em regime de externato e semi-externato, crianças cujos responsáveis (pais/mães) fossem trabalhadores da Unicamp”* (Fagundes, 1997, p.42)

Este documento tramitou por quatro instâncias da Universidade: ao Chefe de Gabinete do Reitor; volta à Reitoria; segue para a Coordenadoria Geral da Unicamp e finalmente chega ao Procurador Geral que deu o seguinte encaminhamento: deveria ser construído um prédio e equipá-lo com a verba da Universidade, a fim de cumprir suas obrigações como um empregador de seu porte⁹. Essa tramitação do documento levou 12

⁹ De acordo com o Art. 1º da Portaria nº 1 do DNSHT-Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho de 15/01/69 *“Os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres com mais de 16 (dezesseis) anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação.*

meses e após esse encaminhamento do Procurador Geral, o processo foi engavetado por mais 9 meses.

A questão da creche é retomada quando um grupo de mulheres denominado Comissão de Senhoras da Unicamp, escreve um manifesto que traz significativas considerações sobre a necessidade de instalação de creches na Universidade, juntamente com uma cópia da Portaria nº 1 do DNSHT¹⁰ – Departamento Nacional Segurança e Higiene no Trabalho de 1969 que dispõe sobre “*a obrigatoriedade de instalação de lugar apropriado para guarda e cuidado dos filhos das empregadas*”.(DNSHT, 1969)

Então, no ano seguinte, através de um novo ofício, a Comissão de Assistência Social apresenta um novo projeto de implantação da creche, justificando-se que a demora foi devido à dificuldades financeiras. O projeto era bastante simplificado e previa a locação e não a construção de uma sede, com espaço para atender 60 crianças entre 4 meses e 2 anos. Tinha como objetivo atender os casos de maior necessidade e a título experimental... E o processo foi novamente arquivado, mas a luta pela creche continuou.

O movimento de luta pela creche encontrou um importante ponto de apoio no Movimento Feminista e Sindical.

Na Unicamp, a Assuc, desde a sua fundação, em 1968 até 1978-79 teve sua diretoria composta por funcionários da alta burocracia da Universidade. No final da década de 70, refletindo a reabertura política do país, concorreu à sua diretoria a chapa “Luta Sindical” que propunha uma associação de caráter sindical para lutar contra as imposições da Reitoria e uma de suas reivindicações era a implantação da creche, como um dever do Estado. Em 30/11/79 a chapa é eleita. Inicia-se então, a luta pela democratização da Universidade, e em 1981, em meio a crise política devido aos embates entre funcionários e Reitoria, há uma intervenção do Governo do Estado de São Paulo.

Nesse mesmo ano houve consulta à comunidade para eleger o reitor da Universidade, sendo seu vencedor o Professor Paulo Freire, mas o Governo do Estado desconsiderou os resultados da consulta e indicou para o cargo o Prof. Dr. J.A. Pinotti, Diante das dificuldades que encontraria em seu mandato, devido as circunstâncias de sua

¹⁰ Legislação – Anexo I

indicação, ele atendeu a algumas reivindicações dos funcionários, dentre elas a implantação da creche.

Os dirigentes da Unicamp, então, para a implantação da creche se basearam na CLT de 1943 e nas Portarias de 1969 e 1971 do DNSHT¹¹. Em 1982, alugaram uma casa, que passou a ser conhecida como “Casinha”, com dez cômodos, na Cidade Universitária que foi adaptada para atender trinta crianças, isto é, apenas 10% da interessadas (conforme uma consulta feita no processo 3384) e o critério de seleção foi a mãe estar amamentando. A creche, então atendia as crianças apenas no período de amamentação, até aos nove meses, o que era um tempo maior do que o previsto em lei, que era de seis meses.

Em 1983, a creche da Unicamp é incorporada ao Programa CCI-Centro de Convivência Infantil do Governo do Estado de São Paulo, que em 1979 estabeleceu, através desse programa, uma legislação própria para a oferta de creches nas empresas públicas ligadas à sua administração. A criação do CECI, então, é oficializada em setembro de 1983, através de uma Portaria do Reitor, quando inaugura a sede principal da creche, que recebeu as crianças da Casinha com mais de 9 meses.

Com a incorporação ao Programa CCI, a creche se subordina ao decreto estadual de 1982, que aprova a Emenda Constitucional nº 31, de 31/05/82¹², acrescentando o seguinte artigo à Constituição do Estado: *“O Estado manterá, na forma em que a lei estabelecer, nas repartições públicas em que prestem serviço mais de 30 mulheres, local apropriado onde seus filhos, até 7 anos de idade, recebam assistência e vigilância, durante o horário de expediente”*.

E a partir desse momento e através de uma constante reivindicação e luta das mães, houve uma pequena expansão no número de vagas da creche e um grupo de crianças conhecido como “Os Pioneiros”, permaneceram na creche dos 2 meses até completar 4 anos de idade. Atualmente o CECI, oferece 285 vagas aos filhos dos funcionários da Universidade.

Na Unicamp, existiu uma outra creche que não estava ligada ao Programa CCI. A Comunidade Infantil Cantinho da Física (CICF), como foi chamada, era uma creche que

¹¹ Legislação – Anexo I

¹² Legislação – Anexo I

foi criada por um grupo de funcionários, alunos e professores, em 1983, um ano após a instalação do CECI.

No ano de 1983, o reitor da Unicamp indicou o Prof. Marcos Zwanziger para o cargo de diretor do Instituto de Física Gleb Wattagin (IFGW), o qual havia sido “eleito” através de uma consulta à comunidade. De acordo com reportagem do jornal Correio Popular de 04/05/83, esse diretor tinha uma proposta de gestão baseada na redemocratização da administração do IFGW, com ampla participação da comunidade.

Com essa abertura, organizou-se um grupo de funcionários, alunos e professores, reivindicando um espaço para a instalação de uma creche no Instituto para atender seus filhos, uma vez que as vagas do CECI eram limitadas, não conseguindo atender toda a demanda. Esta solicitação foi prontamente atendida pela direção do IFGW.

Segundo Fagundes, a CICF era uma creche alternativa *“seja por tratar-se de uma iniciativa da própria comunidade do Instituto, seja por ter características diferentes das do CECI, tanto no que se refere à sua estrutura funcional, quanto pela participação da família na organização e gestão da creche”*. (Fagundes, 1997, p.71)

De acordo com as entrevistas que a autora realizou com funcionários do CECI, para a sua implantação foram recrutadas enfermeiras e atendentes de enfermeiras que já trabalhavam no Hospital de Clínicas da Unicamp, seu quadro de funcionários então, era constituído basicamente por profissionais da saúde. Na CICF, por sua vez, foram contratadas professoras, pedagoga, psicóloga e nutricionista.

“Tal característica já aponta para a diferenciação e dicotomização entre educação e cuidado que houve naquela época na Unicamp, visto que uma creche (CICF) priorizou a educação das crianças contratando uma equipe ligada à área de educação, e a outra creche (CECI) contratou apenas profissionais da saúde, para atuar diretamente com as crianças, embora em 1983 ainda não se falasse em cuidado e educação como indissociáveis”. (ibid, 1997, p. 71)

Enquanto a creche do Instituto de Física, também atendia filhos de professores e alunos e funcionários, o CECI oferecia vagas apenas aos filhos de funcionárias que amamentassem. Além disso, a participação das famílias também era distinta nas duas creches, na CICF, elas participavam das decisões, da constituição de suas normas e regras, enquanto que no CECI elas eram estabelecidas pelos dirigentes, restringindo a participação dos pais somente à compra de brinquedos e reivindicação de vagas.

O CICF encerrou suas atividades em dezembro de 1986, quando os dirigentes do Instituto, consideraram que já haviam cumprido seu papel e que o CECI já expandira seu número de vagas, suficiente para atender todos os filhos dos funcionários da Unicamp, inclusive os do IFGW. Um outro motivo que contribuiu para o seu fechamento, segundo a autora, foram as reclamações de vários dirigentes dos institutos junto à Reitoria, uma vez que muitos funcionários de outras unidades da Universidade solicitavam sua transferência ao IFGW, para que seus filhos pudessem freqüentar a CICF.

2.2 CAS – Creche Área da Saúde

Fagundes (1997) analisa a implantação de creches na Unicamp como uma luta dos funcionários. A diretora da CAS, por sua vez, analisa a criação da Creche Área de Saúde, com o olhar de participante desse processo. Segundo ela, a construção dessa creche foi decorrente de um movimento conjunto: por um lado o aumento do número de funcionários com a mudança do Hospital de Clínicas – HC do centro da cidade para a Cidade Universitária que tinham a especificidade de trabalhar em regime de turno¹³, diferente do horário (administrativo) de funcionamento do CECI e, por outro *“uma preocupação muito grande das autoridades... não me lembro de movimento (manifestação), houve sim, bom senso das partes, eu acho que as autoridades na época sentiram uma responsabilidade muito grande...”*. Portanto, em 1987, os funcionários da área de saúde juntamente com a superintendência do HC iniciaram os primeiros estudos sobre a creche.

O objetivo, então de se construir uma nova creche no Campus da Universidade, foi atender aos filhos de funcionários da área de saúde que trabalhavam em turnos, pois o CECI atendia toda a Unicamp e trabalhava em horário administrativo: das 7:00 às 16:00 ou 8:30 às 17:30 horas, não tendo condições, devido ao horário, de atendê-los. Na ocasião até se pensou em funcionar 24 horas, mas depois se avaliou e concluiu-se que não justificava, uma vez que seria um “hotel” para as crianças.

¹³ Os funcionários que trabalham em turno têm o seguinte horário: 7:00 às 14:00 ou 13:00 às 20:00, diferente do horário administrativo que é das 7:00 às 16:00 horas ou das 8:30 às 17:30, além de trabalharem, em escala de plantões nos finais de semana e feriados

Em novembro de 1987 através de um convênio firmado entre IRCAMP, UNICAMP E FUSSESP¹⁴ iniciou-se as primeiras negociações para a construção da creche que seria um sub-programa do programa do Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente - PRODECAD, que era um serviço prestado aos filhos dos funcionários da Unicamp, que até aquela data já contava com os sub-programas, Apoio e Pré-Escolar. Posteriormente, em 1992, a CAS foi desmembrada desse programa, pois desde o início o seu objetivo era atender uma clientela bem específica: filhos de funcionários da área de saúde que trabalhavam em turnos. Portanto em 14 de maio de 1992, através do documento OF/PRE/95/92, uma das solicitações do Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários foi de que: “a atual Creche da Área da Saúde passe para a coordenação administrativa da PREAC¹⁵ (da mesma forma como está sendo transferido o CECI). E depois, em agosto de 1998, a CAS é novamente transferida, agora para a PRDU – Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário.

Para se iniciar a construção da creche, no dia 10 de dezembro de 1987, o então Reitor Prof. Dr. Paulo Renato Costa Souza, baixa a Portaria Interna GR nº 332/87:

Artigo 1º - Fica criada, junto à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, uma Comissão de Assessoria Técnica, composta pelos elementos abaixo, para, sob a coordenação do primeiro, exercer o acompanhamento da implantação da creche da Faculdade de Ciências Médicas do Hospital de Clínicas desta Universidade, até a posse do Conselho constituído nos termos da Cláusula Quinta do Convênio IRCAMP/UNICAMP:

Renato Arruda Fagundes – assessor direto do superintendente

Cecília Guarnieri Batista – psicóloga do IRCAMP

Lucila Eliana Moreira Sandoval – diretora do CECI

Dra. Sofia Helena Valente de Lemos Martini – pediatra da FCM

Riyoko Tsuda Bellentani – enfermeira do HC

Sérgio Antonio de Simone – engenheiro do NUDECRI

Gioconda Picarelli Russo – assistente social do HC

Paulo Roberto Barbosa Crivelenti – engenheiro do ESTEC

O pessoal técnico do NUDECRI – Núcleo de Desenvolvimento de Criatividade, realizou visitas à diversas creches de São Paulo e Região e juntamente com a comissão

¹⁴ IRCAMP- Instituto de Reabilitação de Campinas e FUSSESP – Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo

¹⁵ PREAC – Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários.

técnica criada pela Portaria Interna nº 332/87, elaboraram o projeto da creche. No ano seguinte, em 1988, iniciou-se a sua construção, que foi realizada com a verba da área da saúde: CAISM – Centro de Atendimento Integral à Saúde da Mulher e principalmente do HC – Hospital de Clínicas. Este último, desde a inauguração até hoje, também assume as despesas de gêneros alimentícios, serviços de lavanderia, manutenção e transporte, apesar da CAS, não ser oficialmente subordinado a ele.

Em outubro de 1989, uma comissão elaborou o regimento interno¹⁶ e em março do ano seguinte a CAS- Creche Área da Saúde foi inaugurada com os seguintes objetivos de acordo com esse documento:

- *Cumprir com a emenda constitucional nº 31 de 3 de maio de 1982 que diz: “O Estado manterá, na forma em que a lei estabelecer, nas repartições públicas em que prestam serviço mais de trinta mulheres, local apropriado onde seus filhos, até 7 anos de idade recebam assistência e vigilância, durante o horário de expediente”.*
- *À creche cabe prestar serviços necessários ao acolhimento e à assistência das crianças, filhos das servidoras da área de saúde da Unicamp, preferencialmente das que atuam em esquema de turno ou plantão ou horário especial¹⁷, dando prioridade sempre às crianças mais jovens.*
- *Cuidar das crianças num ambiente adequado para seu bom desenvolvimento bio-psico-social.*
- *Favorecer a manutenção e fortalecimento do elo mãe-filho.*
- *Fornecer à criança atendimento médico sempre que necessário.*
- *Oferecer aos pais a possibilidade de aumentar e/ou modificar seus conhecimentos da assistência global, que levará a criança a desenvolver-se harmoniosamente.*

Mas segundo a diretora o objetivo, inicial e atual, da creche é *“turno, e sempre dando prioridade às crianças mais jovens”*.

A CAS, diferentemente do CECI, já tinha sede própria desde a sua inauguração, que permanece, sem modificações até hoje, não houve ampliações¹⁸. As modificações ocorreram somente no interior do prédio e de acordo com a necessidades detectada pela

¹⁶ Anexo II

¹⁷ Turno: trabalho diário, inclusive em fins de semana e feriados, com folgas pré-determinadas no início de cada mês cujos grupos são escalados nas 24 horas do dia.

Plantão: trabalho em dias ou horas normalmente sem expediente.

Horário especial: trabalho diário de 2ª à 6ª feira em horário incompatível com os recursos oferecidos por outros estabelecimentos de guarda de crianças (geralmente das 7:00 às 19:00 horas).

¹⁸ Planta baixa da creche – Anexo III

equipe, como a reorganização do espaço do salão do Maternal II que será apresentado e discutido nos capítulos 4 e 5 deste trabalho.

Quanto ao funcionamento, a creche sempre trabalhou em turnos e inicialmente seu horário era das 7:00 às 14:00 e das 13:00 às 20:00 horas e recentemente houve uma pequena redução da jornada, passando a funcionar das 6:55 às 13:15 e das 13:00 às 19:20 horas.

A creche foi inaugurada em março de 1990, mas iniciou suas atividades em junho do mesmo ano. Para trabalhar na creche foram chamados os candidatos que já haviam sido aprovados em concurso para recreacionistas e auxiliar de serviços gerais, estes últimos foram destinados a cargos na área de nutrição e de limpeza. Quanto a equipe técnica¹⁹, foi formada por funcionários que trabalhavam no CECI (uma pedagoga, uma assistente social e uma enfermeira) e no HC (duas enfermeiras, uma nutricionista e uma pedagoga). Esses profissionais procuraram espontaneamente a CAS e foram entrevistadas pela diretora.

A creche, então iniciou seu trabalho com sua equipe completa e no período entre a inauguração e o início das atividades, houve um treinamento com todos os funcionários. A instituição começou com 50 crianças, mas em agosto já tinham mais de 120, com isso a equipe também foi aumentando proporcionalmente. E conforme o quadro abaixo, já no final do ano seguinte à inauguração, a creche já atendia um número de crianças próximo a sua capacidade máxima atual, que é de 240 vagas.

¹⁹ Equipe técnica é formada por profissionais de nível superior e que ocupam cargos de supervisão da creche: enfermeiras, pedagoga, psicóloga, nutricionista e assistente social.

Quadro estatístico do número de crianças atendidas por faixa etária

Ano	0 a 1 ano	1 a 2 anos	2 a 4 anos	Total
1990	44	60	64	168
1991	59	83	94	236
1992	50	82	113	245
1993	43	66	131	239
1994	35	63	115	213
1995	36	56	121	213
1996	57	59	110	226
1997	48	77	107	232
1998	33	79	127	239

De acordo com a entrevista realizada com a diretora da CAS, a história de implantação dessa creche, foi bem diferente do CECI. Ocorreu em um curto prazo de tempo, no final de 1987 foi firmado o convênio IRCAMP/UNICAMP/FUSSESP e formada a comissão técnica. No ano seguinte ela iniciou os estudos sobre construção de creches, elaborou-se o projeto e iniciou-se a sua construção e em 1990 começa suas atividades com uma sede própria e equipe completa. Não houve como no caso do CECI, diferentes projetos que foram engavetados, e uma luta constante por uma sede própria e por aumento do número de vagas, pois de acordo com o quadro acima a expansão de vagas na CAS ocorreu rapidamente, atendendo a demanda sem listas de espera.

Quanto ao quadro de funcionários, a CAS apesar do predomínio da área de saúde, inicia com uma equipe de caráter multidisciplinar, com pedagoga, assistente social e nutricionista, além das enfermeiras. E muitos dos funcionários trabalham na instituição desde a sua inauguração: a diretora, três enfermeiras, uma pedagoga, 18 recreacionistas, 2 funcionários da limpeza, 5 dos serviços gerais e 2 do apoio administrativo, sem contar com os funcionários que foram contratados no final do ano de 1990.

No que se refere à participação das mães, no início, logo após a inauguração foi formada uma comissão de mães, mas segundo a diretora, *“quando a máquina vai bem, o pessoal começou a se desinteressar, está de acordo, está satisfeito e a comissão desapareceu”*. Atualmente são feitas reuniões periódicas com os pais ou sempre que for necessário, mas por outro lado, assim como no CECI, eles não participaram da organização das normas ou outras decisões sobre o funcionamento da creche.

E quando questionada sobre as dificuldades encontradas, a diretora afirmou que *“não tivemos nenhuma dificuldade, assim, digna de nota, porque eu acho que essa creche nasceu de uma forma tão gostosa... e a comunidade participou muito”*.

Fazendo um retrospecto desses quase 10 anos de funcionamento da creche, a diretora apontou algumas mudanças que ocorreram no trabalho da creche:

- A primeira delas ocorreu logo depois do início das atividades da creche. Consta no regimento interno, no capítulo “Condições para matrícula”, no item “casos especiais” que: *“crianças excepcionais não poderão ser aceitas porque a creche não terá infraestrutura nem profissionais específicos para esses casos”*. Mas em agosto de 1990, foi matriculada uma criança, de 7 meses, com deficiência visual. A creche não teve dúvidas em aceitar a criança e quando ela começou a andar, a instituição pediu auxílio ao CEPRE²⁰, que realizou discussões sobre o caso e deu todas as orientações específicas a esse tipo de deficiência. Segundo a diretora foi uma experiência muito rica, todos os funcionários da creche aprenderam muito, além da criança e de seus colegas que conviveram com ela durante todo o tempo que permaneceu na creche (até os 4 anos).

Uma outra mudança que ocorreu, também foi referente ao capítulo “Condições para matrícula”, no item “permanência da criança na creche” do regimento interno, que diz que: *“A criança poderá freqüentar a creche durante a licença de gestante da mãe somente enquanto esta estiver na maternidade”*. Segundo a diretora isso ocorria, pois a creche era vista como *“um direito da mulher trabalhadora, mas depois com a nova LDB²¹, a creche é agora direito da criança e não mais direito da mulher, então mesmo na licença gestante, a criança pode freqüentar (a creche) normalmente”*.

²⁰ É um centro da Unicamp que trata de crianças com deficiência.

²¹ Legislação – Anexo I

Então, sob o olhar da diretora, foi dessa forma que se deu a implantação da CAS na Unicamp. O quadro de funcionários, a rotina, a estruturação do trabalho, os projetos pedagógicos da creche atualmente, serão abordados no próximo capítulo.

3. CAS - CRECHE ÁREA DE SAÚDE DA UNICAMP

Este capítulo trata da organização, funcionamento e rotina das crianças na CAS. Foi baseado nas entrevistas realizadas com as supervisoras dos módulos do Berçário, Maternal I e II. Os questionários utilizados nas entrevistas encontram-se no anexo IV.

A CAS – Creche Área de Saúde está situada à rua Carlos Chagas, 351 na Cidade Universitária Zeferino Vaz da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e foi inaugurada no dia 26 de março de 1990 para atender, de acordo com seu Regimento interno²², os filhos das funcionárias da área de saúde desta instituição que trabalham em regime de turno, isto é, *“trabalham diariamente, inclusive em fins de semana e feriados, com folgas pré-determinadas no início de cada mês, cujos grupos são escalados nas 24 horas do dia”*.

Desde sua inauguração, como foi apresentado no capítulo anterior, a CAS possui sede própria²³, com uma área de aproximadamente 1000m²; foi mobiliada e equipada com a verba da área de saúde com a participação do HC - Hospital de Clínicas, do CAISM – Centro de Atendimento Integrado à Saúde da Mulher e da FCM - Faculdade de Ciências Médicas. Atualmente a Creche Área de Saúde está subordinada à PRDU – Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário, porém é o Hospital das Clínicas que presta serviços de manutenção, fornece gêneros alimentícios e material de consumo à instituição.

3.1 Sua organização

Hoje a CAS tem capacidade para atender 240 crianças e seu horário de funcionamento no período da manhã é das 6:55 às 13:15 horas e à tarde das 13:00 às 19:20 horas. Devido ao fato de atender crianças, cujas mães trabalham em regime de turno, a instituição também funciona nos fins-de-semana e feriados. Para tanto, é solicitado às mães que levem, até o dia 28 de cada mês, suas escalas de plantões e folgas para que a creche também possa organizar sua escala de acordo com o número

²² Anexo II

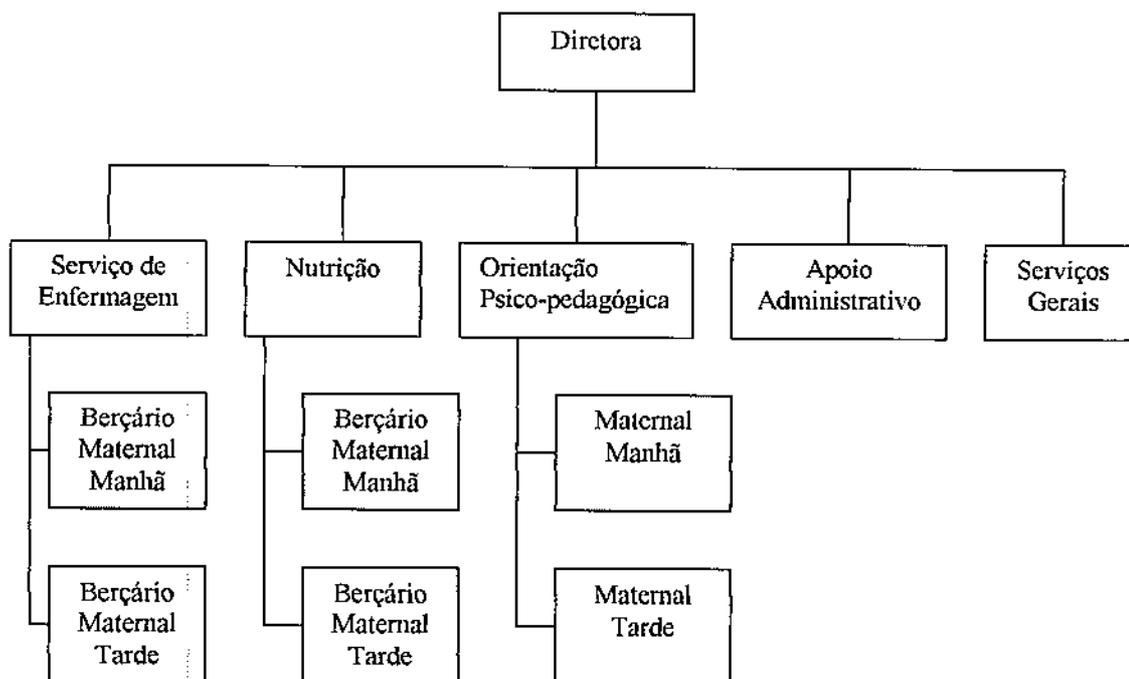
²³ Planta Baixa – Anexo III

de crianças que a freqüentarão nesses dias. O trabalho nos dias de plantões é supervisionado por um membro da equipe técnica²⁴: pedagoga, enfermeira, psicóloga, nutricionista ou assistente social.

Para realizar o seu trabalho, a creche possui o seguinte organograma e conta com 85 funcionários, sendo que 58 são concursados da Unicamp e 27 contratados pela Funcamp.

Além da parte administrativa, a creche é dividida nos seguintes módulos: Berçário que atende os bebês de 2 meses e meio a 1 ano e o Maternal I e II que atendem crianças de 1 a 2 anos e de 2 a 4 anos, respectivamente. Cada um deles possui uma supervisora, um equipe de recreacionista, de nutrição (cozinheiras) e de limpeza, além de salão coberto, sanitários, salas, área de lazer externa independentes.

Organograma da CAS



²⁴ Equipe técnica é formada por profissionais de nível superior e que ocupam cargos de supervisão da creche.

Quadro de Funcionários da CAS

Categoria Profissional	Unicamp	Funcamp
Equipe Técnica	09	01
Equipe de Recreacionistas	28	16
Equipe de Nutrição	06	06
Equipe de Higiene e Limpeza	09	03
Equipe de Lavanderia e Costura	02	—
Segurança	01	—
Auxiliar Administrativo	02	—
Técnico Administrativo	01	—
Total	58	27

A equipe técnica é formada por profissionais de nível superior (enfermeiras, pedagogas, psicóloga, nutricionista e assistente social) que ocupam cargos de supervisão do serviço de enfermagem, de nutrição, orientação psico-pedagógico, apoio administrativo e serviços gerais, além da supervisão dos três módulos da creche.

Cada módulo possui uma supervisora, que no caso do Berçário e do Maternal I são Enfermeiras e no Maternal II é uma Pedagoga; que realizam um trabalho integrado com as outras áreas da creche como a psicologia, a nutrição, a pedagogia e a assistência social.

A equipe de recreacionistas é composta por 44 profissionais, sendo que 2 possuem ensino fundamental completo, 4 ensino médio incompleto e 17 completo, 11 com curso de Magistério, 7 com ensino superior incompleto e 3 com curso de Pedagogia. Desse total 9 são volantes, isto é, ficam com as turmas no dia ou período em que uma funcionária falta, tira férias ou licença.

O grupo do pessoal da nutrição é supervisionado pela nutricionista, possui três grupos de duas funcionárias que trabalham na cozinha de cada um dos módulos, sendo responsáveis pelas três refeições dos Maternais e pelas papas e sucos do Berçário.

Fazem parte do que a creche chamou de serviços gerais, as equipes de higiene e limpeza, lavanderia e costura e segurança que atendem toda a instituição.

Quanto ao espaço físico, o Berçário possui três quartos, uma sala para a amamentação, área para banho e troca de fraldas, copa, cozinha, sala da supervisora, banheiro de funcionários e uma área externa com árvores, bancos e um tanque de areia. Os Maternais possuem cada um deles, 4 quartos²⁵ ou salas, um parque com brinquedos, árvores e tanque de areia e as demais dependências como no Berçário.²⁶

3.2 A Trajetória da criança na creche

3.2.1 Grupo de gestantes e matrícula

O atendimento da criança na creche se inicia antes mesmo dela nascer, com o trabalho do grupo de gestantes: a cada 15 dias é prevista uma reunião em que as funcionárias da área da saúde que estão no 7º mês de gestação são convidadas a participar juntamente com parte da equipe técnica da creche: a Nutricionista, a Psicóloga, a Assistente Social, a Enfermeira responsável pelo Berçário e a Odontopediatra, de reuniões do grupo de gestantes.

Segundo a supervisora do Berçário, durante a reunião do grupo de gestantes a *“assistente social passa os documentos, o que seria necessário para estar sendo feito o ingresso da criança na creche, a solicitação de vaga nesse momento, e orientações sobre a parte de aleitamento e cuidados com o bebê, principalmente nos primeiros dias, então a gente tem um vídeo que fala sobre o aleitamento, então como seria o cuidado da mama ainda no período de gestação e mesmo depois do nascimento do bebê, a forma de estar amamentando, de estar cuidando da criança e da própria mãe”*.

Através da solicitação de vagas feita nessa reunião é que a creche faz uma previsão de quantas crianças vão passar a frequentá-la a cada mês e realizar, se necessário o remanejamento interno das crianças.

No grupo de gestantes também há um momento em que as mães trocam experiências: aquelas que já tiveram filhos falam sobre suas dificuldades, como é o atendimento da creche, como foi a adaptação do seu outro filho na instituição. Todo esse trabalho tem como objetivo, além de orientar a mãe, diminuir sua ansiedade,

²⁵ Os termos quarto ou sala foram utilizados, pois durante as entrevistas com as supervisoras, o local onde ficam as crianças é ora chamado de sala, ora de quarto, pois ele é utilizado tanto para fazer atividades (ex. chamada, contar história, desenho, pintura...) como para o repouso, quando são dispostos no chão colchões para as crianças dormirem.

²⁶ Planta baixa da creche – Anexo III

permitindo que troque experiências e conheça o local e o serviço que cuidará de seu filho quando ela voltar a trabalhar.

Após alguns dias do nascimento do bebê, ou durante o primeiro mês, a mãe entra em contato com a creche e informa o nome, a data de nascimento e como está o desenvolvimento do bebê. E depois, 30 dias antes de voltar a trabalhar, a mãe marca uma data para fazer a matrícula, que ocorre a cada quinze dias, alternando com as reuniões do grupo de gestantes, que também ocorrem com essa frequência.

A matrícula é realizada em duas etapas: uma individual e outra em grupo. Na primeira, a mãe informa à supervisora do Berçário, como é a rotina do seu filho, como está o seu desenvolvimento, como ele costuma dormir, se usa ou não chupeta; ela dá informações gerais sobre o bebê.

Na parte em grupo, podem participar não só as mães, como também os pais, os avós, os familiares que queiram conhecer a creche. Nesse momento, a supervisora do Berçário explica toda a rotina, quais os fatores que podem facilitar ou dificultar a adaptação do bebê, responde a todas as dúvidas e ansiedades dos familiares e mostra o espaço físico do Módulo e se possível, apresenta as recreacionistas responsáveis pelo quarto em que cada bebê irá ficar.

Durante toda a história da creche não houve nenhum momento em que a demanda fosse superior ao número de vagas, mas, segundo a Diretora da instituição, caso isso ocorra, a seleção será mediante a análise da avaliação socio-econômica das famílias realizada pela assistente social.

3.2.2 O Módulo do Berçário

3.2.2.1 Adaptação do bebê na creche

O bebê só pode frequentar a creche a partir de 2 meses e meio e quando já estiver com as vacinas, tríplice, sabin e BCG, em dia.

Desde o primeiro dia o bebê passa todo o período na creche, ao invés de aumentar, gradativamente, o número de horas com o passar dos dias. Isso ocorre, pois a creche realiza todo um trabalho de esclarecimento, de informações às mães e familiares sobre o seu atendimento antes do bebê iniciar, em dois momentos: no grupo de gestantes e na matrícula, a fim de dar uma maior segurança à família, tentando diminuir ao máximo a ansiedade.

Um outro motivo para o bebê iniciar já por todo o período é que de acordo com o artigo 396²⁷ da Lei Trabalhista, a mãe pode se ausentar do seu serviço por 1 hora, durante sua jornada de trabalho, para amamentar o seu filho, até que ele complete seis meses. Então a mãe, durante o período de 6 horas e 20 minutos, vai duas vezes, à creche para amamentar, está portanto com a criança a cada 2 horas, 2 horas e meia, o que a creche considera um tempo próximo, o que facilita a adaptação do bebê.

Além disso, a mãe pode ir ver seu filho ou ligar a qualquer momento. A entrada de familiares também é permitida, mas é solicitado que estes venham com a mãe, no horário da amamentação para não interferir na rotina das outras crianças e por motivo de segurança: a mãe que traz uma visita se responsabiliza por ela, evitando assim, que pessoas estranhas circulem pela creche.

De acordo com a entrevista supervisora do Berçário,

“quando a mãe inicia com a gente, principalmente nos primeiros 15 a 20 dias, a gente fica numa atenção maior com ela e com o bebê, justamente para propiciar uma mudança tranquila. Tem algumas crianças que estranham mais, outras menos, vai muito, dentro do que a gente observa, de como é realmente a rotina da criança em casa: se é uma criança, que é uma de nossas maiores dificuldades, que só dorme vinculada ao seio, ou então só balançando...É o que eu sempre coloco para as mães na matrícula: que não é que a gente não pega a criança, que não brinca, que não cuida, muito pelo contrário... a gente procura ir tentando passar para a mãe que a gente pode dar carinho, atenção para a criança, tentar suprir sua necessidade, mas sem ficar uma coisa totalmente dependente, para que ela também vá desenvolvendo o potencial dela, vá se integrando, se socializando com as outras crianças e tendo uma interação com o ambiente”.

Depois de 20 dias, 1 mês, o bebê e a mãe já estão totalmente adaptados à rotina, à creche.

3.2.2.2 Período de Amamentação

É solicitado à mãe que ofereça o leite ao seu filho antes de sair de casa, ou então, na creche logo que chegam. E depois durante o período em que o bebê fica na instituição, as mães, tanto as com aleitamento exclusivo, como as com aleitamento artificial vão até lá duas vezes por meia hora durante sua jornada de trabalho²⁸,

²⁷ O Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, que aprovou a Consolidação das Leis Trabalhistas. **Art. 396** – Para amamentar o próprio filho, até que este complete 6 (seis) meses de idade, a mulher terá direito, durante a jornada de trabalho, a dois descansos especiais de meia hora cada um.

²⁸ Respeitando o artigo 396 da Lei Trabalhista.

amamentar seus filhos. O horário de amamentação é por volta das 9:00 e das 11:00 horas.

Há uma sala de amamentação, onde mãe e filho podem ter maior privacidade, ou então a área externa do Berçário, o parque, também pode ser utilizado, principalmente nos dias mais quentes.

Como a creche não conta com um lactário, as mães que alimentam seus filhos com leite artificial, precisam levar uma mamadeira para cada horário de amamentação, com identificação e deixá-las na copa, onde as copeiras as esquentarão no momento em que a mãe chegar para o aleitamento.

Ainda em relação à amamentação, por um lado a CAS incentiva o aleitamento exclusivo, mas por outro há uma preocupação, devido à especificidade das mães dos bebês que a freqüentam, pois

“uma boa parte é de enfermarias, de atendimentos que têm um nível de stress muito grande, então a gente procura ir vendo assim: mesmo aquelas que estão com leite exclusivo... se está sendo muito stressante de estar mantendo essa amamentação exclusiva, ou então às vezes, a criança está solicitando alguma outra necessidade, a gente rediscute, pede para que ela entre em contato com o pediatra, porque não adianta querer preservar exclusivamente o aleitamento se ela não está tendo condições ou físicas ou emocionais para estar solicitando isso, para estar mantendo... Então a gente tenta ir rediscutindo até achar um jeito assim, que ela possa ficar bem e o bebê também”.

3.2.2.3 Rotina

O Módulo do Berçário possui três quartos²⁹ com capacidade para atender 10 crianças, sendo que cada um deles tem duas recreacionistas responsáveis. A creche segue a orientação da OMS – Organização Mundial da Saúde: nessa faixa etária deve ter um adulto responsável para cada cinco crianças.

Na medida do possível os quartos são divididos por faixa etária, mas como a rotatividade das crianças é grande não se consegue formar quartos com uma única idade, então procura-se colocar duas faixas etárias por turma e não deixar as crianças em período de adaptação no mesmo quarto para não sobrecarregar as funcionárias, uma vez que segundo a supervisora, *“fica complicado quando são crianças que estão chegando praticamente “super” bebês e tem outros por volta de 10 meses, então a*

²⁹ Aqui também é utilizado o termo quarto, pois durante a entrevista a supervisora chama as salas onde ficam as crianças de quartos, por ser o local onde estão os berços nos quais os bebês fazem seu período de sono.

criança estranha o choro, o barulho, a movimentação, então os menorzinhos estranham muito isso e o horário de sono também não “bate””.

A creche tem uma rotina que inclui um horário de sono, mas a supervisora ressalta que as crianças não são obrigadas a dormir, se elas não sentirem necessidade de descansar, podem ir ao salão para brincar. Porém há uma preocupação, por parte das funcionárias, de preservar o que elas chamam de lado emocional do bebê, isto é, verificar se ele não faz o período de sono porque não está conseguindo se adaptar, se ele fica irritado, não conseguindo comer direito influenciando no seu ganho de peso (que é um fato que preocupa muito as mães) ou se ele não sente necessidade de dormir.

A rotina das crianças no Berçário é a seguinte:

7:00 horas – chegada. Os bebês que não foram amamentados em casa são alimentados assim que chegam.

7:30 horas – as crianças tomam vitamina, ou eventualmente, suco de frutas. Trocam-se as fraldas e então tem-se o período de sono, que nem todos fazem. Quando isso ocorre, eles são levados para o salão ou para a área externa.

9:00 horas – horário de amamentação dos bebês.

9:30 horas – as crianças acordam e as recreacionistas trocam as fraldas.

10:00 horas – almoço. E depois é o momento de lazer no salão ou no parque.

11:00 horas – horário de amamentação dos bebês. E o segundo período de sono.

12:30 horas – crianças acordam, trocam as fraldas e se oferece vitamina e as que tem 10 meses levam para casa um lanchinho igual ao do Maternal.

A alimentação das crianças varia de acordo com a idade: segundo orientação da pediatria do Hospital de Clínicas da Unicamp, por volta dos 5 meses para crianças com leite artificial e dos 5 meses e meio para as com aleitamento materno, o bebê já começa a ter necessidade de complementações na alimentação. Então, inicia-se a introdução do suco e da vitamina, depois de alguns dias a papa de frutas e na semana seguinte a papa com dois legumes inicialmente e intercalando os tipos para verificar se a criança tem alguma intolerância, para então, oferecer uma papa completa com carne, cereal e legumes.

Nesse mesmo período, a mãe quando para de ir à creche duas vezes durante sua jornada de trabalho para amamentar seu filho, recebe orientações da Supervisora

do Berçário, para iniciar o desmame, uma vez que a criança já tem necessidade de outro tipo de alimentação, que não somente o leite e na creche também já está ocorrendo as alterações necessárias na dieta do bebê.

E por volta dos 10 meses, a criança começa a comer a papa do Maternal, com arroz, feijão, carne e legumes. E a levar o lanche³⁰ na hora da saída, para ir preparando-a para a sua mudança para o Maternal.

Quanto às atividades na hora de lazer, a supervisora da área psico-pedagógica da creche é quem orienta essas atividades, dá sugestões sobre brincadeiras e o que usar no dia-a-dia com as crianças. As recreacionistas procuram incentivar o cantar, realizam atividades que propiciam o desenvolvimento motor (pegar, sentar, engatinhar, andar) e a sua socialização. Para tanto as recreacionistas e as crianças passam o maior tempo possível realizando atividades no chão do salão³¹, para que a criança possa explorar livremente o espaço.

Nesse Módulo, a Enfermagem tem um papel educativo-preventivo: as Enfermeiras dão orientações tanto às mães como às recreacionistas, sobre o aleitamento, a alimentação, a higiene, o desenvolvimento e a saúde da criança.

Semanalmente é feito um controle do peso, altura e perímetro cefálico do bebê, para se ter uma visão geral do desenvolvimento da criança. Caso a criança não esteja se desenvolvendo bem, a creche orienta a mãe a procurar um pediatra ou outro especialista, com o qual a creche entrará em contato para tomar, as devidas e as possíveis, providências para auxiliar o bebê no seu desenvolvimento.

No momento da entrada, a mãe informa à recreacionista se a criança teve algum problema à noite, e se está tomando algum medicamento. A Enfermagem, então, dá os remédios, observa as crianças que não estão bem de saúde. E a Enfermeira (que no caso do Berçário é a supervisora) é quem avalia se uma criança tem condições de ficar na creche, ou se é melhor chamar a mãe para que ela procure um pediatra. Essa decisão é sempre tomada levando em consideração a observação da recreacionista que cuida da criança todos os dias, pois ela quem é melhor capacitada para dizer se o bebê está muito diferente do que de costume.

³⁰ O lanche é igual ao dos Maternais, um sanduíche e uma fruta que a criança leva para a casa.

³¹ Durante o projeto "Conhecendo minha creche, meu espaço", uma das alterações do Berçário foi a criação do "quadrado" como foi chamado, que é uma área grande do salão delimitada com cerquinhas de madeira, onde somente as recreacionistas e os bebês podem ficar e brincar no chão. Não é permitido que as mães e outras pessoas entrem nesse espaço para mantê-lo o mais limpo possível.

A passagem de um módulo para o outro, ocorre de acordo com a necessidade do Berçário de atender novos bebês e da disponibilidade de vagas do Maternal I (crianças de 1 a 2 anos), ocorrendo, quando as crianças têm por volta dos 10 meses até no máximo 1 ano, antes mesmo delas começarem a andar. Este fato, muitas vezes aflige a mãe, mas segundo a supervisora:

“... a gente tentou esperar a criança a ter a marcha para estar mudando (de módulo), mas a gente notou (isso é uma observação mesmo mais nossa), que a gente estava assim, em parte, não favorecendo a criança a ter esse desenvolvimento, então que o fato dela mudar para o Maternal, mesmo não tendo a marcha estabelecida, era melhor do que ficar retendo ela aqui no Berçário até ela ter a marcha, porque quer queira, quer não vai mobilizando a criança a buscar esse movimento, a querer uma maior independência, se fortificar. Então a gente notou que isso favorece muito, então por isso que atualmente o limite mesmo é a nível de 1 ano, a menos que a criança tenha alguma necessidade por saúde.. então o maior fator limitante é a parte de saúde, mas a nível de desenvolvimento, a gente tem observado que é preferível que a gente limite menos a criança mudando logo e permitindo uma maior expansão, seja de espaço, de atividades, do que ficar no Berçário..

Então, antes de ocorrer a passagem, o Berçário faz algumas alterações na rotina da criança quando ela atinge os 10 meses, a fim de que ela se adapte mais facilmente, quando for para o outro Módulo. Nessa idade, quando ela já começa a dormir menos, não fazendo, normalmente o primeiro período de sono, as recreacionistas a levam para brincar no parque do Maternal I, para já irem se familiarizando com o local, com as crianças e com as outras recreacionistas.

Nessa fase também, há alteração no almoço: as crianças passam a comer a mesma comida que é servida no Maternal I.

Para fazer a passagem das crianças, a supervisora do Berçário verifica com a supervisora do Maternal I o número de vagas disponíveis, seleciona as crianças, principalmente de acordo com a faixa etária e chama as mães para uma reunião.

Nessa reunião apresenta-se a supervisora do Maternal I e esta informa às mães, sobre a rotina, o que muda e conhecem o seu espaço físico desse Módulo, e as recreacionistas que passarão a cuidar de seus filhos. Tira-se todas as dúvidas da mãe, sendo que a sua maior angústia, preocupação é o fato de seu filho, na grande maioria dos casos, ainda não andar e já ter que conviver com os maiores, em um espaço mais livre. Porém, é explicado a elas que o fato de seus filhos conviverem com as crianças maiores, que andam, correm e as próprias atividades do Módulo, as estimulam para que elas adquiram a marcha mais rápido, favorecendo o seu desenvolvimento.

O período de adaptação, então, ocorre oficialmente³², durante três dias. Nesses dias, as mães entregam seus filhos no Berçário, eles tomam a vitamina e trocam de fraldas e depois são levados para brincar no parque do Maternal I, onde eles ficam todo o período do parque e do almoço, para se acostumarem a almoçar utilizando mesa e cadeira, pois até então, elas eram alimentadas nos cadeirões. Algumas crianças voltam às 11:00 horas e fazem o período do sono no Berçário, e as que não estiverem estranhando e quiserem, podem fazer o sono no Maternal I, utilizando os colchonetes ao invés do berço. No quarto dia elas mudam em definitivo, as crianças passam a frequentar o Maternal I, terminando todos os seus vínculos com o Berçário.

Também é solicitado à mãe que evite tirar férias próximo à mudança de Módulo, mas nem sempre isso é possível, caso isso ocorra, a criança sai de férias e quando volta vai direto para o outro Módulo, porque a supervisão da creche acredita que dessa forma é menos desgastante para a criança, pois assim ela não passaria por dois períodos de adaptação, um quando retorna à creche e outro com a mudança de Módulo.

3.2.3 Maternal I

Este Módulo atende crianças de 1 a 2 anos de idade e possui quatro quartos com capacidade para 14 crianças, tendo 2 recreacionistas responsáveis por cada turma, uma média de 7 crianças por adulto. A organização dos quartos é feita de acordo com a faixa etária e o desenvolvimento físico e intelectual da criança.

A rotina do Maternal I é a seguinte:

7:00 horas – chegada.

7:30 horas – troca de fraldas ou uso do penico.

8:00 horas – lanche.

8:30 horas – parque e/ou atividades dirigidas no salão.

9:30 a 9:45 horas – banho

10:15 horas – almoço.

10:45 horas – higiene das mãos e rosto.

³² Oficialmente, pois quando a criança está próximo dos 10 meses e ela não faz o primeiro período de sono, a recreacionista a leva para brincar no parque do Maternal I, para que ela conheça o local, se familiarize com as crianças e recreacionistas desse Módulo.

11:00 horas – hora do sono.

12:30 horas – acordam, troca fraldas ou uso do penico.

13:00 a 13:15 horas – saída.

A alimentação no Maternal I consiste em três refeições: um lanche de entrada quando são oferecidos à criança suco ou vitamina de frutas acompanhados de pão, bolo ou bolacha, sendo que em três vezes por semana eles são substituídos por ovo cozido; almoço ou jantar com arroz, feijão, carne, legumes, salada de folhas, frutas e suco natural; e lanche de saída com pão recheados com patê e fruta que as crianças levam para casa.

As crianças já utilizam cadeiras e mesas e inicialmente são alimentadas pelas recreacionistas, mas com o passar do tempo, são incentivadas a comerem sozinhas.

No momento do parque, as turmas são divididas em duas: os menores até 1 ano e meio que vão para o parque primeiro e os maiores, de 1 ano e meio a 2 anos, que nesse momento tem uma atividade dirigida no salão. Segundo a Supervisora, essa divisão é feita pois o parque não comporta todas as crianças juntas e para se evitar o problema das mordidas que são comuns nesta faixa etária, quando os maiores tendem a morder os menores.

Os menores então, vão ao parque e têm *“uma atividade livre-dirigida: eles têm todo o espaço do parque para descobrirem, para explorarem, mas a tia (recreacionista) faz a vigilância e brinca junto, então é a tia que ensina a subir no escorregador, ela está ali do lado, é a tia que ensina a brincar de fazer bolo de areia”*.

E os maiores tem as atividades dirigidas com duração de mais ou menos, 15 minutos e depois a exploração livre do salão, que possui um escorregador, pneus e bolas. As recreacionistas são orientadas pela Coordenadora da área psico-pedagógica da creche e atualmente elas estão fazendo um estudo sobre quais as atividades são mais adequadas para essa faixa etária, que eles têm maior interesse para então começarem a realizar um planejamento das atividades, pois segundo a supervisão, têm épocas que elas trabalham várias coisas, como desenho, massinha, pintura, mas grande parte do tempo realizam apenas exploração livre do espaço.

Atualmente, elas costumam realizar as seguintes atividades:

- contar histórias, utilizando fantoches; nomear objetos para os menores e contar histórias curtas para os maiores;

- pintar com giz de cera, tinta guache, tinta plástica utilizando um papel maior para os menores ou forrar o chão;
- desenho livre;
- no verão brincam bastante com água no parque;
- aulas de educação física³³, com pneus, bolas, minhocão, saco de areia, bambolê.

Uma dificuldade enfrentada pelas recreacionistas e supervisora, é que elas não possuem um momento específico para realizar um planejamento do dia, para planejar e preparar as atividades. O único momento mais livre é quando as crianças estão dormindo (uma das recreacionistas sempre tem que fazer a vigilância do sono), mas esse tempo é utilizado também para elas almoçarem, terem reuniões.

Além da atividade dirigida, as crianças maiores, também são responsáveis pelo cuidado de um aquário e há o momento de exploração do salão, com as bolas, pneus, escorregador, é quando a criança pula, corre, sobe, chuta bola, roda pneu...

Quanto ao papel da Enfermagem no Módulo, assim como no Berçário, é a enfermeira quem dá os remédios à criança e faz inalações mediante orientação e receita médica do seu pediatra, além de avaliar o estado geral da criança se ela estiver doente e decidir se ela tem condições de permanecer na creche ou se deve chamar a mãe para que ela procure o médico, mas

“não vai ser qualquer doencinha que a gente manda embora, uma diarréia, uma febre, um mal estar leve a gente dá conta de cuidar e permanecer com a criança... mas se sair do controle, a criança está desidratando, tá ficando ruim, não está conseguindo acompanhar nada, só quer o colchãozinho, só quer dormir, então chama-se a mãe, para que ela realmente tome a melhor conduta que geralmente é levar ao médico”.

Nesse Módulo, também há o controle do peso e altura da criança, que é realizado mensalmente. Através desse controle, quando se percebe que a criança não está se desenvolvendo bem fisicamente, a Enfermeira orienta a mãe a procurar o pediatra de seu filho.

Quando a criança faz um ano, há um programa de controle de verminose, quando se solicita, nas reuniões com os pais, que levem anualmente, um resultado de exame protoparasitológico de fezes de seus filhos. Caso o exame dê positivo, é feito o tratamento de acordo com a orientação médica e é pedido o resultado de um

³³ São chamadas de aulas de educação física, as atividades dirigidas no salão que envolvam movimentos corporais e utilizam materiais como: bola, bexiga, minhocão, saco de areia, bambolê, pneu.

exame indicando que negativou. Também é solicitado um exame de Urina I, pois a infecção de urina, principalmente nas meninas, pode se apresentar mascarada e interferir no ganho de peso da criança.

Semestralmente as recreacionistas preparam um relatório sobre o desenvolvimento de cada criança e há uma reunião com os pais, onde se aborda o desenvolvimento do seu filho, sob os aspectos físicos, nutricionais e principalmente psicopedagógicos, além de apresentar os dados do controle pôndero-estatural realizado mensalmente.

Além disso a creche também faz um controle da carteirinha de vacinação, pois todas as crianças têm que tomar as vacinas de acordo com o calendário do Governo Federal, para freqüentar a creche.

Quanto à passagem das crianças para o outro Módulo, assim como no Berçário, ocorre de acordo com a faixa etária e o número de vagas disponíveis no Módulo seguinte e o requisitado pelo anterior. Não há uma data específica no calendário para se fazer a mudança, ela ocorre de acordo com a demanda. As crianças de um mesmo quarto são transferidas de um Módulo ao outro juntas, a não ser que se tenha um número menor de vagas.

Então, um mês antes da troca de Módulos, há uma reunião com as mães e as supervisoras, quando se apresenta a rotina do Maternal II,

“explica-se que a partir de agora passa a ser cada vez mais atividades pedagógicas, começam a ser cada vez mais vistos do ponto de vista escola... a enfermagem passa a ser um apoio nas questões de emergência, de controle, mas o forte da criança passa a ser as atividades pedagógicas”.

Nesse momento, também são apresentados o espaço físico e as recreacionistas que serão responsáveis pelos seus filhos.

A adaptação ocorre principalmente no horário de parque, à partir da reunião com as mães, as recreacionistas são orientadas a levar as crianças para brincarem no parque do Maternal II com as outras crianças, conhecerem os outros funcionários e não sintam falta da recreacionista antiga no momento da troca oficial dos Módulos.

3.2.4 Maternal II

Este Módulo possui 4 salas ou quartos com capacidade para atender 20 crianças de 2 a 4 anos cada uma, com duas recreacionistas responsáveis. A divisão dos quartos também é de acordo com a faixa etária.

A rotina do Maternal II é a seguinte:

7:00 horas – chegada e recepção no salão.

7:15 horas – as crianças vão para a sala, guardam o material, fazem a roda da conversa, chamada e atividades elaboradas pelas recreacionistas.

8:30 horas – lanche.

9:00 horas – hora do parque ou uma atividade específica como dança ou educação física.

10:00 a 10:15 horas – tomam banho ou lavam o rosto, as mãos e trocam de roupa.

10:30 a 11:00 horas – almoço.

11:30 horas – hora do sono.

12:30 horas – eles acordam e se preparam para ir embora.

13:00 a 13:30 horas – saída.

Quanto a alimentação ela é semelhante à do Maternal I. Neste Módulo, as crianças são servidas pelas recreacionistas, mas já comem sozinhas. A partir do 2º semestre as crianças mais velhas, as de 4 anos, passam a se servir sozinhas, pois segundo a supervisora do Módulo,

“... no segundo semestre, a gente já vai começar a prepará-las para ir para outro espaço (Prodecad e Emei)... no Prodecad, na Emei, (a alimentação) são em “self-service”, então são as crianças que preparam o pratinho...então as de 4 anos já vão começar a se servir, preparar para não chegar lá e ser novidade, estranhar, então a gente já vai começar a usar esse “self-service””.

O Setor de Nutrição também realiza uma série de atividades com a criança como por exemplo: fazem lanche divertido, as crianças vão à cozinha e preparam os lanches; estimulando a comer verduras contando histórias; fazem bolo; dia da bolacha, quando as crianças preparam as bolachas, assam e levam para casa de lanche; semana do índio, quando pesquisam o que o índio come e fazem os pratos. E um projeto que se pretende fazer é conhecer e comer pratos típicos de diversos países como Japão, Itália...

De acordo com a entrevista com a supervisora, quando as crianças chegam, há uma recepção no salão em que elas podem brincar em um dos cantos (casinha da boneca, fantasia, jogo) ou então ir para o canto da biblioteca, onde a supervisora do Módulo, ou alguma recreacionista lê ou conta uma história com fantoches. Esse espaço lúdico pode ser livremente utilizado pelas crianças, elas *“chegam e brincam, escolhem os brinquedos que lhe convém, o tipo de brinquedo que vai mais aguçar a sua espontaneidade no brincar...”*. A criação desse espaço faz parte de dois projetos da creche: “Conhecendo minha creche, meu espaço” e “Espaço educativo creche”.

Neste Módulo, quando as crianças vão para as salas, elas realizam atividades, como a roda da conversa, a chamada e as atividades pedagógicas (pesquisa, pintura, desenho, recorte e colagem...). Esses trabalhos são orientados pela Supervisora e elas trabalham com projetos que abrangem todas as áreas (Pedagogia, Nutrição e Enfermagem) e que são elaborados pela Coordenadora Psico-pedagógica, pelas Pedagogas (Supervisoras do Módulo nos dois períodos, manhã e tarde) e pela Psicóloga. Este projeto é então, apresentado às recreacionistas e elas elaboram as atividades que serão trabalhadas com as crianças. Então, de acordo com o projeto as recreacionistas realizam com as crianças atividades com tinta, desenho, recorte, pesquisa...

Além disso, com as crianças maiores de 2 anos também são realizadas atividades como exploração do campus universitário como a Faculdade de Educação Física, Feira, Museu e passeios fora do campus como visitas ao zoológico, Bosque, Lagoa do Taquaral e Exército. Durante o período em que estive na creche realizando a coleta de dados deste trabalho, foram feitos dois passeios: um no Parque Ecológico para visitar uma exposição indígena e outro na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade, onde as crianças conheceram uma plantação de morangos. E a creche também realiza atividades juntamente com os pais como por exemplo, festa junina, festa natalina e festa de formatura.

A Enfermagem neste Módulo, é um serviço de apoio que realiza, bimestralmente, o controle pômbero-estatural das crianças, dá os remédios e atende à situações de emergência, como por exemplo uma criança que cai e se machuca no parque.

E nos casos em que chega uma criança que não freqüentava a creche, há uma adaptação diferente daquela feita com as crianças que vêm do Maternal I. Nesta situação, a mãe passa um dia inteiro com seu filho na creche, conhecendo a rotina,

familiarizando com a sua turma e com as recreacionistas, participa das atividades, brinca com as outras crianças. E no dia seguinte a criança passa a ficar sozinha, mas segundo a Supervisora, a criança não estranha muito, pois há muita brincadeira e geralmente elas já freqüentaram outras creches.

E, assim como nos outros Módulos, semestralmente as recreacionistas realizam uma avaliação do desenvolvimento observando os aspectos psicológicos, social e motor de cada criança, discutem com a supervisora do Módulo e marcam uma reunião individual com os pais ou responsáveis para apresentá-la.

No final do ano ou no começo do ano seguinte tem uma festa de formatura das crianças que completaram 4 anos e vão passar para outros serviços, como a EMEI e o PRODECAD.

3.3 O Projeto Pedagógico da Creche

Esta parte do trabalho baseia-se na entrevista com a responsável pela área psico-pedagógica da CAS, nas cópias do projeto pedagógico e dos projetos relacionados com o espaço físico que foram e que estão sendo trabalhados durante este ano e nas observações realizadas principalmente no Módulo do Maternal II, durante o período de março a agosto de 1999.

Segundo a coordenadora da área psico-pedagógica a creche possui um Projeto Pedagógico que norteia todo o seu trabalho. Ele existe desde o início da Instituição e está sendo constantemente re-construído. Atualmente é a terceira versão, mas que está em um período de transição, está sendo novamente reformulado. No entanto os seus dois princípios básicos são os seguintes:

- *“O trabalho da creche é multidisciplinar, para a realização de um trabalho educativo, são várias áreas que se integram, tanto no aspecto do educar, como do cuidar”.*
- *“Que as áreas (Pedagogia, Enfermagem, Nutrição, Psicologia e Assistência Social), a equipe técnica se reúna com freqüência para discutirem o trabalho que está sendo realizado na creche”³⁴.*

Para realizar o seu trabalho baseado em seu Projeto Pedagógico, no final de cada ano, a equipe técnica da CAS se reúne e monta um cronograma de atividades

³⁴ Estes são princípios básicos do projeto pedagógico de acordo com a entrevista com a coordenadora da área psico-pedagógica, que conforme o organograma da creche orienta todos os módulos da instituição.

com contribuições de todas as áreas e dentre elas existem os projetos da Pedagogia. Inicialmente há somente as datas, o nome dos projetos e a idéia, mas quando vai chegando mais próximo da data, a equipe se reúne novamente e estrutura o trabalho tanto com suas contribuições como das recreacionistas.

E cada Supervisora de Módulo tem reuniões mensais de planejamento com a sua equipe, quando se fala do projeto, se discute as atividades, o que vai ser avaliado, tratam de assuntos específicos da faixa etária que atendem.

Além disso, há o Grupo Integração, que é um grupo de formação, em serviço, do profissional da creche. Participam dele todos os funcionários, tanto recreacionistas como também o pessoal de apoio (da copa, limpeza e vigilância). Nos encontros são tratados assuntos educativos gerais, que são coordenados por um profissional de fora ou pela equipe técnica da creche. Para as reuniões os funcionários de cada período são divididos em dois grupos, enquanto um fica cuidando, realizando as atividades com as crianças, o outro participa do estudo, depois eles trocam. Isso ocorre, pois a creche só pára em dois dias do ano, que são os dias da Jornada de Educadores³⁵, o que segundo a Coordenadora Psico-pedagógica, dificulta muito o trabalho, pois não há um momento para discussão, reflexão e avaliação.

Após a visita de professores da Faculdade de Educação da Unicamp e de pesquisadoras italianas à CAS, em outubro de 1998, estas realizaram uma avaliação da instituição, sobre a qual a equipe técnica refletiu e então sentiu a necessidade de trabalhar com o seu espaço, com seu caráter educativo, de formação e com as atividades nele desenvolvidas.

Com isso, para o ano de 1999, a equipe técnica organizou um cronograma com três projetos relacionados com o trabalho com o espaço: “Espaço Educativo Creche”, “Conhecendo minha creche e o meu espaço” e “Conhecendo dentro da Gente”. Este ano, segundo a coordenadora psico-pedagógica, é a primeira vez que não se está trabalhando com um projeto pedagógico único para os três Módulos, são trabalhados os mesmos projetos, porém por períodos diferentes, de acordo com a necessidade e especificidade de cada um deles. Atualmente o Maternal II, por exemplo, já está no terceiro projeto, enquanto que os outros dois Módulos estão iniciando o “Conhecendo minha creche e o meu espaço”.

³⁵ Jornada de Educadores – é um evento organizado pela CAS e o CECI, juntamente com a Faculdade de Educação da Unicamp, cujas palestras e discussões abordam temas da Educação Infantil.

Quando o trabalho de observação foi iniciado em março deste ano, a CAS, já havia trabalhado, nos meses de janeiro e fevereiro parte do projeto “Espaço Educativo Creche”, que tinha como objetivo:

“criar uma reorganização espacial favorável à interação social da criança com seus pares e com os adultos a fim de que ela desenvolva a capacidade de cooperar e se conduza em direção à autonomia”. Para se atingir esses objetivos foram realizadas “discussões e reflexões com grupos de educadores de cada módulo em relação à concepção do ambiente creche como um espaço educativo, através do “Grupo Integração”, leitura de textos sobre o brincar na educação infantil, a função dos brinquedos, disposição e organização dos materiais em área circunscritas³⁶”.

Iniciou no mês de abril, o segundo projeto: “Conhecendo minha creche e o meu espaço”. O seu término estava previsto para o fim deste mesmo mês, mas de acordo com a coordenadora da área psico-pedagógica, ele não foi “fechado” pois a princípio eles pensaram que era somente mudar o espaço, criar os cantos, que era algo relativamente rápido, mas com o andamento do projeto, verificaram que para ocorrer uma mudança no trabalho, na postura das recreacionistas era necessário se trabalhar também com as suas concepções de educação, o que é um trabalho que requer muito mais tempo que o previsto, principalmente que são poucos os momentos que elas têm para discutirem e refletirem sobre o assunto, portanto até o final de agosto, quando foram encerradas as minhas observações, este projeto ainda estava em andamento.

O projeto “Conhecendo minha Creche e o meu Espaço” tinha como objetivos: *efetivar a organização espacial do ambiente tendo também a participação da criança; estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais da criança; observar e explorar o novo ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante do mesmo; dispor dos materiais e brinquedos de uma forma acessível às crianças e com objetivos específicos”.*

O terceiro projeto foi o “Conhecendo dentro da gente”, que apenas o Módulo do Maternal II estava trabalhando em junho. Tinha como objetivo:

“que gradativamente as crianças tenham noção que o seu corpo é constituído por partes, que cada parte faz alguma coisa e produz sensações em nós e que devemos cuidar do nosso corpo, prevenindo coisas ruins com ele”.

³⁶ Áreas ou zonas circunscritas são: *“área espaciais claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliário, parede, desnível do solo, etc. A característica primordial destas zonas é a sua circunscrição ou fechamento, portanto um aspecto topográfico”*(p. 118, Oliveira, 1994)

Para realizar este trabalho foram observados e acompanhados as mudanças e resultados dos dois primeiros projetos, uma vez que estavam diretamente relacionados com o tema, o que não ocorria com o terceiro que envolvia somente atividades relacionados com o conhecimento do corpo pela criança. Além disso, as observações centradas nas turmas do Maternal II, em que ocorreram as maiores mudanças nesse período.

Então, como resultado do trabalho dos dois primeiros projetos, no Maternal II foi criado no seu salão (foto 6), um espaço lúdico (foto 14 e 15) com cantos da fantasia, da casinha de boneca, do jogo e da biblioteca, onde a criança teria a oportunidade de ser mais autônoma, de escolher com o que, como e com quem gostaria de brincar.

A seguir será apresentado, as mudanças que ocorreram no Maternal II e como esse novo espaço foi utilizado pelas crianças e recreacionistas.

4. MODIFICAÇÃO ESPACIAL DO SALÃO DO MATERNAL II – AS ÁREAS CIRCUNSCRITAS

4.1 Momento de discussão

Ao iniciar as observações na creche, em março de 1999, a equipe da CAS já havia começado o projeto “Espaço Educativo Creche” que tinha como objetivo: *“criar uma reorganização espacial favorável à interação social da criança com seus pares e com os adultos a fim de que ela desenvolva a capacidade de cooperar e se conduza em direção à autonomia”*.

Até aquele momento, nos meses de janeiro, fevereiro, no Grupo Integração e nas reuniões das supervisoras de módulo com seu grupo de recreacionistas, já havia sido feito uma série de discussões sobre o projeto e a questão do espaço, utilizando como referências: o “*Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – versão preliminar*”³⁷ (1998) e o livro “*Os fazeres na Educação Infantil*”³⁸ (ROSSETTI-FERREIRA, 1998).

No mês de abril, após essas discussões, iniciou-se o projeto “Conhecendo minha creche e o meu espaço”, que tinha como objetivos *“efetivar a organização espacial do ambiente tendo também a participação da criança; estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais da criança; observar e explorar o novo ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante do mesmo; dispor dos materiais e brinquedos de uma forma acessível às crianças e com objetivos específicos”*.

Neste projeto, então, com base nas discussões dos textos acima, pretendeu-se realizar algumas alterações no espaço físico da creche para alcançar seus objetivos. Essas modificações iniciaram-se e foram maiores no Módulo do Maternal II, por esse motivo, serão apresentados neste trabalho as mudanças que ocorrem neste local, em que foram centradas as observações.

Antes porém de continuar, creio ser necessário apresentar como foram realizadas essas observações: eu sentava no banco de concreto que separa o refeitório do salão de onde tinha uma visão de todos os cantos e realizava as observações e

³⁷ Foi utilizada para a discussão as seguintes páginas do Referencial Curricular Nacional: 7-17; 23-31.

³⁸ “Estruturando a sala” (p. 144-6), “Por que as crianças gostam de áreas fechadas?” (p. 147-8) e “O porquê da preocupação com o ambiente físico” (p. 149-151)

tirava as fotos de momentos e fatos que julguei relevantes quanto ao modo como o espaço era utilizado (como, do que e com quem as crianças brincavam, como ele era ocupado, quando era utilizado, quais eram as relações que se estabeleciam). Também participava de todas as atividades da creche, de toda a sua rotina, com o objetivo de conhecer como ela era estruturada, além de ter sido um momento rico de conversas com as recreacionistas sobre a questão do espaço.

4.2 E se iniciam as mudanças no Maternal II...

Inicialmente seriam realizadas duas modificações: abaixar as prateleiras e reorganizar os materiais das salas que ficavam em um armário (Foto 1 e 2) e criar um espaço com zonas ou cantos circunscritos no salão do Maternal II.



Foto 1. Organização das salas do Maternal II

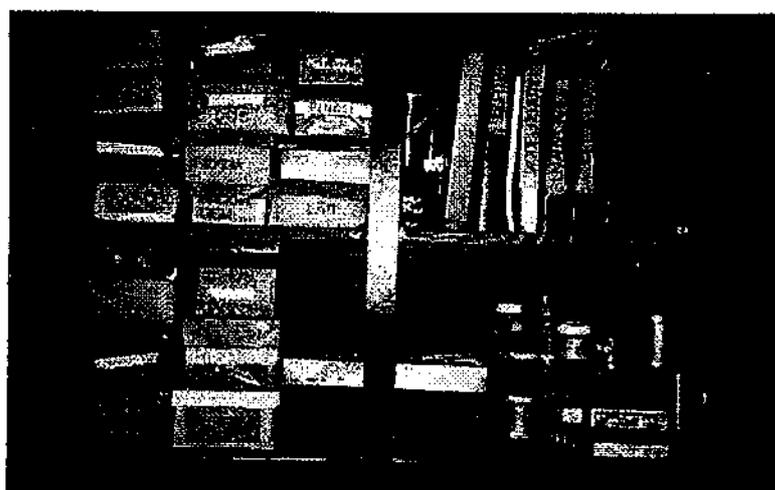


Foto 2. Na sala, como os materiais eram organizados em armários fora do alcance das crianças.

Como mostra a foto 1, os cabides para pendurar as mochilas ficam na altura da criança, no entanto, as pastas para guardar as suas atividades e os brinquedos ficam em uma prateleira alta e os materiais, como lápis, giz, tintas, pincéis, cola, palitos (foto 2)... são organizados pelas recreacionistas, em um armário fechado inacessível a criança.

Uma das estratégias que seria utilizada para atingir os objetivos do projeto, era modificar o espaço das salas, abaixando as prateleiras e reorganizando os materiais e brinquedos de modo que as crianças pudessem utilizá-los sem que houvesse uma dependência total do adulto. Porém, a equipe técnica optou por alterar gradativamente o espaço iniciando com a criação dos cantos circunscritos. Até o final das observações deste trabalho, nenhuma alteração tinha sido feita nas salas.

A outra estratégia utilizada foi a criação dos cantos circunscritos no salão do Maternal II. Antes do projeto os livros e brinquedos não eram guardados de uma forma organizada e acessível às crianças: os primeiros ficavam no corredor (foto 3), e os brinquedos eram guardados em baús (foto 4) ou em caixas de forma que a criança não podia ver o seu conteúdo e localizadas em estantes muito altas (foto 5).



Foto 3. Corredor do Maternal II, onde ficavam a estante de livros e um banquinho (que não era utilizado pelas crianças)

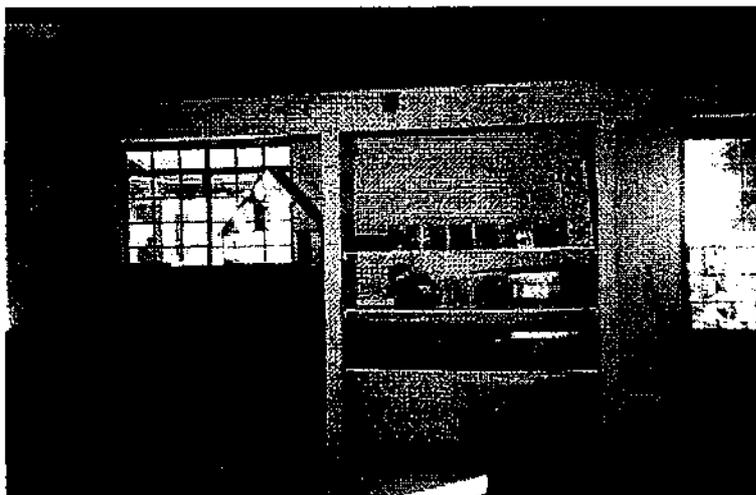


Foto 4. Estantes localizadas ao lado das mesinhas do refeitório, onde havia baús e potes com brinquedos.



Foto 5. Estante com caixas de brinquedos.

O salão do Módulo fica ao lado do refeitório³⁹ e a delimitação dessas duas áreas é um banco de concreto. Como mostra a foto 6, em seu canto esquerdo do lado oposto ao refeitório, havia um espelho que não era utilizado, e na sua frente, naquela

semana, tinha a gaiola de um coelho que uma das crianças havia levado, devido às comemorações da Páscoa. No centro ficava um navio de brinquedo com escorregador e um grande espaço vazio, e no canto direito havia cadeiras e mesas que não estavam sendo utilizadas.

Tinha portanto, um arranjo espacial aberto, que de acordo com CARVALHO e MENEHINI (1998) é um espaço vazio, com poucos móveis, objetos e equipamentos, que é organizado pelo educador, de acordo com suas concepções de desenvolvimento infantil e com seus objetivos.



Foto 6. O salão do Maternal II antes da criação dos cantos circunscritos. Um arranjo espacial aberto.

Então, como era utilizado esse espaço e com quais objetivos? O salão era onde era feita a formatura no final do ano e uma área de recreação coberta, onde as crianças brincavam, nos dias em que chovia, no horário em que deveriam estar no parque. Talvez, esta organização espacial se justificasse pelo modo e os momentos em que este local era utilizado e pela grande preocupação com o cuidar (diminuir as chances da criança se machucar, de orientar, de realizar tudo pela criança, até o que ela poderia fazer sozinha), que do meu ponto de vista ainda predomina no trabalho da CAS.

Ainda com relação à organização do espaço, essas mesmas autoras apresentam uma hipótese que creio que deva ser destacada para se refletir sobre as concepções que os educadores têm sobre criança, educação e desenvolvimento:

³⁹ Na planta baixa (Anexo III) o refeitório pode ser localizado pelo número 12 e o salão pelo 11, que na planta é discriminada como recreação coberta.

“Parece haver certa idéia de que criança pequena necessita de direção e orientação quase constantes do educador, como se ela fosse incapaz de se envolver em atividades, especialmente com coleguinhas. E como se o fato de encostar os móveis (ou ter um espaço com arranjo aberto) facilitasse ao educador ver todas as crianças para poder interferir, sugerir, orientar ou dirigir.”(Rossetti-Ferreira et al, 1998, p. 145)

Em contraposição à essa concepção de criança acima, o espaço pode ser arranjado de forma diferente, de modo que elas possam fazer o maior número de coisas de forma autônoma, sem uma constante solicitação do adulto, brincar e realizar atividades em pequenos grupos possibilitando uma maior interação entre elas, além de permitir que façam escolhas, tomem decisões sobre com quem, onde e como gostariam de brincar.

Uma organização do espaço que leva os fatores acima em consideração é o arranjo espacial semi-aberto, que de acordo com Oliveira,

“é caracterizado pela presença de zonas circunscritas, que são áreas espaciais claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliário, parede, desnível do solo, etc., proporcionando à criança uma visão fácil de todo o campo de ação, incluindo a localização do adulto e demais crianças.”(Oliveira, 1994, p.118)

4.3 A organização dos cantos circunscritos no Maternal II

No início de abril (09/04/99), então, a pedagoga supervisora do módulo e a coordenadora psico-pedagógica iniciaram a organização dos cantos ou zonas circunscritas no salão do Maternal II. Inicialmente foram construídos, provisoriamente, três: o canto da casinha, do jogo de construção e de leitura. (fotos 7, 8 e 9 respectivamente).

Foram então utilizadas divisórias de plástico duro e colorido (que posteriormente foi substituído por cercas de madeira) para separar os cantos da casinha e do jogo.

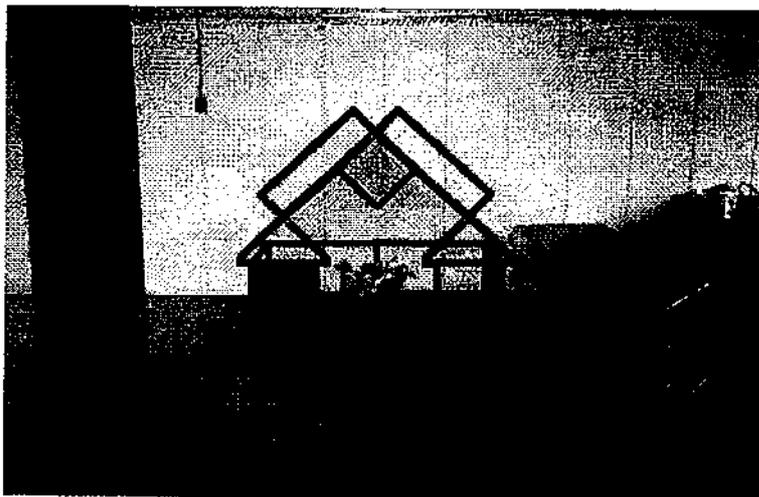


Foto 7. Canto da casinha – provisório



Foto 8. Canto dos jogos – provisório

O primeiro possuía uma estrutura em formato de casa e algumas bonecas no seu interior, ainda não havia móveis, panelinhas. O canto do jogo ficava ao lado da casinha e nele havia uma mesa com alguns baldes com peças de jogos de construção, além de uma mesinha com 4 cadeiras que poderia ser utilizada para brincar. O canto de leitura se localiza em frente ao canto do jogo e ele era delimitado pela parede, pelo banco de concreto que dividia o salão e o refeitório e a estante de livros. Havia um banquinho⁴⁰ e o chão era coberto com um edredon.

⁴⁰ Antes da organização dos cantos, a estante e o banquinho ficavam no corredor – foto 3.

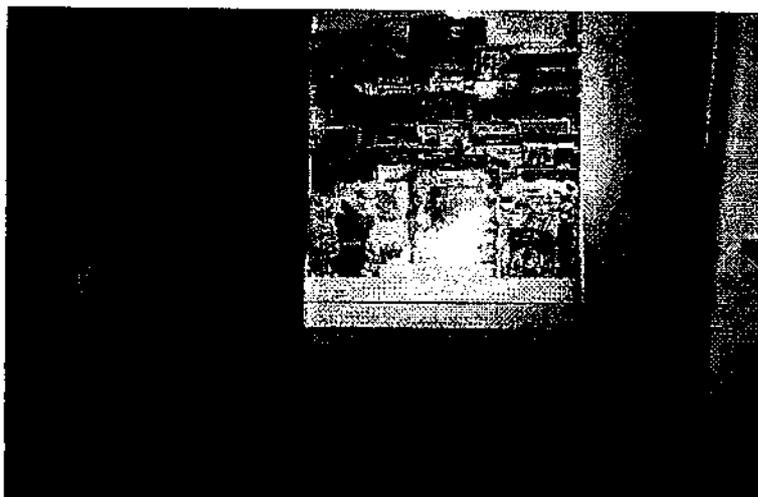


Foto 9. Canto da leitura – provisório

Na primeira semana de utilização do salão com o novo arranjo espacial, não foi possível fazer as observações, pois os cantos eram utilizados, por todas as turmas juntas, somente no horário da chegada⁴¹ e elas (as observações) eram feitas mais tarde. Mas de acordo com a supervisora do módulo, na casinha as bonecas foram retiradas do seu interior e a estrutura foi utilizada para brincar de escalar (que era a sua “função” no parque, antes de ser colocada nos cantos). Algumas brincaram com os jogos, mas a maioria ficou lendo. Ela acredita que isso ocorreu pelo fato do canto da leitura ser o local que estava mais organizado. Creio que ele estava mais organizado no sentido de que era o canto que estava claro como poderia ser utilizado, enquanto que nos outros isso não ocorria, as crianças estavam conhecendo-os, explorando-os. E a casinha foi utilizada como elas estavam acostumados: aquela estrutura servia para escalar.

Na semana seguinte foi possível observar a classe das crianças mais velhas (de 4 anos) do módulo utilizando o espaço.

No canto da leitura as crianças pareciam estar bastante interessadas, escolhiam os livros que gostariam de ler e depois os guardavam. Alguns livros porém ainda se encontram em local inacessível à elas, pois a estante é muito alta. (Foto 10 e 11).

⁴¹ Horário da chegada – as crianças utilizavam aquele espaço, durante o tempo que esperavam todos chegarem – das 6:55 até mais ou menos 7:15.



Foto 10. As crianças mais velhas do Maternal II utilizando o canto da leitura.



Foto 11. As crianças mais velhas do Maternal II utilizando o canto da leitura.

No canto dos jogos, as crianças escolheram com os quais queriam brincar e utilizaram vários espaços do salão, o chão do canto (foto 12) e do local onde será o espaço da fantasia posteriormente (fundo da foto 11 em frente ao espelho) e a mesinha (no centro da foto 11). Neste canto a recreacionista incentivou as crianças a guardarem todos os brinquedos e peças do jogo, mas poderia ter mediado a situação e não resolvido, quando algumas crianças estavam brigando porque queriam brincar com o mesmo material e ela pegou e dividiu as peças, não conversou com elas, não as incentivou a discutir um modo de resolver o problema e resolvê-lo. Acho que era um momento em que as crianças poderiam tentar resolver um conflito gerado na interação, no convívio com o outro



Foto 12. As crianças mais velhas do Maternal II brincando no canto dos jogos.

Na casinha, no início, havia várias crianças brincando de escalar (fundo da foto 11). As recreacionistas pediram para elas descerem, que aquela estrutura não era para ficar subindo, e só mais tarde é que duas meninas brincaram de casinha e utilizaram algumas peças do canto dos jogos (balde que está no interior da casinha) na sua brincadeira de faz de conta. (foto 13)

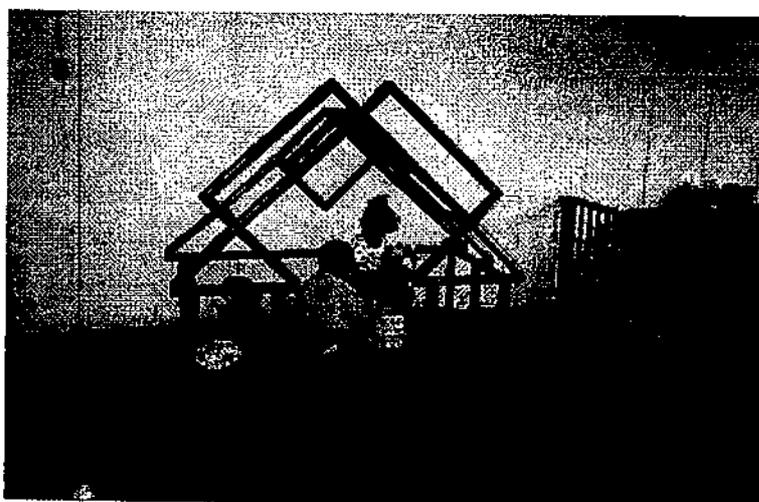


Foto 13. As crianças brincando de casinha.

No final de abril, começo de maio o espaço do salão foi novamente reorganizado. Na parede do lado oposto ao refeitório, da esquerda para a direita, ficavam os cantos da fantasia, que possuía uma arara com roupas de vários personagens, bichos e um espelho para que as crianças pudessem se ver depois de fantasiadas. (foto 14).



Foto 14. Canto da fantasia

Ao seu lado fica a casinha. Foi retirada a estrutura vermelha com formato de casa (foto 13) e levada para o parque onde as crianças continuaram a utilizá-la para escalar, e foram colocados um armário, mesinhas e cadeiras e utensílios de cozinha. No lado direito ficou o canto da leitura e na sua frente o dos jogos de construção. (foto 15)



Foto 15. Os cantos da casinha, leitura e dos jogos.

Posteriormente foram feitas mais algumas modificações no sentido de incluir mais materiais, mas o arranjo espacial continuou o mesmo até o final das observações. No capítulo seguinte será abordada a maneira como esse espaço foi

utilizado pelas crianças e quais as mudanças que ocorreram como consequência desse novo arranjo espacial.

5. OS CANTOS CIRCUNSCRITOS...

Nesta parte do trabalho serão apresentadas algumas considerações, baseadas nos dados das observações realizadas durante o processo de reorganização do espaço do salão do Maternal II com a criação dos cantos circunscritos e sua posterior utilização.

5.1 Sua organização e utilização

Segundo a orientadora psicopedagógica, durante o projeto “Conhecendo minha creche meu espaço”⁴², houve uma discussão com todos os funcionários, sobre as modificações do espaço da creche e de textos relativos a esse tema. Porém os cantos circunscritos foram organizados pela orientadora e supervisoras (da manhã e da tarde) do Maternal II. As recreacionistas foram questionadas sobre o que acharam do novo espaço, mas não participaram diretamente da sua montagem.

A modificação foi ocorrendo gradativamente, como foi descrito no capítulo anterior e até o final das observações esse processo continuava: a supervisora da manhã, por exemplo, estava terminando de pintar os móveis (sofás, cama, fogão...) que foram construídos, com caixas de leite, por algumas recreacionistas em uma oficina oferecida em um Sábado, para então colocá-los no canto da casinha.

Um aspecto importante a ser considerado é quem organizou o espaço, pois de acordo com FARIA (1998), OLIVEIRA (1998, 1994) e ROSSETTI-FERREIRA (1998) a organização do espaço revela a concepção de criança, educação e cuidado de quem o realizou. Uma questão que deve ser avaliada, é se tanto recreacionistas como supervisoras possuem a mesma concepção e se há uma coerência entre ela e a concepção subjacente a toda a estruturação e funcionamento da creche. Uma resposta negativa a essas questões, talvez justifique os momentos e o modo como era utilizado esse espaço.

Durante todo o período de observações, os cantos foram utilizados na chegada das crianças na creche, para recepcioná-las das 6:50 às 7:15 horas no período da manhã. Todas as crianças do Maternal II (em torno de 60 a 70) brincavam nesse espaço ao

⁴² Não acompanhei este projeto pois ele começou antes do período em que foram iniciadas as observações.

mesmo tempo. O seu uso fora desse horário só ocorreu três vezes⁴³, quando a turma das crianças mais velhas (aproximadamente 20) permaneceu no local por mais tempo e quando utilizaram o canto da leitura antes do horário do almoço, enquanto esperavam a funcionário limpar as mesas e o chão.

Em conversas informais⁴⁴ com as recreacionistas elas apontaram como motivo de não se utilizar os cantos em outros horários, a rigidez da rotina, que era muito corrida e destacaram a necessidade de dar as atividades pedagógicas⁴⁵, pois do ponto de vista delas a única possibilidade das crianças explorarem o espaço seria substituir essas atividades pelos cantos. Um outro problema apontado é que quando se tinha um tempo na rotina, não conseguiam usar o espaço pois este estava sendo limpo.

Com relação às atividades pedagógicas, a sua grande maioria tinha, do meu ponto de vista, uma outra concepção, contrária aos objetivos pretendidos nos projetos de reorganização do espaço da creche, uma vez que eram quase sempre desenhos mimeografados, para as crianças pintarem com as cores determinadas pelas recreacionistas e com o giz de cera ou lápis distribuídos também por elas; as colagens eram feitas seguindo um modelo e a cola era passada pelos adultos; nos desenhos livres eram distribuídas folhas e um giz para cada criança fazer o seu desenho. Essas atividades então, não permitiam que as crianças fizessem nenhum tipo de escolha, elas não tinham oportunidade de usar sua criatividade, explorar os materiais, testar misturas de cores e tintas, fazer um trabalho único, falar sobre o que e como fizeram (ações estas que estariam contribuindo para o desenvolvimento da autonomia da criança), ao invés de uma série de desenhos sem identidade, anônimos, que se não tivessem seus nomes não se saberia de quem eram, acredito que nem as próprias crianças reconheceriam o próprio trabalho.

Houve porém uma atividade interessante proposta pela coordenadora da área psicopedagógica, foi a decoração da festa junina com bonecos e bonecas. As recreacionistas contornaram o corpo das crianças e estas levaram esse papel com o seu contorno para casa, onde com o auxílio dos pais, fizeram os bonecos com colagem,

⁴³ Nos dias em que foram realizadas as observações, pois segundo a supervisora do módulo, ocorreram mais algumas vezes

⁴⁴ Essas conversas ocorreram principalmente nos horários de parque.

⁴⁵ Eram consideradas por elas, atividades pedagógicas, colagem, desenho, pintura, pesquisa que realizavam com as crianças.

pintura, utilizando vários materiais (diferentes tipos de papéis, lãs, panos, meias finas, fitas, chapéu de palha, roupas...). Como resultado houve noivas, noivos, bonecos loiros, morenos, brancos e negros, refletindo a própria diversidade da creche, além disso as crianças se identificaram com eles, procuraram e mostraram orgulhosos aos pais, onde se encontravam seus bonecos na decoração da festa junina. Os tipos de atividades propostas pela coordenadora psicopedagógica e pelas recreacionistas também revelam a diferença de concepções existentes no trabalho da creche.

Nesses meses, então os cantos foram praticamente utilizados somente na chegada, mas de acordo com a coordenadora, no período da tarde já estavam sendo iniciadas algumas alterações na rotina, de modo que esse espaço fosse utilizado sistematicamente.

No momento em que os cantos circunscritos eram utilizados, as recreacionistas recebiam as crianças, pegavam as mochilas e estas iam brincar, ou ficavam ao lado dos adultos ou então ficavam sentadas no banco de concreto (foto 16) olhando os seus amigos brincarem. E a pedagoga, supervisora do módulo, sempre realizava alguma atividade com as crianças, lendo um livro, contando histórias com fantoche o que sempre reunia um grande número de crianças ao seu redor (foto 17).



Foto 16. Crianças sentadas no banco de concreto observando as outras brincarem nos cantos.



Foto 17. Supervisora do Módulo contando histórias durante a utilização dos cantos.

Nas sextas-feiras as crianças levavam um brinquedo para a creche. Nesses dias, algumas ficavam sentadas à mesa do refeitório segurando seu brinquedo e olhando o do seu amigo (foto 18) e outros ficavam perto dos adultos para mostrar o que tinham trazido.



Foto 18. Crianças sentadas à mesa com seus brinquedos.

Ainda em relação à distribuição das crianças nesse espaço, os cantos da leitura, da casinha e dos jogos eram bastante freqüentados por elas. No canto da fantasia, as crianças só brincavam com os fantoches, que eram utilizados freqüentemente pelas recreacionistas para contar histórias. Quanto às fantasias, somente no início de agosto,

algumas crianças brincaram com elas (nos dias das observações), isto é passaram mais de três meses de observação sem que elas utilizassem esse canto.

Por que as crianças ocupavam o espaço dessa forma? De acordo Rossetti-Ferreira et al (1998) e Oliveira (1998), com as áreas ou cantos circunscritos, as crianças tendem a solicitar menos o adulto e aumentar as interações criança-criança com brincadeiras em pequenos grupos quando comparados a arranjos abertos. E a primeira autora ainda complementa, que quanto maior o número desses espaços menor é a solicitação do educador.

Baseada nessas afirmações sobre o arranjo espacial, considero que o número de crianças era muito grande (eram aproximadamente 70) em relação ao número de cantos (que eram 4), podendo ser uma justificativa ao comportamento freqüente delas ficarem sentadas no banco e ao redor dos adultos.

A utilização do espaço por apenas um grupo de criança (de aproximadamente 20), parece reforçar a afirmação acima de que o número de crianças era muito grande durante a recepção nos cantos, pois quando era uma turma menor, nenhuma ficava sentada ou perto das recreacionistas, mas brincavam em pequenos grupos, em pares, ocupando quase todos os cantos. Além disso, as brincadeiras pareciam ocorrer de forma diferente, eram mais elaboradas e duravam mais tempo ao contrário do grande grupo, quando elas eram freqüentemente interrompidas por outras crianças que disputavam o mesmo espaço e brinquedos. Um exemplo dessa situação era o que ocorria na casinha: quando algumas crianças estavam preparando a mesa para um chá, outras vinham e queriam sentar ou pegar uma xícara, terminando com a brincadeira.

Além disso, em um dos dias em que a turma das crianças maiores permaneceu nos cantos por mais tempo, elas realizaram modificações, criando um novo espaço, inventando um novo modo de brincar com um grande triângulo de espuma, que fora freqüentemente utilizado pelas crianças nos dias anteriores. As crianças então, escolheram um local para colocar o triângulo, formaram com suas pernas um túnel logo depois dele e cada criança escorregava de bruços, passava pelo túnel e entrava na fila para ajudar a formá-lo, enquanto outra saía dela para escorregar.(foto 19 e 20)

Esta foi uma brincadeira que envolveu grande parte desse grupo, que teve oportunidade de criar com um material que estava disponível, uma nova maneira de

brincar, com regras (quem escorregava tinha que passar pelo túnel e depois ficar no lugar de outra que seria a próxima a escorregar), tudo isso sem a solicitação do adulto.



Foto 19. Crianças brincando com o triângulo de espuma.



Foto 20. Brincadeira com o triângulo de espuma.

Segundo os princípios básicos para a organização do espaço apresentados no vídeo do Departamento de Educação da Califórnia, um outro ponto a ser destacado é a flexibilidade⁴⁶ do espaço, que juntamente com a possibilidade de realizar movimentos;

⁴⁶ possibilidade de mudar o espaço de acordo com os objetivos do educador ou das necessidades da brincadeira

adequação dos móveis e objetos à estatura das crianças e a oportunidade de realizar opções tornam um ambiente interessante.

Nesse sentido, os cantos formavam um espaço rígido, uma vez que eram sempre os mesmos, não se criavam outros, de tempos em tempos, nos espaços vazios e nem houve modificações significativas nos existentes (apenas o acréscimo de objetos e brinquedos). Creio que esta rigidez esteja também relacionada com o modo como eles eram utilizados e a forma como foram concebidos. Não eram as recreacionistas que os organizavam e portanto não faziam reflexões e avaliações sobre a sua utilização ou sobre o modo como as crianças estavam interagindo entre elas, com o espaço e com os adultos.

Não estava claro qual era o papel do adulto. Segundo Rossetti-Ferreira et al (1998), o papel do educador é fundamental, pois é ele quem deve planejar e reorganizar o espaço de modo que possibilite o maior número de interações criança-criança e de brincadeiras sem que ele seja constantemente requisitado, o que faria com que ele tivesse tempo para se dedicar individualmente a alguma criança ou propor alguma atividade com um pequeno grupo. O que ocorria porém, é que as recreacionistas limitavam-se a receber as crianças, a observá-las para resolver os conflitos que surgiam entre elas e em alguns momentos brincavam com um pequeno grupo.

Por outro lado, apesar da rigidez do espaço em função da postura e dos objetivos do adulto, as crianças a todo momento tentavam deixá-lo mais flexível, mudando alguns objetos de lugar e descobrindo/criando novos espaços para ocupar e brincar, a fim de atender a necessidade de sua brincadeira, encontrar um local em que esta pudesse ocorrer ou mesmo deixar o ambiente mais interessante.

O triângulo de espuma azul (fotos 19 e 20) ficava cada dia em um lugar diferente e com ele as crianças exploravam as várias maneiras de escorregar e subir no mesmo. Um outro objeto que elas também locomoviam frequentemente era um quadrado oco de madeira que possuía aberturas em formato de círculo em três de suas faces (foto 21). Com ele as crianças brincavam de escalar, de entrar por um lado e sair por outro ou duas, três crianças ficavam lá dentro.



Foto 21. O quadrado de madeira.

Um outro espaço também utilizado pelas crianças foi a mesa do refeitório, tanto para montar cidades com os bloquinhos (foto 22) sobre ela como também servia de “cabana” para brincar com um amigo.(foto 23).



Foto 22. A mesa do refeitório, também um local para brincar com jogos de construção...



Foto 23. ... ou então uma espécie de cabana para brincar com o amigo.

Outros locais não pensados ou organizados pelos adultos foram criados e explorados pelas crianças a partir de suas iniciativas e necessidades de suas brincadeiras, como mostram as fotos 24 e 25.

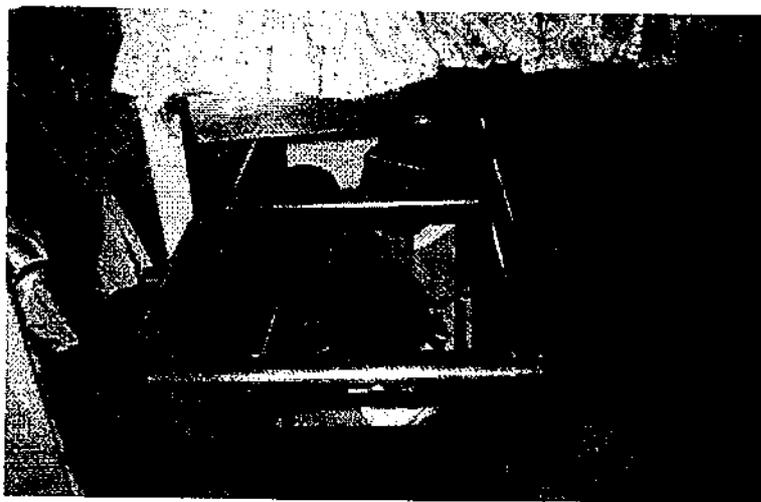


Foto 24. Uma estrutura que ficava “guardada” sob uma mesa, um novo espaço para brincar.

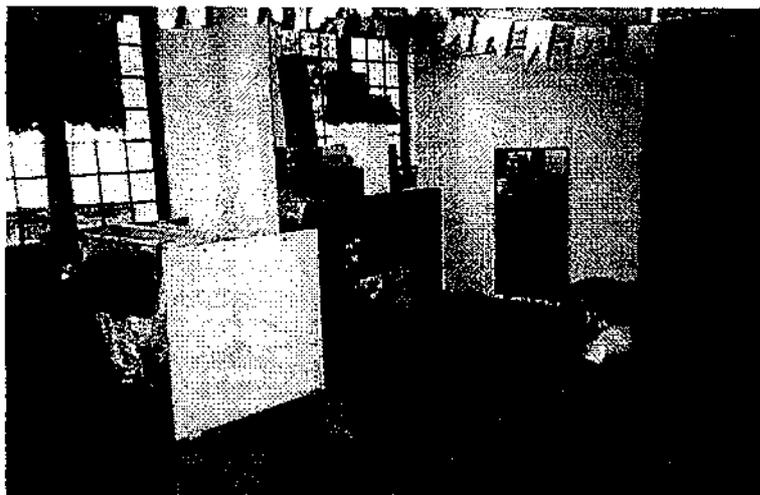


Foto 25. O mesmo espaço da foto 24 continua sendo utilizado.

Enquanto alguns espaços foram criados, outros não eram usados com frequência, como por exemplo, o canto da fantasia (que aparece na foto 25). Por que isso ocorria? Talvez, porque as fantasias não eram utilizadas em outros momentos, pois quando a supervisora do módulo contou uma história em que as crianças se fantasiaram sendo a suas personagens, algumas começaram a usá-las, esporadicamente, mostrando aos adultos como ficavam com aquelas roupas. Se ao invés das fantasias houvesse roupas de adulto como vestidos, gravatas, colares, sapatos de salto alto, óculos escuro, maquiagem, que pudessem ser utilizados para brincar de faz de conta no canto da casinha (que era o canto utilizado por um maior número de crianças), se integraria dois cantos e se ofereceria materiais para que a brincadeira se tornasse mais elaborada.

Outro critério que torna o espaço interessante para a criança é o tamanho dos objetos, que em toda a creche estavam todos de acordo com a altura da criança, como os móveis da cozinha da casinha, as mesas e bancos dos refeitórios, os sanitários, as torneiras e pias, as estantes com os brinquedos.

Quanto à oportunidade de realizar opções, os cantos eram espaços ricos, mesmo havendo algumas estantes um pouco altas (foto 26), estas não impediam que as crianças se envolvessem nas atividades (foto 27), que tivessem a possibilidade de escolher os brinquedos, onde e com quem gostariam de brincar, explorar os materiais livremente, o que não ocorria nas atividades pedagógicas apresentadas anteriormente e em outros momentos da rotina da creche que possuíam horários rígidos.

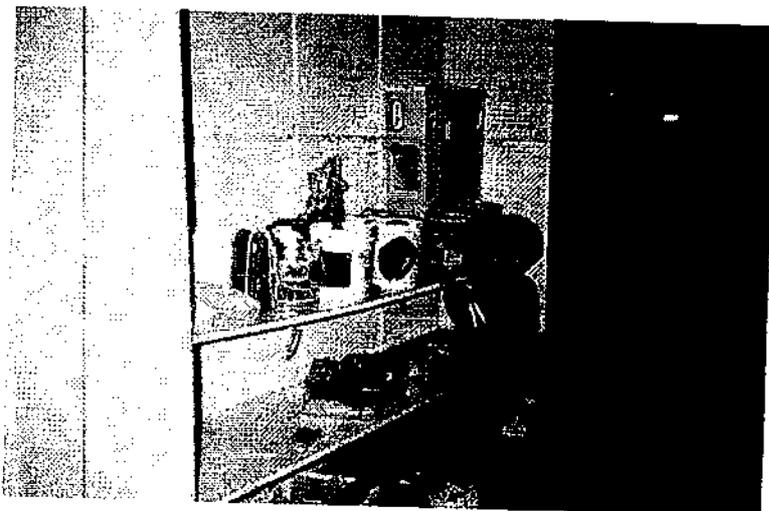


Foto 26. Possibilidades de fazer escolhas.



Foto 27. Crianças lendo, bastante compe[n]etradas, os livros que escolheram no canto da leitura.

Finalizando, um outro aspecto que merece uma reflexão é a questão da arrumação do local após as brincadeiras. O que ocorria na maioria das vezes era que quando chegava o horário de ir para as salas, as crianças pegavam suas mochilas e saíam sem arrumarem o local. As recreacionistas recolhiam alguns brinquedos e pediam ajuda às crianças, mas eram muito poucas as que as auxiliavam. Quem organizava os brinquedos e objetos, todos os dias era a supervisora do módulo. Guardar, arrumar o local onde brincou, é tão importante quanto ter os materiais em locais de fácil acesso e

de forma organizada, pois realizando essas ações as crianças ordenam e classificam objetos, aprendem a se responsabilizar e cuidar dos brinquedos, a deixar o espaço do jeito que encontraram para que outras crianças possam brincar posteriormente. (MEC/SEF, 1998). Além de ser um momento de exercitar a cooperação, um valor de caráter coletivo que contribui para a construção da autonomia e identidade da criança. (FARIA, 1998)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionamentos como a importância do espaço, como ele é organizado nas creches, com quais objetivos e quais as possíveis relações entre a organização espacial e o desenvolvimento da autonomia das crianças, definiram a temática desse trabalho.

Com o objetivo de responder a essas questões, ao longo deste trabalho, foram apresentados alguns aspectos da historicidade da creche e da implantação dessas instituições na Unicamp, que influenciam até os dias de hoje suas organizações e funcionamentos, como por exemplo a rigidez da rotina, a preocupação com a saúde das crianças, que talvez sejam heranças da concepção médico-higienista. No caso específico da CAS, essas características podem ser decorrentes também da própria composição de sua equipe técnica, formada em grande parte por profissionais da saúde e por atender uma clientela também específica, os filhos de funcionários da área de saúde da universidade que trabalham em turnos.

Conhecer a rotina da CAS através das entrevistas e da participação das atividades da instituição foram importantes para conhecer a concepção de criança, educação e cuidado das supervisoras, recreacionistas e coordenadora psicopedagógica, cujas práticas constituem o trabalho da creche e determinam a organização e utilização do novo espaço dos cantos circunscritos do Maternal II.

A CAS possui uma rotina rígida, com grande preocupação com o cuidar, como revelam os cuidados com a alimentação, os controles sistemáticos de peso, altura e verminoses. Desenvolvem, sem sombra de dúvida, um excelente trabalho com os pais nas avaliações, no grupo de gestantes e matrícula, além de contar com área sempre limpa e arejada, porém o educar não é trabalhado de forma indissociável com o cuidar.

O educar parece relacionar-se somente às atividades pedagógicas que foram descritas no capítulo anterior. No caso do Maternal II, não permitiam que a criança se expressasse, realizasse escolhas e os desenhos eram, na maioria das vezes, mimeografados, desenhos para serem feitos com um único giz de cera; trabalhos “anônimos” como chamei, por serem todos iguais, sem as marcas de seus autores que os tornem únicos, respeitando e revelando sua diversidade.

Os projetos de modificação do espaço surgiram após uma visita de pesquisadoras italianas e professores da Faculdade de Educação da Unicamp em outubro de 1998, quando realizaram uma avaliação sobre o espaço da instituição e ministraram um curso sobre Educação Infantil. À partir de então a equipe técnica sentiu uma necessidade de pensar sobre a organização espacial da creche. Estes projetos estão gerando uma série de conflitos no trabalho da creche que parecia bem estruturado, estão colocando em cheque a sua rotina, a sua estrutura, o papel das recreacionistas.

Estes projetos foram iniciados de forma simples, com um período de discussão com os funcionários e a modificação do espaço com a criação dos cantos circunscritos no Módulo do Maternal II. Mas, como todo processo de transformação, ele não foi simples, revelou-se permeado de uma série de conflitos de concepções, como revela a fala da coordenadora psicopedagógica durante a entrevista realizada neste trabalho: *“A gente percebeu que não era só o espaço que a gente tinha que mudar, tinha que mudar também, um pouco, a concepção educativa da creche como um todo. Então aquilo que a gente achava que era vir, começar e que ia ser rápido, está sendo trabalhoso, está sendo diferente do que nós pensávamos”*.

Esses conflitos de concepções determinaram a forma e a frequência com que os cantos circunscritos eram utilizados: as crianças brincavam neste espaço somente no horário da chegada. Apesar disso, pude observar que os cantos, sem dúvida, são espaços ricos, onde as crianças têm oportunidade de realizar escolhas, onde são privilegiadas as interações criança-criança, tão importantes para o desenvolvimento infantil e da “cultura infantil”⁴⁷ (OLIVEIRA, 1998; FARIA, 1998), e onde as crianças podem criar e se envolver nas mais diversas brincadeiras.

Porém, os cantos eram como um oásis dentro do trabalho da creche, que se caracterizava por filas para lavar a mão, escovar os dentes, almoçar, ir ao banheiro ou ficar sentado, encostado na parede, fazendo chamada, esperando a sua vez para trocar de roupa e depois esperar seus amigos também terminarem a sua troca. Ao mesmo tempo em que era um espaço que poderia ser melhor utilizado, parecia não haver um lugar para

⁴⁷ Cultura infantil – “produzida pelas crianças, entre elas, no convívio com os adultos e com o mundo adulto”. (FARIA, 1998) pág. 89

ele na rotina, tanto que embora rico, era usado apenas por aproximadamente 30 minutos por dia, no momento da chegada e por um número muito grande de crianças.

A rotina então teria que mudar... se as crianças fossem incentivadas a trocarem de roupa sozinhas, não precisassem formar fila para lavar as mãos, escovar os dentes, aprendessem a cuidar de sua higiene de forma mais autônoma, talvez “sobrasse” mais tempo para fazer outras atividades. Além disso poderia-se reorganizar os horários de parque e de atividades pedagógicas e criar novos espaços no salão onde as crianças pudessem expressar o maior número possível de suas *cem linguagens*⁴⁸, onde poderiam fazer desenhos coloridos, misturar e criar novas cores, fazer diferentes formas com argila e massa de modelar, representar seu mundo, seu modo de pensar, serem questionadas, ouvidas, além de brincar nos cantos circunscritos.

Mas isso só é possível, de acordo com Oliveira (1998), Faria (1998), Rossetti-Ferreira (1998) e a própria coordenadora psicopedagógica da creche, trabalhando com as concepções de criança, educação e cuidado das recreacionistas e demais funcionários, pois são elas que constituem, determinam não só a organização espacial, mas também toda a estrutura e organização do trabalho da creche, além de favorecerem ou não interações adulto-criança e criança-criança.

Concluindo, apesar dos cantos circunscritos não terem sido utilizados sistematicamente, mas apenas como um local para recepcionar as crianças no período em que foram feitas as observações, foi possível observar que um espaço semi-aberto como aquele pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia das crianças, uma vez que permite que elas façam escolhas de que e com quem gostariam de brincar, que explorem os materiais e objetos e que criem novas formas e novos locais de brincar privilegiando as interações criança-criança.

Um outro ponto importante a ser ressaltado neste trabalho é que a forma como os espaços são organizados, assim como o modo como o trabalho da creche é estruturado e realizado, refletem, ocorrem de acordo com as concepções de quem nela trabalha. E que todo esse processo de mudanças que ocorreram e estão ocorrendo na CAS e a educação em si, é um processo dinâmico e contínuo que requer ação, avaliação e reflexão e sendo assim, as mudanças na Creche Área de Saúde continuam...

⁴⁸ Poema apresentado no final do capítulo I.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. *Referencial curricular nacional para a educação infantil – versão preliminar*. Brasília: MEC/SEF, jan. 1998.
- FAGUNDES, M. dos R. *A creche no trabalho... O trabalho na creche: um estudo do Centro de Convivência Infantil da UNICAMP: Trajetórias e perspectivas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- FARIA, A.L.G.de . *O Espaço Físico nas Instituições de Educação Infantil in MEC/SEF/DPE/COEDI Subsídios para a Elaboração de Diretrizes e Normas para a Educação Infantil – versão preliminar*. Brasília, 1998.
- HADDAD, L. *A creche em Busca de Identidade - Perspectivas e conflitos na construção de um projeto educativo*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- MEC/SEF/DPE/COEDI. *Crítérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças*. Brasília, 1995
- NASCIMENTO, M.E.P. do. *Os Profissionais da Educação Infantil e a Nova Lei de Diretrizes e Bases*, in FARIA, A.L.G de e PALHARES, M.S. (orgs). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1999.

OLIVEIRA, Z.de M.R. de (org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Estrutura e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil in MEC/SEF/DPE/COEDI Subsídios para a Elaboração de Diretrizes e Normas para a Educação Infantil – versão preliminar*. Brasília, 1998.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C. et al. (org.). *Os fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 1998.

Vídeo: Space to grow. Creating a child care environment for infants and toddlers. Sacramento, 1990. 22'. Realização: Center for Child and Families Studies, Far West. Laboratory for Educational Research and Development/ Child Development Division, California Department of Education.

ANEXO I – Legislação

SEGURANÇA E HIGIENE DO TRABALHO

— Normas para instalação de creches.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SEGURANÇA E HIGIENE DO TRABALHO

PORTARIA N. 1 — DE 15 DE JANEIRO DE 1969

O Diretor-Geral do Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho, usando da atribuição que lhe confere o artigo 26, item IV, do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 56.263, de 6 de maio de 1965, e.

Considerando que ao Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho, de conformidade com o que dispõe o artigo 13, parágrafo único, item I, da Lei n. 4.589 (*), de 11 de dezembro de 1964, cabe promover investigações sobre condições de trabalho peculiares à mulher e ao menor, bem como estabelecer normas de caráter técnico e orientar a fiscalização da legislação concernente ao assunto;

Considerando que se faz necessário, para efeito de aplicação imediata da legislação referente às condições de trabalho da mulher, estabelecer Normas para instalação de creche a que se refere o artigo 389, Título III, da Consolidação das Leis do Trabalho, no Capítulo III — Da Proteção do Trabalho da Mulher — com as alterações introduzidas pelo artigo 7.º do Decreto-Lei n. 229 (*), de 28 de fevereiro de 1967;

Considerando que a exigência contida no § 1.º do artigo 389, da Consolidação das Leis do Trabalho, poderá ser cumprida por meio de creches distritais, conforme o disposto no § 2.º do citado artigo; e,

Considerando, finalmente, que a proteção ao trabalho da mulher é medida de ordem pública, e, tendo em vista os estudos a que procedeu a Divisão de Assistência ao Trabalho da Mulher e do Menor do Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho, constantes do processo MTPS 159.048-68, resolve:

Expedir Normas para instalações de creches em locais de trabalho e para convênios com as creches distritais.

Art. 1.º Os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 (trinta) mulheres, com mais de 16 (dezesseis) anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação.

§ 1.º O local a que se refere o presente obedecerá aos seguintes requisitos:

a) berçário com área mínima de 3 m² (três metros quadrados) por criança, devendo haver, entre os berços e entre estes e as paredes, a distância mínima de 0,50 m (cinquenta centímetros);

b) saleta de amamentação provida de cadeiras ou bancos-encosto para que as mulheres possam amamentar seus filhos em adequadas condições de higiene e conforto;

c) cozinha dietética para o preparo de mamadeiras ou suplementos dietéticos para a criança ou para as mães;

d) o piso e as paredes deverão ser revestidos de material impermeável e lavável;

e) instalações sanitárias para uso das mães e do pessoal da creche.

§ 2.º O número de leitos no berçário obedecerá à proporção de 1 (um) leito para cada grupo de 30 (trinta) empregados entre 16 e 40 anos de idade.

Art. 2.º Nos casos previstos no § 2.º do artigo 389, da C.L.T., poderá ser suprida a exigência do artigo 1.º desta Portaria, por meio de creches distritais mantidas, diretamente ou mediante convênios, com outras entidades públicas ou privadas, pelas próprias empresas, em regime comunitário, ou a cargo do SEST, SESC, LBA ou entidades sindicais, obedecidas as seguintes condições:

I — a creche distrital deverá estar situada, de preferência, nas proximidades da residência das empregadas ou dos estabelecimentos ou em vilas operárias;

II — nos casos de inexistência das creches previstas no item I, cabe, a autoridade regional competente, a faculdade de exigir que os estabelecimentos celebrem convênios com outras creches, desde que os estabelecimentos ou as instituições forneçam transporte, sem ônus para as empregadas;

III — deverá constar das cláusulas do convênio o número de berços que a creche mantiver à disposição de cada estabelecimento, obedecendo a proporção estipulada no § 2.º do artigo 1.º desta Portaria;

IV — sempre que possível, deverá constar do contrato a comprovação de que a creche foi aprovada pelo Departamento Nacional da Criança ou pelos órgãos estaduais competentes a quem cabe orientar e fiscalizar as condições materiais de instalação e funcionamento, bem como a habilitação do pessoal que nela trabalha;

V — os estabelecimentos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho, que possuam creche, poderão efetuar contrato com outros estabelecimentos, desde que preencha os requisitos desta Portaria.

Art. 3.º É proibida a utilização de creches para quaisquer outros fins, ainda que em caráter provisório ou eventual.

Art. 4.º Aos Agentes da Inspeção do Trabalho competirá a verificação do cumprimento desta Portaria.

Art. 5.º As dúvidas porventura suscitadas serão dirimidas pelo Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho.

Art. 6.º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. — José de Faria Pereira de Souza.

(D.O. de 24 de janeiro de 1969, págs. 880 e 881).

(*) V. LEX, Leg. Fed., 1964, pág. 1.356; 1967, pág. 320.

SEGURANÇA E HIGIENE DO TRABALHO

— Altera os itens III, IV e V do artigo 2º, da Portaria n. 1, de 15 de janeiro de 1969, que expede normas para instalações de creches em locais de trabalho.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

DEPARTAMENTO NACIONAL DE SEGURANÇA E HIGIENE DO TRABALHO

PORTARIA N. 1 — DE 6 DE JANEIRO DE 1971

O Diretor-Geral do Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 11, item I, do Regimento do DNSHT, aprovado pelo Decreto n. 56.263, de 6 de maio de 1965, e os artigos 158 e seus itens, e 166, da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452 (*), de 1º de maio de 1943, com a nova redação introduzida pelo artigo 5º do Decreto-Lei n. 229 (*), de 28 de fevereiro de 1967, e considerando a exposição feita pela Secretaria de Assistência Médica do Ministério da Saúde, no MTPS-143.837-70, resolve:

Art. 1º Alterar os itens III, IV e V, do artigo 2º da Portaria DNSHT n. 1, de 15 de janeiro de 1969, publicada no «Diário Oficial» de 24 de janeiro de 1969, que expede Normas para instalações de creches em locais de trabalho e para convênios com as creches distritais, na forma indicada:

I — O item III, passa a ter a seguinte redação:

«III — Deverão constar das cláusulas do convênio:

a) o número de berços que a creche mantiver à disposição de cada estabelecimento, obedecendo a proporção estipulada no § 2º do artigo 1º desta Portaria;

b) a comprovação de que a creche foi aprovada pela Coordenação de Proteção Materno-Infantil ou pelos órgãos estaduais competentes, a quem cabe orientar e fiscalizar as condições materiais de instalação e funcionamento, bem como a habilitação do pessoal que nela trabalha».

II — O item IV, passa a constituir, com a nova redação, a alínea b do item III.

III — O item V fica renumerado para item IV.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário. — José de Faria Pereira de Souza.

(D.O., de 14 de janeiro de 1971, pág. 343).

(*) V. LEX, Leg. Fed., 1943, Supl.: 1967, pág. 520.

Disposições sobre o Programa de Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas

PAULO SALDM MALUF, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições legais e com fundamento no artigo 89 da Lei n.º 9.711, de 30 de janeiro de 1967,

Decreto:

SEÇÃO I

Disposições Preliminares

Artigo 1.º — A Administração Pública Estadual desenvolverá programa denominado "Programa de Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas".

Parágrafo único — As Entidades Descentralizadas de que trata este artigo são as Autarquias, as Fundações e as Empresas em cujo capital o Estado tenha participação majoritária.

Artigo 2.º — O Programa de que trata este Decreto tem por objetivo proporcionar a prestação dos serviços necessários ao acolhimento e à assistência a crianças filhas de funcionários e servidores das Secretarias de Estado e Entidades descentralizadas, mediante a instalação e administração, por esses órgãos e entidades, de Centros de Convivência Infantil.

Artigo 3.º — Participarão do desenvolvimento do Programa de Centros de Convivência Infantil:

- I — o Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo;
- II — as Secretarias de Estado;
- III — as Entidades Descentralizadas.

SEÇÃO II

Do Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo

Artigo 4.º — Ao Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo, em relação ao Programa de Centros de Convivência Infantil, cabe:

- I — propor as diretrizes técnicas a serem adotadas para o Programa, bem como tranqüilizar aos órgãos e entidades da Administração Pública;
- II — acompanhar o desenvolvimento do Programa;
- III — exercer ação articuladora dos diversos órgãos e entidades da Administração Pública, com vistas à efetivação do Programa;
- IV — promover a realização de projetos de treinamento e desenvolvimento dos recursos humanos destinados aos Centros de Convivência Infantil;
- V — avaliar o desempenho do Programa, propondo medidas para seu aperfeiçoamento.

DIÁRIO OFICIAL DE 09.01.62

PÁGINA 01

(1) Seções de Estado e das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas

Artigo 5.º — As Secretarias de Estado e as Entidades Descentralizadas, em suas respectivas áreas de atuação, cabe o planejamento, a coordenação, a execução, o controle e a avaliação dos trabalhos necessários ao desenvolvimento do Programa de Centros de Convivência Infantil.

Artigo 6.º — Para desempenhar as atribuições de que trata o anterior, as Secretarias de Estado e as Entidades Descentralizadas se em especial:

I — das assessorias técnicas das Secretarias de Estado e das Entidades Descentralizadas;

II — dos Centros de Convivência Infantil, quanto à execução;

Artigo 7.º — As assessorias técnicas das Secretarias de Estado e das Entidades Descentralizadas, em relação ao Programa de Convivência Infantil, cabe, em suas respectivas áreas de atuação:

I — exercer, em integração com o Fundo de Assistência Social do Governo, as atribuições previstas no artigo 4.º deste Decreto;

II — assessorar as autoridades das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas a que pertencerem nos assuntos relativos ao Programa;

III — planejar a execução das diretrizes técnicas emanadas de Assistência Social do Palácio do Governo;

IV — promover a utilização de unidades de treinamento e de recursos humanos, pertencentes às respectivas Secretarias e Entidades Descentralizadas, nos projetos de que trata o inciso IV do presente Decreto;

V — colaborar com o Fundo de Assistência Social do Governo no desempenho de suas funções relativas ao Programa;

VI — zelar pelas condições de trabalho nos Centros de Convivência Infantil, promovendo a adoção das medidas necessárias para o desempenho adequado.

Artigo 8.º — Os Centros de Convivência Infantil, unidade de natureza interdisciplinar, têm as seguintes atribuições comuns:

- I — receber e cuidar das crianças, filhos de funcionários e durante seus horários de trabalho;
- II — zelar pelo bem-estar das crianças assistidas;
- III — orientar as famílias das crianças assistidas;
- IV — providenciar o atendimento alimentar às crianças;
- V — zelar pela higiene da alimentação distribuída às crianças, como dos materiais e das dependências por elas utilizadas;
- VI — elaborar e executar programas necessários ao desenvolvimento das crianças assistidas;
- VII — aplicar métodos e técnicas em conformidade com os de que trata o inciso anterior;
- VIII — realizar estudos visando a permanente atualização e desenvolvimento de métodos e técnicas pertinentes;
- IX — elaborar manuais de atendimento e de procedimentos;
- X — organizar e manter atualizado o cadastro das crianças;
- XI — providenciar a aquisição, controlar e distribuir materiais pedagógicos e outros utilizados na assistência às crianças.

SEÇÃO IV

Disposições Finais

Artigo 9.º — Os Centros de Convivência Infantil das

Artigo 10.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua

Palácio dos Bandeirantes, 8 de Janeiro de 1962.

PAULO SALDM MALUF

José Carlos Ferreira de Oliveira

Secretário da Justiça

Affonso Celso Pastore

Procurador-Geral

EMENDA CONSTITUCIONAL N.º 31, DE 31 DE MAIO DE 1982

A MESA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO, nos termos do inciso XV do artigo 17 da Constituição do Estado, promulga a seguinte Emenda ao texto constitucional:

Artigo único — O Capítulo III do Título IV, da Constituição do Estado, fica acrescido do seguinte dispositivo:

Artigo..... — O Estado manterá, na forma em que a lei estabelecer, nas repartições públicas em que prestem serviço mais de 30 (trinta) mulheres, local apropriado onde seus filhos, até 7 (sete) anos de idade, recebam assistência e vigilância, durante o horário de expediente.

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 31 de maio de 1982.

- a) JANUÁRIO MANTELLI NETO, Presidente
- a) Sylvio Martini, 1.º Secretário
- a) Vicente Bolla, 2.º Secretário

DECRETO N.º 22.865, DE 1.º DE NOVEMBRO DE 1984

Reformula o Programa de Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas

FRANCO MONTORO, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no artigo 89 da Lei n.º 9.717, de 30 de janeiro de 1967, considerando as conclusões apresentadas pelo Grupo de Trabalho inscrito pelo Decreto n.º 22.011, de 21 de março de 1984, e diante da exposição de motivos do Secretário da Promoção Social.

Decreta:

SEÇÃO I

Disposições Preliminares

Artigo 1.º — O Programa de Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas de que trata o Decreto n.º 18.370, de 8 de janeiro de 1982, passará a ser desenvolvido pela Administração Pública Estadual nos termos deste decreto.

Parágrafo único — As Entidades Descentralizadas de que trata este artigo são as autarquias, as empresas públicas, as sociedades de economia mista e as fundações.

Artigo 2.º — O Programa de que trata este decreto tem por objetivo proporcionar a prestação de serviços necessários ao acolhimento e à assistência a crianças de até 7 (sete) anos de idade, filhos ou dependentes legais de funcionárias e servidoras das Secretarias de Estado e das Entidades Descentralizadas, que estejam no exercício de suas funções, mediante instalação e administração de Centros de Convivência Infantil, consoante critérios a serem previamente estabelecidos.

Parágrafo único — Os funcionários e servidores que, em razão de viuvez, invalidez do cônjuge, separação legal ou de fato, tenham a guarda dos filhos, farão jus aos benefícios deste decreto.

Artigo 3.º — Participação do desenvolvimento do Programa de Centros de Convivência Infantil:

I — o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo;

II — as Secretarias de Estado;

III — as Entidades Descentralizadas.

SEÇÃO II

Do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo

Artigo 4.º — Ao Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, em relação ao Programa de Centros de Convivência Infantil, cabe:

I — propor as diretrizes técnicas a serem adotadas para o Programa, bem como transmiti-las aos órgãos e entidades da Administração Pública;

II — acompanhar a implantação e o desenvolvimento do Programa;

III — exercer ação articuladora ou coordenadora dos diversos órgãos e entidades da Administração Pública, objetivando a efetivação do Programa;

IV — promover a realização de projetos de treinamento e desenvolvimento dos recursos humanos destinados aos Centros de Convivência Infantil;

V — avaliar o desempenho do Programa, propondo medidas para o seu aperfeiçoamento;

VI — estimular e orientar organizações de funcionárias e servidoras beneficiadas pelos Centros de Convivência Infantil, tendo em vista a sua participação no Programa.

SEÇÃO III

Das Secretarias de Estado e das Entidades Descentralizadas

Artigo 5.º — Cabe às Secretarias de Estado e às Entidades Descentralizadas, em suas respectivas unidades de atuação, a instalação, a manutenção e a direção de Centros de Convivência Infantil, bem como a promoção das medidas necessárias ao desenvolvimento do Programa de que trata este decreto.

Artigo 6.º — Para desempenhar as atribuições previstas no artigo anterior, os Secretários de Estado e os Dirigentes das Entidades Descentralizadas designarão pessoas de sua confiança, que, em especial, terão a integração com o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, participando, também, do desenvolvimento dos trabalhos necessários ao efetivo cumprimento do disposto no artigo 4.º deste decreto.

IV — garantir a participação das mães e pais das crianças assistidas, através de organizações específicas;

V — providenciar o atendimento alimentar às crianças;

VI — zelar pela higiene da alimentação distribuída às crianças, bem como dos materiais e das dependências por elas utilizadas;

VII — elaborar e executar programas necessários ao desenvolvimento das crianças assistidas.

SEÇÃO IV

Disposições Finais

Artigo 8.º — Os Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e das Autarquias serão criados mediante decretos.

Artigo 9.º — As disposições deste decreto aplicam-se, também, aos atuais Centros de Convivência Infantil.

Artigo 10 — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogado o Decreto n.º 18.370, de 8 de janeiro de 1982.

Palácio dos Bandeirantes, 1.º de novembro de 1984.

FRANCO MONTORO

José Carlos Dias, Secretário da Justiça

João Sayad, Secretário da Fazenda

Nelson Mancini Nicolau,

Secretário de Agricultura e Abastecimento

João Oswaldo Leiva,

Secretário de Obras e do Meio Ambiente

Adriano Murgel Branco, Secretário dos Transportes

Paulo Renato Costa Souza, Secretário da Educação

Otávio Azevedo Mercadante,

Respondendo pelo expediente

da Secretaria da Saúde

Michel Miguel Elias Temer Lulia,

Secretário da Segurança Pública

Carlos Alfredo de Souza Queiróz,

Secretário da Promoção Social

Jorge Cunha Lima, Secretário Extraordinário da Cultura

Einar Alberto Kok, Secretário da Indústria,

Comércio, Ciência e Tecnologia

Caio Sérgio Pompeu de Toledo,

Secretário de Esportes e Turismo

Almir Pazzianotto Pinto,

Secretário de Relações do Trabalho

Antônio Carlos Mesquita, Secretário da Administração

Maurício Eduardo Guimarães Cadaval,

Respondendo pelo expediente

da Secretaria de Economia e Planejamento

Chopin Tavares de Lima, Secretário do Interior

Almino Momeito Álvares Affonso,

Secretário dos Negócios Metropolitanos

Franco Baruselli, Secretário Extraordinário

de Descentralização e Participação

Roberto Gusmão, Secretário do Governo

Publicado na Secretaria de Estado do Governo, em 1.º de novembro de 1984.

DECRETO N.º 22.865, DE 1.º DE NOVEMBRO DE 1984

Reformula o Programa de Centros de Convivência Infantil das Secretarias de Estado e Entidades Descentralizadas

Retificação do D.O. de 2-11-84

Artigo 7.º —

I — ... filhos ou dependentes legais de

onde se lê: funcionários e servidoras....

leia-se: funcionárias e servidoras....

DECRETO Nº 33.174, DE 8 DE ABRIL DE 1991

Dispõe sobre o Programa de Centros de Convivência Infantil da Administração Pública Estadual.

LUIZ ANTONIO FLEURY FILHO, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

Decreto

SEÇÃO I

Das Disposições Preliminares

Artigo 1º — O Programa de Centros de Convivência Infantil da Administração Pública direta, indireta e fundacional do Estado, inclusive empresas públicas e sociedades de economia mista, será desenvolvido nos termos do presente decreto.

Artigo 2º — O Programa a que se refere o artigo 1º deste decreto tem por objetivo proporcionar a prestação de serviços necessários ao acolhimento e ao atendimento de crianças de até 7 (sete) anos de idade, filhos ou dependentes legais de funcionárias e servidoras das Secretarias e dos órgãos da Administração Indireta e fundacional do Estado que estejam no exercício de suas funções, mediante instalação e administração de Centros de Convivência Infantil, consoante critérios a serem previamente estabelecidos.

Parágrafo único — Os funcionários e servidores que, em razão de viuvez, invalidez, devidamente comprovada do cônjuge, separação legal ou de fato, tenham a guarda dos filhos, farão jus aos benefícios deste decreto.

Artigo 3º — Participarão do desenvolvimento do Programa de Centros de Convivência Infantil:

- I — Secretaria do Menor;
- II — as Secretarias de Estado;
- III — os órgãos da Administração Indireta e fundacional do Estado.

SEÇÃO II

Da Secretaria do Menor

Artigo 4º — À Secretaria do Menor, em relação ao Programa de Centros de Convivência Infantil, cabe:

- I — propor as diretrizes técnicas a serem adotadas para o Programa, bem como transmiti-las aos órgãos e entidades da Administração Pública do Estado;
- II — acompanhar a implantação e o desenvolvimento do Programa;
- III — exercer ação articuladora ou coordenadora dos diversos órgãos e entidades da Administração Pública do Estado, objetivando a efetivação do Programa;
- IV — elaborar e executar projetos bem como promover treinamento e desenvolvimento dos recursos humanos destinados aos Centros de Convivência Infantil;
- V — avaliar o desempenho do Programa, propondo medidas para seu aperfeiçoamento;
- VI — estimular e orientar organizações de funcionárias e servidoras beneficiadas pelos Centros de Convivência Infantil, tendo em vista sua participação no Programa.

SEÇÃO III

Das Secretarias de Estado e dos órgãos da Administração Indireta e Fundacional

Artigo 5º — Cabe às Secretarias de Estado e aos órgãos da Administração indireta e fundacional em suas respectivas áreas de atuação, a instalação, a manutenção e a direção de Centros de Convivência Infantil, bem como a promoção das medidas necessárias ao desenvolvimento do Programa de que trata este decreto.

Artigo 6º — Para desempenhar as atividades previstas no artigo anterior, os Secretários de Estado e os Dirigentes dos órgãos da Administração indireta e fundacional designarão pessoas de sua confiança, que, em especial, farão a integração com a Secretaria do Menor, participando, também, do desenvolvimento dos trabalhos necessá-

I — receber e cuidar das crianças, filhos ou dependentes legais de funcionárias e servidoras, durante o horário de trabalho;

II — zelar pelo bem-estar das crianças atendidas;

III — orientar as famílias das crianças atendidas;

IV — garantir a participação das mães e pais das crianças por meio de organizações específicas;

V — providenciar o atendimento alimentar das crianças;

VI — zelar pela higiene da alimentação distribuída às crianças, bem como o do material e das dependências por elas utilizadas;

VII — elaborar e executar programas necessários ao desenvolvimento das crianças.

SEÇÃO IV

Disposições Finais

Artigo 8º — Os Centros de Convivência Infantil das Secretarias e das Autarquias são criados mediante decreto.

Artigo 9º — As disposições deste decreto aplicam-se, também, aos atuais Centros de Convivência Infantil.

Artigo 10 — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogado o Decreto nº 22.865, de 1º de novembro de 1984.

Palácio dos Bandeirantes, 8 de abril de 1991.

LUIZ ANTONIO FLEURY FILHO

Cláudio Ferraz de Alvarenga,

Secretário do Governo

Publicado na Secretaria de Estado do Governo aos 8 de abril de 1991.

pag
1 e 2

ANEXO II – Regimento interno da CAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

CRECHE ÁREA DE SAÚDE

REGIMENTO INTERNO

Outubro, 1989.

REITOR DA UNICAMP

Prof. Paulo Renato de Souza

COORDENADOR GERAL DA UNICAMP

Prof. Carlos Vogt

PRESIDENTE DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Dr. Paulo Eduardo M.R. da Silva

MEMBROS DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Ryoko Tsuda Bellentani

Dra. Sofia H.V. Lemos Marini

Lucila Eliana Moreira Sandoval

Gioconda Picarelli Russo

Índice

Objetivos da Creche Área de Saúde	4
Finalidades específicas do Berçário	5
Método de atuação da Creche Área de Saúde	6
Crítérios de seleção para admissão	7
Funcionamento	8
Condições para matrícula	9
Suspensão da matrícula	10
Direitos da mãe	11
Deveres da mãe	11

OBJETIVOS DA CRECHE ÁREA DE SAÚDE

- Cumprir com a emenda constitucional nº 31 de 03 de Maio de 1982 que diz: “O Estado manterá, na forma em que a lei estabelecer, nas repartições públicas em que prestam serviço mais de trinta mulheres, local apropriado onde seus filhos, até 7 anos de idade, recebam assistência e vigilância, durante o horário de expediente.
- À creche cabe prestar serviços necessários ao acolhimento e à assistência das crianças, filhos das servidoras da área de saúde da Unicamp, preferencialmente das que atuam em esquema de Turno ou Plantão ou Horário Especial¹, dando prioridade sempre às crianças mais jovens.
- Cuidar das crianças num ambiente adequado para seu bom desenvolvimento bio-psico-social.
- Favorecer a manutenção e fortalecimento do elo mãe-filho.
- Fornecer à criança atendimento médico sempre que necessário.
- Oferecer aos pais a possibilidade de aumentar e/ou modificar seus conhecimentos de assistência global, que levará a criança a desenvolver-se harmoniosamente.
- Objetivos específicos.
- Finalidade.

¹ Consideramos: Turno: trabalho diário, inclusive em fins de semana e feriados, com folgas pré-determinadas no início de cada mês, cujos grupos são escalados nas 24 horas do dia.

Plantão: trabalho em dias ou horas normalmente sem expediente.

Horário Especial: trabalho diário de Segunda a Sexta feira em horário incompatível com os recursos oferecidos por outros estabelecimentos de guarda de crianças (geralmente de 7 às 19 horas).

FINALIDADES ESPECÍFICAS DO BERÇÁRIO

- Cumprir com as disposições legais que estabelecem que toda instituição com pelo menos 30 (trinta) mulheres acima de 16 anos de idade, deverá contar com uma creche e uma sala de amamentação.
- Oferecer condições que permitam à mãe uma amamentação sem pressa, emocionalmente satisfatória, nos dois repousos de meia hora a que tem direito durante a jornada de trabalho.
- Facilitar e estimular uma amamentação bem sucedida.
- Cuidar adequadamente das crianças que estão sendo alimentadas com leite artificial e alimentação complementar.
- Orientar as gestantes e mães com relação à amamentação, saúde, higiene e outros aspectos do desenvolvimento da criança.

MÉTODOS DE ATUAÇÃO DA CRECHE ÁREA DE SAÚDE

- O primeiro objetivo será cumprido através da organização de uma creche que contará com um Berçário e um Maternal.
- O ambiente adequado para o desenvolvimento da criança será conseguido ao fazer com que a creche funcione como uma continuação do lar, fornecendo assistência integral à criança num local tranquilo e sadio, através de pessoal capacitado para o desempenho de suas funções.
- A manutenção e fortalecimento do elo mãe-filho será fornecida pela possibilidade de ambos terem contato durante a jornada de trabalho da mãe.
- Os pais poderão ser orientados a respeito da saúde, estimulação, e educação de seus filhos através de palestras, grupos de pais, folhetos, etc.

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO PARA ADMISSÃO

I – BERÇÁRIO

- Idade mínima de 2 meses e meio de idade

Nota: Se a demanda for maior que a oferta, utilizar os seguintes critérios de desempate:

1. Criança em aleitamento materno
2. Criança em menor idade
3. Filhos de funcionárias que trabalham em fins de semana e feriados
4. Estudo socio-econômico

II – MATERNAL I

- A partir de um ano de idade

- Estudo socio-econômico

Nota: Critérios de desempate

1. Filhos de funcionárias que trabalham em fins de semana e feriados
2. Crianças mais jovens

III – MATERNAL II

- A partir de dois anos de idade

- Estudo sócio-econômico

Nota: Critérios de desempate:

1. Filhos de funcionárias que trabalham em fins de semana e feriados
2. Crianças mais jovens

OBSERVAÇÕES:

1. Se solicitado, atender os filhos de Residentes, de estudantes de Medicina e Enfermagem, nos horários de plantão de fins de semana e noturno, desde que estejam sendo amamentados.
2. Casos especiais serão analisados pela Equipe Técnica da creche.

FUNCIONAMENTO

A creche deverá funcionar as 24 horas do dia, sem interrupção, obedecendo o horário adotado na área hospitalar, sendo portanto o funcionamento dividido em turnos como segue:

Manhã: das 7 às 14 horas

Tarde: das 13 às 20 horas

Noite: das 19 às 7 horas

Das 8:30 às 17:30 horas

Sempre que possível, as funcionárias com filhos menores que utilizarão esta creche deverão ser escaladas para o horário de manhã ou tarde, pois o horário da noite deverá ser reservado para casos de real necessidade, possibilitando a limpeza e ordem geral do local.

SÃO CONDIÇÕES PARA MATRÍCULA:

I – Entrevista com a Assistente Social da Creche.

- a) Para Berçário haverá seleção socio-econômica só em caso de disputa de vaga.
- b) Para Maternal sempre haverá estudo socio-econômico.

II – Prova de que a mãe está em pleno exercício da sua função na Unicamp e apresentação de comprovante de horário de trabalho e dias de folga.

III – Declaração do Pediatra que a criança está em condições de freqüentar uma creche.

IV – Cartão de vacinas em dia.

V – Declaração por escrito da mãe concordando em sujeitar-se ao regulamento da creche.

CASOS ESPECIAIS

I – Dependentes legais de servidoras serão igualmente aceitos, desde que sejam aprovadas as condições de matrícula acima descritas e os critérios de seleção.

II – Filhos ou dependentes legais de servidores que, em razão de viuvez, invalidez do cônjuge, separação legal ou de fato, tenham a guarda dos filhos, poderão freqüentar a creche, desde que sejam aprovadas as condições de matrícula e os critérios de seleção.

III – Crianças excepcionais não poderão ser aceitas porque a creche não terá infraestrutura nem profissionais específicos para esses casos.

PERMANÊNCIA DA CRIANÇA NA CRECHE

I – A criança poderá permanecer na creche durante o período de expediente da mãe, incluindo sábados, domingos e feriados, nunca ultrapassando o horário do plantão nem durante os dias de folga.

II – Em caso de doença, o pediatra ou a enfermeira da creche decidirá se a criança pode freqüentar a creche.

III – A criança deverá sempre vir acompanhada da mãe ou responsável e a entrega dela só será feita a estas pessoas.

IV – A criança não poderá freqüentar a creche durante as folgas, férias, faltas e afastamentos da mãe.

V – A criança poderá freqüentar a creche durante a licença de gestante da mãe somente enquanto esta estiver na maternidade.

VI – Qualquer caso especial em relação à permanência da criança na creche quando a mãe não estiver cumprindo seu expediente normal, será estudado pela Assistente Social.

SUSPENSÃO DA MATRÍCULA

I – Quando o índice mensal de faltas sem justificativa ultrapassar o 30%.

II – Quando a mãe for demitida ou requerer demissão da UNICAMP.

III – Quando a mãe requerer a retirada definitiva da criança através de carta redigida à responsável da creche.

IV – No Berçário:

Quando a criança completar um ano de idade.

No Maternal:

Quando a criança completar quatro anos de idade.

DIREITOS DA MÃE

- I – No Berçário: usufruir de um local que fornecerá condições adequadas para amamentar seu filho.
- II – Usufruir um local que fornecerá condições adequadas para a guarda de seu filho durante a jornada de trabalho.
- III – Consultar a Equipe Técnica da creche no caso de dúvidas ou problemas relacionados com seu filho nos seguintes aspectos: saúde, nutrição e psicologia.

DEVERES DA MÃE

- I – Apresentar-se na creche sempre que for convocada.
- II – Comparecer nos horários de entrada e saída.
- III – Entregar a criança para a pessoa responsável.
- IV – Comunicar toda e qualquer doença ou intercorrência que a criança tenha apresentado no período em que esteve ausente da creche.
- V – Fornecer a medicação que a criança esteja recebendo junto com a receita médica. Se o medicamento prescrito não constar dentre os autorizados pelo Pediatra da creche, a mãe se responsabilizará da sua administração.
- VI – Fornecer todas as trocas de roupa da criança em boas condições de uso.
- VII – Colaborar nas atividades da creche sempre que solicitada.
- VIII – No Berçário: apresentar-se para amamentar pelo menos duas vezes durante o expediente, até o bebê completar 6 meses de idade e pelo menos uma vez até ele completar 9 meses de idade.
- IX – As visitas a creche de pessoas que não o pai ou a mãe deverão ser previamente autorizadas.

ANEXO III – Planta baixa da creche

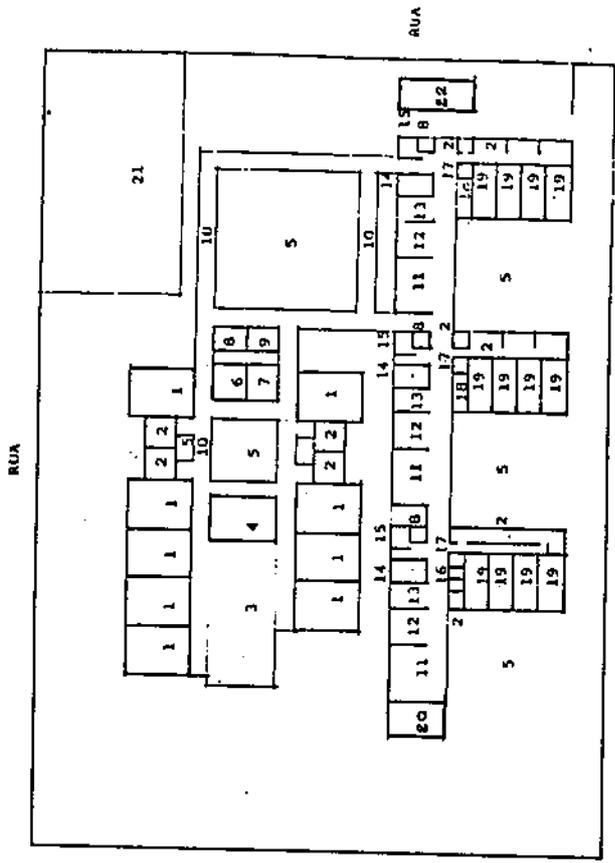


Laboratório de Habitação

Coordenador: Sérgio de Siqueira
 Professor Titular: Sérgio de Siqueira
 Professor Assistente: Sérgio de Siqueira
 Assistente Técnico: Sérgio de Siqueira

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
 LABORATÓRIO DE HABITAÇÃO
 AV. PAVÃO, 1508 - MARACÁ - RIO DE JANEIRO - RJ
 CEP: 21508-900

- 1 sala
- 2 sanitário
- 3 galpão
- 4 cozinha
- 5 pátio descoberto
- 6 diletoria
- 7 odontologia
- 8 enfermagem
- 9 médico
- 10 circulação descoberta
- 11 recreação
- 12 refeitório
- 13 copa
- 14 vestiário funcionários
- 15 internação
- 16 brinquedos
- 17 rouparia
- 18 secagem
- 19 dormitório
- 20 lavanderia
- 21 quadra de esportes (FUTURA OFINA)
- 22 administração



ESCOLA

TÉRREO

9 SALAS AULA 48m2 CADA	432m2
2 CONJTº. SANITARIOS 32m2 cada.....	84m2
1 GALPÃO	144m2
1 COZINHA	44m2
1 DIRETORIA	16m2
1 ODONTOLOGIA	16m2
1 ENFERMAGEM.....	12m2
1 CONSULTÓRIO	12m2

SUBTOTAL 760m2

1º PAVTº

1 CONJTº. SANITÁRIO	32m2
1 SECRETARIA	18m2
1 SALA PROFESSORES	18m2
4 SALAS ADMINISTRAÇÃO 16m2 cada.....	64m2
1 ALMOXERIFADO	18m2

SUBTOTAL 150m2

CIRCULAÇÃO COBERTA

470m2

TOTAL 1.380m2

CRECHE

1 MÓDULO P/ CRIANÇAS MAIOR 2 ANOS	294m2
2 MÓDULOS CRIANÇAS ATÉ 2 ANOS 294m2 cada	588m2
1 LAVANDERIA	43m2

SUBTOTAL 925m2

CIRCULAÇÃO COBERTA

28m2

TOTAL 953m2

QUADRA DE ESPORTES 30X17 m = 510m2

TOTAL GERAL 2.333m2

ORÇAMENTO LOCAL PROFIC = CID. UNIV. CAMPINAS	Laboratório de Habitação
PROPRIETÁRIO IRCAMP=UNICAMP	
PROMOTOR SECRET. EDUCAÇÃO	MÚLTIPO DE DESENVOLVIMENTO DE QUALIDADE - MUDON
FASE ESTUDO PRELIMINAR	COORDENADOR: PROF. APO. JOAN VILLÁ
REVISÃO QUADRO DE ÁREAS	GRUPO DE TRABALHO
REVISÃO QUADRO DE ÁREAS	FEVRI 1974
REVISÃO QUADRO DE ÁREAS	UNICAMP

REVISÃO QUADRO DE ÁREAS

ANEXO IV – Questionários utilizados nas entrevistas

Questionários utilizados nas entrevistas com as Supervisoras de Módulo

- Nome
- Cargo que ocupa e quanto tempo trabalho na creche
- Formação
- Qual a faixa etária que o Módulo atende?
- Quantas recreacionistas por criança?
- Qual é o papel da enfermagem no Módulo?
- Como é estruturado o trabalho diário (alimentação, higiene, atividades pedagógicas- quem orienta e quais são)
- Como é feita a avaliação das crianças?
- Como é feita a passagem de uma turma para a outra?
- Dificuldades na realização do trabalho
- Opinião sobre o projeto do espaço físico.

OBS: Na entrevista com a Supervisora do Berçário foram feitas mais algumas questões:

- Como é feita a adaptação do bebê quando ele chega na creche?
- Como é o período de amamentação?
- É permitida a visita dos pais?

Questionário utilizado na entrevista com a Coordenadora Psico-pedagógica

- Nome
- Cargo que ocupa e quanto tempo trabalho na creche
- Formação
- Como é estruturado o trabalho pedagógico da creche?
- O que o norteia?
- Existem reuniões para se discutir o plano e os projetos?
- Quem orienta o trabalho pedagógico em cada Módulo?

Questionário utilizado na entrevista com a Diretora

- De quem foi a iniciativa de construir uma outra creche na Universidade?
- Em que ano iniciou a sua construção?
- Quem a financiou?
- Quais os profissionais que faziam parte da comissão de construção da creche?
- Que clientela ela pretendia atender?
- Quais os seus objetivos iniciais?
- Como foi selecionada a equipe que iria trabalhar na creche?
- Quais os profissionais que faziam parte do quadro inicial dos funcionários da creche?
- Dificuldades encontradas
- Como era as instalações iniciais?
- Horário de atendimento
- Quantas crianças atendia por faixa etária?
- Das pessoas que ainda estão na creche, quais participaram desde o primeiro momento?
- Histórico do que mudou.

ANEXO V – Transcrição das entrevistas

Transcrição da Entrevista com a Diretora da CAS

De quem foi a iniciativa de se construir a creche?

Em 1987, os funcionários da área da saúde em conjunto com a superintendência do HC começaram os primeiros estudos, porque o CECI existia mas não atendia a área de saúde, não existia a especificidade, a creche era aberta para o público em geral, então quando é público em geral, o horário geralmente é horário administrativo: das 7:00 às 16:00 horas, das 8:30 às 17:30 horas. Então, esse movimento começou pensando basicamente em uma creche para atender o pessoal da área de saúde que trabalha em turno.

Então, desde a origem era para trabalhar em regime de turno? É, em regime de turno, porque aquelas funcionárias da área de saúde que trabalhavam no horário administrativo eram atendidas no CECI... **E as mães que trabalham em turno não?** Não era contemplado, porque o CECI não tinha estrutura para atender esse horário. Então o objetivo principal foi atender pessoal de turno, em final de semana. Aliás, na ocasião pensou-se até em creche funcionando 24 horas. **Para quem trabalha à noite?** É, mas com o tempo nós fomos avaliando, o horário noturno seria tipo hotel? Hotelzinho para as crianças? Então não justificava. **Nunca atendeu à noite?** Não, houve a intenção, mas não foi concretizada.

Essa iniciativa foi, assim, da superintendência, dos funcionários, principalmente da área de internação, porque é o pessoal mais sofrido no campo, quem trabalha em turno, fim de semana, feriado, data festiva e que mesmo assim, na hora de usufruir de um benefício, não tinha condições, então assim nasceu os primeiros estudos.

E partiu, foi reivindicação das trabalhadoras, das enfermeiras, do pessoal que trabalhava em turnos ou iniciativa do hospital? Acho que foi em conjunto, porque ... o Hospital das Clínicas foi inaugurado e trouxe... todos os serviços que existia na Santa Casa, lá na cidade, então, eu lembro, eu era diretora da divisão de enfermagem na época, as funcionárias ficavam grávidas e se afastavam por licença gestante. Eu sinceramente, não sei como que cada funcionária se virou. **Quem cuidou dos seus filhos.** É, porque naquela época não existia creche, não existia refeitório, não existia auxílio criança, sabe, todos esses benefícios começaram a surgir depois do ano 85 para cá. Então as funcionárias que trabalham na Unicamp desde Santa Casa e que tiveram filhos naquela época não receberam

nenhum tipo de benefício, então quando houve a mudança do HC da cidade para cá, a população triplicou por causa do número de leitos. Nós trabalhávamos mais ou menos com 200 leitos, dobrou; serviços complementares também foi ampliando, contratando pessoal, então a população da área da saúde ficou imensa e naturalmente as autoridades também têm essa preocupação: o que fazer com as funcionárias com crianças pequenas, existindo o CECI, aí ao lado, né, então houve esse movimento por parte dos funcionários, mas houve uma preocupação muito grande por parte das autoridades. **Da direção do HC?** Da direção da área da saúde, porque eu não me lembro de movimento, houve sim, bom senso das partes, eu acho que as autoridades na época sentiram responsabilidade muito grande e analisando o cronograma, a gente percebe que foi muito rápido. **Você lembra quem era o diretor na época?** Olha, na época o reitor era o professor Renato e o coordenador geral era o professor Voght e do HC era o Dr. Mantovani o superintendente. Mas tudo isso a gente vai ver na relação dos membros que constituíram a comissão, tá? Tá.

Em que ano iniciou a construção da creche, Riyoko? O pessoal do NUDECRI, Núcleo de Desenvolvimento de Criatividade, ele ficou de me dar a data exata, mas nós sabemos que foi em 1988. **Mas a comissão foi formada antes, né?** Então em novembro de 1987 firmou-se um convênio entre IRCAMP, UNICAMP e FUSSESP. **O que é IRCAMP?** IRCAMP, é Instituto de Reabilitação de Campinas, e FUSSESP, Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo. Eles firmaram esse convênio para ter vários sub-programas, a creche inicialmente estaria dentro do programa do PRODECAD, Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. Então, em 1987 existia o Pré-Escolar e o Apoio, faltando apenas a creche, então através desse convênio iniciou-se as primeiras negociações para a construção da creche. **O Apoio é o Prodecad hoje?** É, seria três sub-programas dentro do Prodecad. Só que no meio do caminho a creche ficou separada. **Ah, inicialmente era para ser junto?** É, seria três sub-programas, mas como sempre, sempre o objetivo principal era atender o pessoal da área de saúde cumprindo turno, ficou uma área muito específica, então foi desmembrada. **O Prodecad atende todos os filhos de todos os funcionários, a Unicamp como um todo.** É, então nessa época o NUDECRI, ele tem projeto próprio, é o mesmo projeto da moradia dos estudante, aquele restaurante Lake House, então nós acompanhamos na planta física, nós aproveitamos bastante a experiência da Lucila, diretora do CECI; Dra. Sofia, pediatra e a equipe do

NUDECRI, já havia assim, realizado várias visitas à diversas creches de São Paulo e região, então tinha uma experiência muito grande, então reunindo a experiência de todas as partes foi elaborado o projeto. Na época o coordenador do NUDECRI era o professor Villas, sempre acompanhado do arquiteto Roberto Pompéia, até hoje eles trazem inúmeros visitantes para conhecer a nossa creche, tinha também o arquiteto Taka, eles tinham muita criatividade, são profissionais que além de conhecer a parte específica deles, se envolveram bastante com a Educação Infantil, então foi bastante gratificante. **Estudaram bastante antes de construir.**

Então em novembro foi firmado o convênio e então... Em dezembro foi formada a comissão. Na comissão então... o professor Renato que era o reitor, formou uma comissão de assessoria técnica para acompanhar a implantação da creche. Nessa comissão tinha o coordenador que era o professor Renato Fagundes que era acessor direto do superintendente; depois a Cecília, psicóloga do IRCAMP; enfermeira Lucila como diretora do CECI; pediatra Dra. Sofia da FCM; enfermeira Riyoko do HC; engenheiro Sérgio do NUDECRI; Gioconda, assistente social do HC; e engenheiro Crivelente do ITEC, então tinha representantes de várias áreas. Nessa comissão não houve inclusão de representantes, porque foi assim mais no aspecto de assessoria técnica, mais para frente nós envolvemos representantes de mães. Então na fase inicial, em dezembro de 1987, quando foi criada essa comissão era somente técnicos, representantes de vários órgãos.

E quanto a clientela, que você pergunta, era objetivo atender preferencialmente pessoal de turno, trabalhando aos finais de semana, aos domingos, porque o pessoal não para. A gente queria dar cobertura total para esse pessoal. **A creche atende crianças cujas mães não trabalham em turno? Ou só as que trabalham em turno?** Aqui, todos têm que ser em turno. **Faz parte do regimento interno da creche?** É, nós temos, por exemplo, no momento, duas residentes. Residentes nós consideramos assim: são profissionais que não têm horário, dão plantão, elas não são bem estudantes, elas trabalham intensamente, então como nós viemos da área da saúde, nós compreendemos o ritmo de vida que os residentes levam. Então, quando uma residente nos procurou, em reunião da equipe técnica, nós chegamos em um consenso que residentes poderiam ser considerados funcionários apesar de estar fazendo especialização, então nós abrimos uma exceção e vem vindo... Nós partimos do princípio que havendo vaga, a gente deve aceitar essas crianças... depois que

entrou, por questões de afetividade, por questões de convivência, a gente acaba deixando completar os quatro anos. Eu acho que esse vínculo é muito importante em uma creche. Tem creche que tem saída frequente, mas nossa equipe foi criada dizendo sempre que nossa equipe é uma família grande, trabalhamos todos juntos em função das crianças, a gente sempre deu ênfase na parte emocional, afetiva da equipe, então ela se envolve muito com as crianças. Quando a gente fala que “fulana” vai sair, por necessidade de vaga, a equipe fica muito... sofre muito. Em quase 10 anos de funcionamento, apenas uma vez em 92, que nós tivemos que fazer seleção e pedir vagas, foi uma tristeza muito grande, foi uma choradeira muito grande. Então atualmente nós estamos com 3 ou 4 filhos de residentes e elas mesmas fazem comentários com outras residentes e acho que a gente vai ter que continuar atendendo sempre, antes elas procuravam o CECI, porque aqui o regimento interno diz que é para turno, mas por causa da facilidade e vários comentários que vão chegando elas acabam preferindo aqui que é perto, facilidade de acesso.

Antes de continuar, Riyoko, quem financiou a construção da creche? A creche foi construída com a verba da área de saúde... Boa parte a gente acha que foi o HC e o CAISM, mas boa parte foi o HC. Quando nós inauguramos nós fizemos um levantamento estatística e 70% das usuárias a procedência era do HC e de tempos e tempos nós fazemos esse tipo de conferência e continua, a maior parte, é procedente do HC mesmo. **A construção também... também foi verba do HC, do CAISM. E é a verba do HC que mantém a creche, também?** É, nós, o salário naturalmente está ligado à Reitoria, mas as despesas de gêneros alimentícios, serviços de lavanderia, serviços de manutenção, transporte, é totalmente por conta do HC, desde a inauguração. Na realidade nunca houve oficialmente a subordinação da creche área de saúde ao HC, mas na prática desde a inauguração eles vêm assumindo.

E quais foram os objetivos iniciais? Os objetivos iniciais tem toda aquela coisa, aqueles itens no regimento interno que eu vou te passar, mas eu prefiro dizer que o objetivo inicial e atual é turno. E sempre dando prioridade às crianças mais jovens.

E como foi selecionado e quais os profissionais que faziam parte do quadro inicial da creche? Olha, nós tivemos o privilégio de começar com o quadro completo. Acho que tanto as autoridade, como nós, estávamos tão empolgados que a implantação foi super gostosa. Todos cooperando, houve uma facilidade muito grande em montar a equipe, colocar os

móveis e equipamentos, foi assim uma festa. **E começou já com essa construção atual?** Sim. **Não começou em outro lugar e depois veio para cá?** Não. **Desde o início foi aqui.** Foi. E nós tivemos dois tipos de seleção: seleção através do concurso realizado e dentro da comunidade universitária. Na época existia concurso homologado de recreacionistas e também de auxiliar de serviços gerais, então obedecendo a listagem de classificação, nós convocamos as recreacionistas e os auxiliares de serviços gerais, nós convocamos e destinamos para serviço de nutrição e serviço de limpeza. Agora a formação da equipe técnica, foi assim a procura espontânea e foram entrevistadas por mim e naquela época a reposição tinha facilidade, então as chefias de origem liberavam sem grandes dificuldades. **E elas já trabalhavam...** Nós tivemos vários funcionários transferidos do CECI, nós tivemos a pedagoga Magali, a enfermeira Cecília Lourenço, a assistente social Adriana, são três funcionárias cedidas pelo CECI. Daí o HC, liberou a enfermeira Marisa, Valéria, liberou também outra pedagoga, a Magali dos Reis, que hoje está na Faculdade de Educação; e o HC liberou também uma nutricionista. Então, Magali dos Reis veio um pouquinho mais tarde, mas nós começamos com a Magali de Oliveira, a equipe estava completa e o número, naturalmente era proporcional ao número de crianças que nós matriculamos no início. Nós começamos com 50, em junho de 90, só que em agosto de 90, nós tínhamos mais de 120. **Nossa...** Em dois meses houve uma demanda bem grande e a equipe também foi aumentada. Nós tivemos o primeiro jornal do HC dizendo da inauguração, você vai receber. **Que bom!** Então, nós começamos com o quadro completo. **E das pessoas que ainda estão aqui, quem está desde o começo?** Olha eu fiz uma lista, então: da direção tem a diretora que sou eu, da equipe técnica desde o primeiro momento, primeiro momento eu considerei quem foi contratada em junho e julho de 90, que houve treinamento em grupo, depois as contratações foram na medida da necessidade, então eu não considerei. Nos primeiros dois meses de 90, nós temos da equipe técnica, nós temos ainda três enfermeiras desde que começou, que são Valéria, Marisa e Cecília, uma pedagoga que é a Magali; das recreacionistas nós temos 18. **Nossa, bastante gente, né?** É, da nutrição nós temos duas; dos serviços gerais nós temos 5 e do apoio administrativo nós temos duas. Então ainda nós temos aquelas recreacionistas que foram contratadas no final de 90 que eu não considerei porque você pergunta desde o início, então eu considerei

aquele grupo que chegaram todos juntos e passaram por treinamento sem ter criança. Então foi uma fase muito importante e marcante, você vai ver o álbum.

Como eram as instalações... são as mesmas né? Então quando você pergunta sobre instalações eu fiquei imaginando instalações da área física. **É.** É a mesma, não houve ampliação, apenas no interior do prédio, nós colocamos várias grades de madeira: no Berçário, nós fizemos naquele salão um “chiqueirão” enorme, onde as crianças pudessem explorar o espaço, sem cruzar com o adulto que fica circulando em volta e procuramos também que aquele salão, o “chiqueirão” é a área mais limpa do salão, onde ficam as crianças que estão engatinhando e as funcionárias. Evitamos que as mães entrem nessa área para manter o mais limpo possível, porque o pessoal vem da área contaminada. E no Maternal I nós colocamos grades nas portas dos quartos, para a segurança das crianças e tranquilidade das tias, enquanto dava banho, as crianças saíam toda hora, então era um transtorno. E no Maternal II, você participou do projeto dos cantos. Então a instalação inicial é a mesma e essas providências foram tomadas conforme as necessidades que a equipe vinha detectando.

E o horário de atendimento, Riyoko, sempre foi o mesmo horário? Sempre de turno, inicialmente foi das 7:00 às 14:00 e das 13:00 às 20:00 horas. Recentemente houve uma pequena redução de horário, então mudou para 6:55 às 13:15 e das 13:00 às 19:20 horas, é um horário quebrado, mas nós damos uma margem de tolerância.

E quantas crianças a creche atendia? Nós começamos com 50 conforme nós já comentamos e nós temos estatística que mostra... Recentemente nós apresentamos para o Reitor de Desenvolvimento (me mostrou a planilha), é sempre dezembro, dezembro de 90, 44, 60, 64, 168 **Começou...** É começou pouco e logo foi já aumentando. Então você pode perceber que em 92 que a demanda foi grande. **Foi aquele ano que teve que fazer a seleção.** É. Isso (tabela)nós vamos te passar.

E se teve alguma dificuldade. Olha, não tivemos nenhuma dificuldade, assim, digna de nota, porque, eu acho que essa creche nasceu de uma forma tão gostosa... e a comunidade participou muito. **Depois você disse que houve representante das mães na comissão, né?** É, assim que foi inaugurada nós formamos uma comissão de mães, discutimos cada passo, e quando a máquina vai bem, o pessoal começa a se desinteressar, está de acordo, está satisfeito e a comissão desapareceu, sabe. **E não tem mais?** Não tem mais, só que nós

fazemos reuniões periódicas e nós incentivamos as mães que sempre que tiver alguma dificuldade, algum aborrecimento, alguma coisa que a preocupe, procure a equipe técnica ou a direção, que nós estamos sempre abertas, porque não queremos mães insatisfeitas, porque daí a gente não cresce. Então, sempre que eu tomo conhecimento que a mãe de fulana saiu brava, eu procuro e pergunto o que houve, nós conversamos, apuramos o fato, nós sempre procuramos resolver o problema e cortar o erro pela raiz, porque nós não queremos ter problemas de relacionamento, mãe com a equipe, afinal de contas, nós estamos cuidando do filho dela. Então eu sempre digo que o relacionamento entre a mãe e a equipe tem que ser melhor possível, e para ser melhor possível, as mães tem que ter condições de confiar no trabalho da equipe, e para poder confiar na equipe, tem que conhecer. Então, no treinamento inicial, até hoje, nós falamos sobre a importância do relacionamento, que a gente tem como obrigação ter em mente três aspectos: nós estamos trabalhando em equipe, nós somos uma família, ninguém é mais importante que ninguém, mesmo em termos de área, todas as áreas são importantes e todos os funcionários são importantes, então se acontece uma coisa boa o mérito é de todos, acontece alguma coisa errada, vamos analisar, sentir que você também faz parte daquele fato ocorrido. Nós divulgamos muito as coisas boas e ruins, porque nós não podemos acreditar que não existem problemas, se existiu tem que resolver, se recebeu elogio vamos curtir... Se bem que eu falo que quando recebe elogio aumenta a responsabilidade, não é ficar contente e ficar parado no tempo e no espaço. Cada elogio que a gente recebe aumenta a responsabilidade, tem que fazer melhor, então o pessoal até pensa: É bom receber elogio, mas se eu digo que aumenta a responsabilidade...

Outra coisa a equipe tem que trabalhar de uma forma que a mãe possa entregar seu filho e trabalhar com tranquilidade. E outra coisa que nós falamos é que não existe receita para lidar com criança, então cada elemento que constitui nossa equipe deve trabalhar acreditando que aquele seu trabalho é o melhor, que está fazendo o melhor para a criança. Quando existe essa convicção, eu acho que faz com mais amor, mais dedicação. Então a gente trabalha muito assim. As recreacionistas estão bem com as mães, as mães estão bem com as recreacionistas, sabe. Quando fala que tem certa dificuldade, nós provocamos encontros, porque tem que solucionar, não pode ficar enrolando, passa mês, passa ano e fica

aquele mal entendido, então nós conversamos bastante com as mães, principalmente aquelas que não conseguem confiar, então acaba criando um ambiente desarmonioso.

Nesses quase 10 anos o que mudou? O que mudou, eu anotei assim: em outubro de 1989 foi elaborado um regimento interno só para norrear, e no regimento constava que a creche não receberia criança com deficiência, porque não dispõe de infra-estrutura, não dispõe de pessoal especializado e esse assunto não foi muito discutido na época. A discussão voltou muito assim, na questão se a creche iria atender pessoal de turno e administrativo? Ficou muito mais nesses assuntos do que nesses detalhes do regimento. A creche começou a funcionar em junho de 1990, e em agosto de 1990 nós matriculamos uma criança com deficiência visual, então eu acho bom, assim, não ficar muito ligado às coisas escritas, porque na prática as coisas são diferentes. Quando surgiu uma funcionária da área de saúde com uma criança com deficiência, estava com 6 ou 7 meses de idade, na conversa, na entrevista, nós esquecemos completamente o que estava escrito no regimento, matriculamos, porque nós achamos que tínhamos capacidade para atender e o tempo foi passando e quando ele começou a ficar de pé, e andar e daí que nós atinamos: e agora? Aí nós lembramos da equipe multiprofissional do CEPRE e pedimos socorro. A equipe veio até aqui e nós fizemos discussões, elas passaram todas as dicas, as orientações específicas da criança com deficiência visual. E isso serviu, assim de exemplo, que a creche com crianças sem problemas é muito fácil, vai tocando e quando aparece uma criança com dificuldade é um desafio muito grande para a equipe, é um estímulo, a equipe aprendeu muito, desde pessoal da limpeza, todo mundo, recreacionista, equipe técnica. **Acho que inclusive as crianças, acho que a criança é que ganha muito mais com isso, né?** É, é interessante porque essa criança tem uma memória fantástica, com 1 ano começava guardar as letrinhas das músicas. E o tempo passou e ele ficou até quatro anos e nesse último grupo, nós observamos uma situação interessante: tinha uma criança que dava atenção especial para o Lucas, sabe, desde pequeno já começa a nascer na criança que alguém está precisando de auxílio e esse auxílio é uma coisa tão delicada, carinhosa que chamava atenção. **Eles já começam a aprender a lidar com a diferença...** É, aprender com a diferença e tão pequeno, mas percebe que precisa do meu apoio, da minha companhia, da convivência, valeu a pena, viu!

Então, quando a gente fala que mudou, bem na verdade não mudou porque não foi nem implantado. O que mudou de fato foi que no regimento constava que a criança freqüentaria a creche durante a licença gestante da mãe, somente no período em que a mãe tivesse internada na maternidade, porque era direito da mulher trabalhadora, mas depois com a nova LDB, a creche é agora direito da criança e não mais direito da mulher, então mesmo na licença gestante, podendo, a criança freqüenta normalmente. Aquelas mães, cuja família não têm condições de trazer porque não tem carro vai acabar ficando em casa, mas aquelas mães que têm carro ou alguém pode trazer, têm freqüentado normalmente, porque afinal de contas 120 dias é um período muito longo também. **As mães que voltam a trabalhar antes de terminar a licença gestante, é isso?** Não, a mãe está afastada por licença gestante fica em casa com o bebê, mas o filho que estava freqüentando, continua freqüentando. **Ah, tá, entendi.** Entendeu? E muitas mães, muitas vezes a mãe põe o bebê na cesta de moisés e põe o menino que está matriculado na nossa creche, traz e vem buscar, então é bom para a criança porque mantém continuidade e para a mãe, de certa forma, é bom porque dispõe de mais tempo para cuidar do bebê e da casa, então isso mudou.

Então, eu acho que é só Riyoko, obrigada.

Transcrição da entrevista com a coordenadora psico-pedagógica

Qual a sua função aqui na creche?

Eu respondo pela área psicopedagógica da creche. Sou formada em Pedagogia pela Unicamp, na Faculdade de Educação e tenho dois cursos de especialização: um em criança com deficiência visual e auditiva e um sobre orientação educacional. E mais de 15 anos de trabalho em creche.

A Riyoko é a diretora, você que responde pela parte psicopedagógica e a Valéria... A Valéria Bonfim que é diretora do serviço de enfermagem, eu respondo pela área psicopedagógica, eu que coordeno o trabalho das psicólogas e das pedagogas e a Moori que é a Nutricionista.

Como é estruturado o trabalho pedagógica na creche?

Nós temos um Projeto Pedagógico que ainda continua em construção, ele é o nosso norteador. Ele foi “construído” desde que a creche entrou na estrutura da Unicamp, a forma como são organizados os grupos, o trabalho em si, então está tudo escrito nesse Projeto Pedagógico. Eu posso depois estar passando para você, se você quiser. Ele foi construído, já foi refeito, este já é o terceiro, a gente de tempos em tempos revê o trabalho, revê, redige em cima de algumas leituras que nos chegam. Agora ele está em um período de transição de novo. Mas existem alguns princípios básicos, que é o princípio de todas as áreas aqui. Primeiro, o trabalho da creche é multidisciplinar, são várias áreas que se integram para dar um trabalho educativo para a criança, tanto na questão do cuidado como o educar, que são duas coisas que estão integradas na Educação Infantil.

Outro princípio é que as áreas se reúnem com uma frequência para discutirem alguns assuntos que são pertinentes do conjunto como um todo. **Com as supervisoras de cada módulo?** Com a equipe técnica, que se reúne, de todas as áreas, a gente monta por exemplo, como é que se desenrola isso durante o ano? Então no final do ano passado nós montamos um cronograma de atividades, datas que a gente vai estar seguindo. Dentro dessas datas existem os projetos pedagógicos que estão encaixados em alguns meses, então cada área tem uma contribuição a dar nesse cronograma, do que gostaria de estar trabalhando durante aquele ano, qual a forma. Então primeiro a gente monta este

cronograma com as datas, os projetos já estão encaixados, e eles vão ser “destrinchados” conforme vão chegando mais próximos, aí então as áreas sentam novamente e planejam, a gente senta com as educadoras também, tira idéias, troca... O que é interessante nesse trabalho é que ele não é uma coisa sempre fechada, o que a gente só fecha a questão de datas para seguir um cronograma para nós não nos perdermos, agora ele sempre é flexível e ele vem tanto da idéias da equipe técnica como do grupo de educadoras também, a gente faz essa troca.

Mas tem momentos que vocês sentam com as recreacionistas? Sim, cada supervisora de módulo tem reunião de planejamento com elas, é o momento que se senta com o grupo das recreacionistas, é discutido, é dada a proposta, e a proposta é tirada delas em alguns momentos, o conteúdo, o que vai estar avaliando com a criança o que a gente vai fazer, como é que é, elas fazem pesquisas, nós vamos pesquisar alguma coisa. O Projeto Pedagógico que a gente trabalha por mês, seguindo o cronograma, ele tem sempre alguma coisa que está nos chamando a atenção para a gente melhorar. Por exemplo “Conhecendo minha creche, meu espaço” a gente começou, veio depois do “Espaço educativo creche”. Então o ano passado nós recebemos a visita do pessoal da Faculdade de Educação e de outros lugares e eles deram um olhar e nessa avaliação do olhar a gente sentiu a necessidade trabalhar com o nosso espaço... Com o caráter educativo dele, de formação, de que atividades a gente faz ou deixa de fazer, esse é o primeiro que surgiu nesse ano. Logo em seguida tem um que é complemento daquele, que é “Conhecendo minha creche, meu espaço”. Só que às vezes a gente tem uma previsão de trabalhar, começar em um mês e ele vai embora, e esse entrou dentro do outro projeto, talvez nós vamos ter que estar trabalhando isso em um módulo, por exemplo, “Conhecendo dentro da gente” está se trabalhando no Maternal II, agora o “Conhecendo minha creche, meu espaço” está entrando agora no Berçário e no Maternal I.

Esses projetos então são discutidos com todo mundo? Com todo mundo. Esse cronograma ele é feito só pela equipe técnica, tem os dados, a reunião e a gente coloca as datas do grupo integração, algumas datas que são fechadas pelo próprio calendário escolar. Só que os projetos só têm a princípio o nome, os meses para serem desenvolvidos e uma idéia e aí como se dá na prática? Aí que é o trabalho de todo mundo.

O que é esse grupo integração? O grupo integração é o grupo de formação que a gente tem de funcionários aqui na creche. Então nós temos um trabalho que é a formação em serviço do profissional de creche. E não é só o educador que trabalha com a criança, também o pessoal da copa, da limpeza, o pessoal que a gente chama de apoio participa também desse grupo de formação. A gente chamou, “batizaram” de grupo integração, por causa disso, de estar integrando diversas áreas, tanto a educadora como o pessoal do setor de apoio, até de vigilância entra. Aí a gente trata de assuntos gerais, ora a gente traz um profissional de fora, ora somos nós da equipe técnica que dividimos em blocos, porque nós somos em dez, então a gente se divide em blocos: 4 organizam o grupo integração daquele mês e 4 organizam do outro mês. **É uma vez por mês os encontros?** É uma vez por mês, que ocorrem em dois para dividir a turma, enquanto uma está neste estudo o outro grupo está dando apoio, o grupo inteiro da manhã é dividido em dois e a gente atua em dois dias. **Uma parte fica cuidando das crianças e outro faz parte do estudo.** Além disso tem as reuniões mensais com as recreacionistas de cada módulo, assim como o pessoal, a supervisão de nutrição tem com as coqueiras, e a supervisora de serviços gerais tem o pessoal de serviços gerais. Então nesse momento são tratados assuntos educativos gerais, e em cada módulo por faixa etária são tratados assuntos específicos de acordo com o que se está trabalhando no momento. Esse é o primeiro ano que a gente não está caminhando com um Projeto Pedagógico único para os três módulos, nós temos percebido que enquanto eu estou com II que já está deslanchando, porque a questão do espaço já foi desenvolvida desde o ano passado, os outros módulos ainda estão caminhando, então basicamente a gente está trabalhando, aquela famosa “pedagogia dos projetos” que a gente aprende.

Então o horário das reuniões é no horário de serviço? Esse é o nosso maior problema, toda essa formação em serviço é feita no horário de serviço, a creche não pára, ela só vai parar mesmo por dois dias na Jornada de Educadores que a gente tem durante o ano todo. Isso a gente sente falta mesmo, sente falta porque o que é uma hora durante um mês para o grupo? Para nós da equipe, nós dividimos em duas ou três para organizar, mas para quem está recebendo é uma hora, fora essa uma hora deve ter mais duas ou três horas de orientação específica para cada módulo... Ainda é muito pouco, principalmente quando você trabalha com um grupo que não têm formação nenhuma, vêm só com o segundo grau. Então a gente sente mesmo que a partir que uma Instituição... eu sinto particularmente, que

uma Instituição Educacional para ela caminhar com qualidade ela tem que investir no profissional, investir na formação. Requer tempo, e fazer em serviço, a gente tem feito, de alguma forma tem de ser feito, mas o ideal mesmo é sentar, parar e estudar. **O ideal é ter um momento de reflexão, né?** Senão a gente acaba por ter muito pouco tempo, nós acabamos assim trazendo tudo muito “mastigado”, sem muita reflexão, sem parar para pensar e quando a gente quer que elas parem para pensar, isso leva um tempo, precisa ficar várias reuniões. **Até a própria reflexão não é simples, você fazer sua prática, pensar sobre ela, discutir, até você conseguir mudar alguma coisa.** E isso leva tempo, é isso o que a gente está sentindo, por isso um projeto, enquanto um módulo caminhou fácil porque tinha uma certa experiência, o outro que estava iniciando teve que fazer um trabalho mais devagar e a gente está dando o tempo que é necessário. **É, senão não adianta...** Não tem como, se você não faz isso, você não faz nada, não adianta falar o problema é esse... Não, dentro daquilo que a gente tem, nós estamos, está se esforçando para isso. Qual seria o ideal? O ideal seria fechar, fechar durante o começo do ano, durante um período, para estudo, para treinamento específico. Por exemplo toda a recreacionista que chega, todo funcionário e recreacionista que chega de fora, que seja contratado, que vem, ela passa por um treinamento na creche, antes de entrar na prática. Esse treinamento que é interessante, que a gente percebe que cada vez mais a gente se aprimora, mas aí só pega quem está chegando, nós queríamos aquele planejamento, aquele estudo no começo do ano, mas para isso a creche tem que fechar, né?

Ela não fecha por nenhum período durante o ano? É aquilo que eu falei, fecha só, agora nós conseguimos fechar agora dois dias durante o ano, que são os dois dias da Jornada. Aí tem a Jornada e elas têm que trabalhar no outro período o que elas trouxeram de interessante, dentro do horário de trabalho mesmo, junto com as crianças. **É difícil, né?** É difícil, mas dentro do que é, é o que a gente está conseguindo, o ideal seria fechar, mas não tem como, então a gente está fazendo dentro do que é possível, isso requer mais da equipe mesmo, planejar, trazer, trazer textos, ter um momento de leitura, depois do momento de leitura, o momento da discussão do que tem que mudar... mas está caminhando.

Resumindo, a creche tem um Projeto Pedagógico que é continuamente reconstruído, começou, está sendo aperfeiçoado. Ele tem como princípio básico a atuação de todas as

áreas, é um projeto multidisciplinar. Dentre isso a gente atua muito com a “pedagogia dos projetos”, pequenos projetos que a gente atua fundamentalmente com as crianças, a idéia, às vezes vem do grupo, mas no cronograma que a gente faz, ele vem só com o nome, depois a gente vai estruturando com decorrer.

Quem orienta o trabalho pedagógico em cada módulo? No Maternal II existem as supervisoras pedagogas atuando no Módulo, então ela é que orienta, por isso que eu falei que é o Módulo mais fácil, se você introduz alguma coisa ele já tem uma bagagem. Nos outros Módulos... com a vinda da Elenice agora, eu sai do Módulo e passei para essa parte de coordenação, então nos outros Módulos quem está orientando sou eu e a Valéria Furlan, psicóloga, principalmente no Berçário. Então nós estamos trabalhando juntas com isso.

Mais alguma coisa? **Acho que é só isso...**

Não sei se eu cheguei passar para você o projeto pedagógico. **O projeto pedagógico não, você me passou os projetos.** Só os projetos, “Conhecendo dentro da gente” eu cheguei a passar para você? **Não só os outros dois.** Então tem esse agora que está se desenrolando no II, enquanto eu estou com os outros dois no Maternal I e no Berçário, nem começou esse aqui ainda.

A gente tem reuniões da área de psico-pedagogia, e elas acontecem quinzenais, onde a gente trata de algumas metas a serem alcançadas. Cada dois meses a gente tem que sentar para estar revendo o que não deu para fazer, o que nós vamos estar retomando, qual é a prioridade para estar caminhando. **Quais são essas metas, por exemplo?** Por exemplo, nós sentimos, como o Maternal II é um Módulo que tem a pedagoga como supervisora, ela dá uma acessoria mais próxima ao grupo de recreacionistas e nos outros Módulos como tem a enfermeira como supervisora a área de pedagogia sente que há pouco trabalho pedagógico realizado lá, o educar fica sendo uma lacuna. Existe muito o cuidar, mas o educar não está havendo, então são as metas que a gente está atuando para isso...

Quando a gente começou a fazer, a pensar nesse projeto “Conhecendo minha creche, meu espaço”, foi aí que a gente percebeu que não era só o espaço que a gente tinha que mudar, que tinha que mudar também, um pouco, a concepção educativa da creche mesmo como um todo. Então aquilo que a gente achava que era vir, começar e que ia ser rápido, não, está sendo trabalhoso, está sendo diferente do que nós pensávamos, que não é

só mudar o espaço. Não é você tirar um armário daqui e por para baixo, ou fazer isso e aquilo... não, é a postura do educador, como é que ele vê a criança, então nós estamos mexendo com isso e percebemos que não é em três meses que você faz isso... **Então na verdade este projeto “Conhecendo minha creche, meu espaço” está continuando, ele não terminou, né?** É ele não terminou, continua porque não “fechou”, nós percebemos que você muda o espaço, mas você muda também com a concepção do adulto, como ele enxerga a educação, como é que ele vê... E a gente tem um apoio muito grande da parte administrativa, a Riyoko nos dá o maior apoio, aquilo que nós precisamos ela vai estar providenciando, e ela providencia da melhor qualidade possível.

Como é que você está vendo o espaço dos cantos? Nós estávamos conversando, eu, a Elenice e a Márcia, e a gente percebeu que o adulto ainda não sabe lidar ainda com o canto, ele vê ainda como um espaço onde ele não faz parte do espaço, a criança interage com ele, mas ele não faz parte do espaço. Então, por exemplo, uma das metas que as meninas vão estar trabalhando com isso, é o trabalho do adulto em relação a esse novo espaço. Porque você mudou o espaço e aí o adulto não sabe como lidar com esse novo espaço, daí que muda a concepção educativa para você tá trabalhando. **Você está pensando um modo de trabalhar isso com elas?** Olha como a gente vai crescendo, a princípio a gente pensou em estar trazendo um profissional de fora, aí nós nos reunimos e vimos que não é o momento para esse profissional de fora, o momento é para tirar com as próprias meninas, como é que é, o que vocês sentiram, o que está diferente, o que precisa ser mudado e agora como que é... muito mais esmiuçar, ver com elas, tirar delas. Que uma coisa é você compreender no nível das idéias: “Ah, realmente o espaço precisa ser mudado, vamos mudar... Então vamos” ... e aí você continuar agindo com a criança como você agia com o espaço anterior? **É aí na verdade você não mudou nada!** Não mudou nada. Foi por isso que a gente ainda trabalha com isso. **Vocês estão pensando em ter um momento para conversar isso?** É, mas mais numa relação..., mais, da própria..., da Elenice com o grupo dela, da Márcia com o grupo dela e mesmo assim com questões... Quando a criança vai lá brincar, qual é seu objetivo lá? Olhando? Em que você pode ajudar a criança, o que você, como você pode estar sendo um elemento importante para ela nesse momento? Só de observação? Você está observando o que? Então são essas coisas que a gente viu que precisa estar resgatando com elas. Agora foi o primeiro momento do II, nós estamos

sentindo que é a mesma coisa nos outros Módulos: não adianta você modificar o espaço, se você não modificar internamente a concepção da pessoa. E ao mesmo tempo não adianta, você não pode fazer esse processo assim: muda primeiro a pessoa e depois muda o espaço, acho que as coisas devem ocorrer ao mesmo tempo, porque é na prática que você vai conseguindo ver que aquilo que você fez não deu certo e você vai tentar outro e é a criança que vai responder para você. Senão você fica só no nível das idéias: então vamos mudar a concepção, daqui para frente é assim, e aí vamos mudar o espaço depois disso, aí você faz essas duas coisas, mas quem vai responder para você o que é que é, é a criança. Então nós sentimos assim, o primeiro caminho...não sei se foi o mais correto, foi mudar o espaço, mudando o espaço, deu para perceber que precisava estar alterando a concepção mesmo delas enquanto, a atuação como educadoras e isso está refletindo, está sendo construído, então é uma coisa assim, é uma grande... é aquilo que você viu na fita, precisa de alguns princípios, aqueles quatro princípios que ela colocou lá e que a gente tem outros, precisa construir outros, aí você faz, mas aí você tem que trabalhar também como você ...porque não pode vir de cima, pode vir de cima a estruturação, o planejamento, mas a prática, como é que ela vai fazer isso tem que ser realmente trabalhado no dia-a-dia. Deu para entender? **Deu. Mais alguma coisa? Não, acho que é só isso, obrigada.**

Tudo o que você está trazendo, vou dar um retorno aí! Eu acho que você veio assim em cima, porque se você viesse no ano passado, ou ano que vem, talvez a gente tivesse mais experiência, mas você está vivenciando com a gente como é que é isso, como é que essa coisa acontece, gradativamente. Por exemplo eu ainda percebo que o ano que vem ainda vai ter mais coisa ainda para estar mexendo. **É um projeto que vai longe, né? Vai longe!** Nós achávamos que era uma coisa tão simples, mas não era simples. **Porque uma coisa “puxa a outra”, você muda o espaço, aí você vê necessidade de mudar outras coisas para poder...** Por isso que eu acho que se talvez nós tivéssemos feito o caminho contrário, talvez, não sei não experimentamos isso, né, se tivéssemos mudado primeiro a concepção para depois mudar o espaço, eu não sei, parece que dá a impressão que eu não conseguiria ver, eu veria isso a muito longo prazo, então isso parece que estou vendo a médio prazo, porque mudou, o espaço está ali, ele já é diferente, e diferente é a reação da criança, o adulto pode ter a mesma reação, mas a reação da criança é diferente, então implica em uma outra reação do adulto também. Não sei se é o melhor caminho, mas foi

esse caminho que a gente escolheu e está encontrando essas coisas. E aí vai um desafio, será que se mudando primeiro a concepção e depois o espaço seria melhor? Ou o inverso? **Acho que até a própria continuidade do projeto é um desafio, vocês estão enfrentando, então eu acho legal.** Então a sua vinda vem a “calhar”, então essas coisas que a gente está sentindo, esse vídeo, por exemplo que eu achei e que você teve a possibilidade de trazer... Esse vídeo veio bem a “calhar” com o momento que a gente está trabalhando. **É bem interessante, mesmo.** E tudo o que você for trazendo, por exemplo o seu trabalho vai ser refletido para isso, as fotos que você tirou do espaço anterior, então a gente percebe que estamos construindo, e construindo é isso, por um tijolo aqui, tirar, montar do outro lado... Nós fomos fazer uma visita na Creche da Carochinha da USP, na semana passada e a gente viu como é estruturado o espaço lá, uma outra forma de estruturação... **Bem diferente daqui?** É diferente daqui. E por ser diferente, tem algumas coisas positivas e outras que nós não faríamos pela própria concepção aqui, outras muito interessantes. Aí a gente percebe como as pessoas vão construindo a pedagogia de Educação Infantil, como vai sendo construído. Eu concordo com a Ana Lúcia, a Ana Lúcia Goulart, quando ela fala que nós estamos em plena construção da pedagogia da Educação Infantil, e construção é isso, vai indo, pensando, caminhando naquilo que o grupo acredita, vai tentando. Por exemplo algumas mudanças que já ocorreram no Berçário foram extremamente produtivas, a resposta do grupo foi muito mais rápida para isso e o próprio grupo começou a modificar também. **O que foi modificado no Berçário?** No Berçário nos organizamos o espaço na área externa, porque era muito pouco utilizada a área externa, então uma forma de explorar essa área externa com o bebê. Às vezes estava o maior calor e eles ficavam na parte interna, como explorar melhor essa área externa, como utilizar, como a mãe estar conhecendo um pouco o trabalho, será que é só o cuidado? É isso. **Obrigada!**

Transcrição da entrevista com a supervisora do Berçário

Qual o seu nome? Meu nome é Cecília Lourenço **Qual o seu cargo e há quanto tempo você trabalha aqui?** Eu sou a Enfermeira supervisora de seção, estou aqui na creche desde o início, vim do CECI, fiquei lá uns 5 anos, então praticamente há 15, 14. **Você trabalhava lá antes?** Isso no CECI, depois eu vim prá cá. Eu não sei se é 15 ou 14, perdi as contas. **Você sempre trabalhou no Berçário?** É no CECI, eu também ficava a nível de Berçário, aí depois quando eu subi, eu ficava mais a nível geral, depois é que fui vinculando, eu fiquei um tempo à tarde e também ficava geral e agora 1 ano e pouco, 1 ano e meio quase, que eu estou de manhã no Berçário. **É a Marisa tinha falado.** Isso, era a Marisa que ficava aqui.

E a sua formação? Eu sou, eu fiz Enfermagem em Ribeirão e tenho especialização em enfermagem pediátrica pela Paulista, a antiga Paulista.

Qual a faixa etária que vocês atendem aqui no Berçário? A gente começa a atender à partir de 2 meses e meio e esse espaço em função das vacinas básicas, pelo menos a criança chega e tem ao menos algumas vacinas: a tríplice, a sabin e a BCG, e até por volta de 1 ano. Seria até 1 ano, mas nunca é uma coisa assim estancada, vai muito do desenvolvimento da criança, das necessidades e mesmo a característica de vagas, se o Maternal às vezes está muito cheio, então a gente aguarda um pouco, ou então se há possibilidade e a criança já está pedindo, pelo desenvolvimento dela maior espaço aí ele vai um pouco antes.

Como é feito a adaptação quando o bebê chega na creche? A gente, apesar de nosso período de adaptação começa com a entrada do bebê, a gente começa assim: por volta de 1 mês antes, mais ou menos, a mãe vem para a matrícula, antes de entrar, né, ela vem para a matrícula onde a gente colhe os dados de como está sendo a característica do bebê, como está sendo o desenvolvimento dele em casa, a rotina e passa para ela como é a nossa rotina, quais são os fatores que poderiam facilitar e dificultar essa adaptação e aí em cima disso, das dúvidas a gente vai esclarecendo. Quando a mãe inicia a gente, principalmente nesses primeiros 15 - 20 dias, a gente fica numa atenção maior com ela e com o bebê, justamente para propiciar uma mudança tranqüila. Tem alguma crianças

que estranham mais, outras menos, vai muito, dentro do que a gente observa, de como é realmente a rotina da criança em casa, se é uma criança, que é uma de nossas maiores dificuldades, quando a criança só dorme vinculada ao seio, ou então só balançando, então isso são fatores que dificultam bastante. É o que eu sempre coloco para as mães na matrícula que não é que a gente não pega a criança, que não brinca, que não cuida, muito pelo contrário, sempre que a gente tem possibilidade a gente está fazendo isso, só que de repente se todo mundo quiser dormir no colo ou balançando fica assim humanamente impossível, então a gente procura assim ir tentando passar para a mãe que a gente pode dar carinho, atenção para a criança, tentar suprir essa necessidade do bebê, mas sem ficar uma coisa totalmente dependente, para que ele também vá desenvolvendo o potencial dele, vá se integrando, se socializando com as outras crianças e tendo uma interação com o ambiente. E sempre que a gente nota qualquer dificuldade a gente está sempre reconversando junto com a equipe, como aqui no Berçário, a Valéria psicóloga é quem fica mais próxima. Então a gente sempre tenta estar buscando um meio termo de como estar auxiliando a mãe nessa característica e isso também durante todo o tempo em que a criança fica aqui no Berçário. Como na semana passada que tinha uma criança que já estava super bem, começou a ter uma série de dificuldades em termos da nossa rotina, então não conseguia dormir, aí chegava o almoço não conseguia comer, ficava muito irrequieta e assim, além de se estressar, estava estressando o grupo, assim o quarto, as crianças também não estavam conseguindo se acomodar. Então a gente viu com a mãe, tudo, não precisou nem, a Valéria está conversando, já conseguimos normalizar, então alguns ficam assim mais fácil outros não. Então vai, lógico, muito é assim, de como a mãe, a família vê o nosso atendimento, como é encarado o fato de o seu bebê, a sua preciosidade vim para um lugar comunitário, às vezes quer ter uma exclusividade que em um trabalho conjunto, às vezes não pode estar tendo, que a gente, é outra coisa que eu comento com elas na matrícula, que a gente sempre tenta priorizar as necessidades de cada um, desde que não interfira na dos outros, então a gente tenta preservar cada um na sua individualidade, mas em alguns momentos não dá, porque se começa a interferir na das outras crianças, aí o outro também tem o espaço dele, então a gente sente que isso, quer dizer, eu no meu ponto de vista, é um dos fatores que às vezes angustia muito a mãe e a família, porque gostaria de ter uma coisa assim exclusiva, mas é complicado

isso, quando a família, principalmente a mãe não consegue ver que apesar dessa comunidade, de todo esse envolvimento a gente tem muitas coisas boas para oferecer para o bebê. Realmente, eu acho assim, que o fato da criança vir para a creche, para o Berçário, aqui, não seria prejudicial à criança, muito pelo contrário, eu acho que é um ganho muito grande que o bebê vai adquirindo desde cedo, tirando agora o frio que isso é realmente... **As relações que ela vai ter com as outras crianças, com outras pessoas.** É, que eu sinto assim, que é uma das maiores gratificações, para mim enquanto profissional, é de ver a criança “florescendo”, então chega assim, aquelas carinhas todas tímidas que você olha e ela estranha e de repente vai te mostrando uma série de conquistas. Eu acho uma coisa linda e eu fico muito contente e realizada quando vejo que a gente pode estar realmente propiciando esse contato, essa interação e esse crescimento do potencial do bebê, e se somando, como é que ele vai ser daqui alguns anos que a gente talvez nem vai mais ter contato. Acho que este é um fator bem forte no nosso trabalho aqui a nível de Berçário. Por exemplo assim, o choro, a gente nota que é um dos fatores mais desconcertantes tanto para os outros bebês, quanto para a gente, quanto para população em volta. Às vezes a gente sente assim, que a maior dificuldade não é tanto aqui do nosso grupo, mas do pessoal em volta, o choro incomoda, irrita e tal, então vem um e outro, aí, que está chorando, sabe, então isso desgasta muito mais do que propriamente o trabalho, mas é uma coisa que a gente tem que conviver e se organizar nessa questão. Mas fora isso a adaptação, geralmente por volta de 20 dias, um mês, a criança já está mais integrada ao ambiente, à rotina, a mãe também já, geralmente está mais solta, mais confiante, então seria assim mais ou menos nessa característica.

Quando a criança vem, ela já fica o período todo ou fica algumas horas? E depois vai embora? É vai embora, a mãe pode vir a hora que quiser? A gente optou, eu não estou conseguindo me lembrar muito bem assim como foi... Eu quando entrei no CECI, a gente já tinha esse tipo de adaptação: a mãe vem para a matrícula, conhece o ambiente, ela já vem com 7 meses de gestação para o grupo de gestantes, a grande maioria, o grupo de gestante que a gente tenta incentivar, ao máximo, o aleitamento materno. Porque a creche foi montada em cima dessa característica, o CECI principalmente que foi o primeiro. Aí depois, quando ela vem para a matrícula, antes dela voltar a trabalhar, então a gente tenta repassar esses dados, no sentido dela ir se localizando, então esse dia de

matrícula é o momento onde a gente pega a avó, o pai, todas as pessoas que queiram conhecer a creche, que é o momento que a gente vai estar voltada para isso, que é uma forma de tentar abaixar um pouco a ansiedade, de saber qual é o local, de vir, porque quando a gente fica na imaginação vai subindo, então a gente tira esse momento exclusivo para isso e aí nesse dia a gente tenta estancar o máximo possível de dúvidas, de ansiedades. E aí depois quando a mãe inicia, pelo fato de ela ter o direito de até 6 meses vir duas vezes durante a jornada, a gente considera que é um tempo muito curto. Atualmente com a jornada que reduziu, a nossa é de 6 horas e quase 20, então a mãe praticamente a cada 2 horas, 2 horas e meia o mais tardar 3 horas, às vezes nem chega a isso, ela está voltando aqui, então a gente considera que é um período muito próximo e que isso por si facilita a interação e eu não tenho muita lembrança, mas algumas vezes, que foram poucas que a gente, no início dessa creche, começou assim, da mãe estar vindo antes a gente achou que ficava mais estressante tanto para a mãe quanto para gente, porque às vezes, por exemplo, condutas, como por exemplo, você coloca a criança no berço, até ela se acomodar e acomodar os outros, a criança fica mesmo chorando e tudo se é uma criança que já reconhece as pessoas, aí estranhava, então a mãe queria estar ficando ali, ao mesmo tempo, lógico, queria estar cuidando das outras, aí a gente também ficava meio tumultuado, aí então depois reconversando a gente optou por essa forma, uma pelo fato da gente tentar estancar essas dúvidas antes, de estar sempre aberta a mãe a qualquer hora, mesmo ela tendo essas duas meias horas durante a jornada, mas a qualquer momento estar em aberto para ela estar vindo, estar ligando, a gente isso nunca restringiu. Às vezes a gente restringe um pouco quando pai ou familiar queiram estar vindo, quando a gente nota que está interferindo na rotina da criança, do contrário não. A gente só pede que de preferência, venha acompanhada da mãe, para a gente também ter uma maior segurança de quem está transitando aqui, e até mesmo uma forma de estar restringindo para não ficar, de repente, se cada um que tenha parente ou amigo que trabalhe próximo, queira estar vindo e ver o bebê, fica um fluxo muito grande de pessoas e isso também para a criança não é muito legal, os que já estão acostumados não estranham tanto, mas alguns às vezes, estranham, e bastante, então para a gente assim, a nível de segurança, de ser um pouco mais restrito. A gente pede que venha

junto, de preferência no horário que a mãe vem amamentar, então ela por si já se responsabiliza por aquela pessoa e a gente também fica mais tranquila.

E como é o grupo de gestante? No sétimo mês elas participam de uma reunião? É isso? Isso, a gente procura que a partir do 7º mês a mãe estar marcando nesse momento. São reuniões a cada 15 dias e se intercalam com as matrículas. Então tanto a matrícula quanto o grupo de gestantes são a cada 15 dias. E ainda no grupo de gestantes a gente faz o trabalho junto com o pessoal da odonto-pediatria que vem para estar orientando quanto a própria dentição da mãe e já possível do bebê, com a Moori que é da nutrição, a Valéria psicóloga e no caso eu ou a enfermeira que fique responsável pelo Berçário ou então na ausência desta, uma outra que possa substituir, e também a Cecília assistente social. Então nesse dia são passados assim de uma pincelada muito rápida, como é o nosso atendimento, porque isso mais detalhado a gente vai estar falando na matrícula.

E a matrícula é individual? Não é em grupo também. A matrícula a gente tem o grupo e a parte individual. Em grupo são a rotina, as dúvidas, depois a individualidade da criança a gente faz a parte. E no grupo de gestante é um grupo e fica, a gente tem, como eu estava falando, a assistente social que passa os documentos, o que seria necessário para estar sendo feito o ingresso da criança na creche, a solicitação de vaga nesse momento, e orientações sobre a parte de aleitamento e cuidados com o bebê, principalmente nos primeiros dias, então a gente tem um vídeo que fala sobre essa característica do aleitamento, então como seria o cuidado da mama ainda no período de gestação e mesmo depois do nascimento do bebê, a forma de estar amamentando, de estar cuidando da criança e da própria mãe. Então, a gente tenta assim, trazendo uma característica geral, esses assuntos e também sempre discutindo com elas as dúvidas, as dificuldades, quem já teve outros filhos, qual foi a experiência, o que foi mais tranquilo, o que dificultou, sempre faz também assim a característica de quem já frequentou, como foi aqui na creche...Que a gente, mães assim que é o primeiro filho, lógico fica toda aquela expectativa, um lugar diferente, pessoas desconhecidas e toda aquela angústia própria, então quando tem mais mães fica muito rico essa troca, então a gente funciona nessa característica. Então a mãe preenche uma ficha onde fica assim, como uma solicitação da vaga, aí ela é orientada de que quando o nenê nascer, uns dias depois ou durante o primeiro mês alguém venha avisar, ou ela liga que o bebê nasceu e dá para a

gente as características do nome, da data de nascimento e o quadro geral dele e da mãe e aí depois por volta de um mês antes ela retorna para marcar a matrícula. Aí nesse dia da matrícula então a gente já pede que ela traga o bebê, porque se tiver mais mães é uma coisa demorada, porque vai muito também da ansiedade do grupo, tem dias que o grupo é super tranquilo, tem outros que é bem trabalhoso, no caso de mães muito ansiosas, ou às vezes o próprio pai ou a família, então isso a gente procura suavizar o máximo possível antes da entrada, mas geralmente sempre também tem uma parte assim trabalhosa nos primeiros dias.

Aí o período de amamentação elas têm... Elas têm por direito até a criança... então isso é uma coisa que até hoje a gente ainda não tem bem claro, eu coloco assim: até a criança completar 6 meses ela tem duas meias horas, então depois, de 6 a 7 meses é um acordo assim, da chefia com a mãe, porque aí fica assim, um acordo entre elas, mas ela vem uma vez só, seria assim por volta do horário de almoço, porque nossos horários de amamentação seria por volta das 9:00 e das 11:00 horas, mas também é assim não é uma coisa totalmente fechada, porque tem crianças que, às vezes principalmente crianças com mamadeira que a mãe não chega nem a vir até 6 meses, duas vezes, porque como o leite dá uma digestão mais lenta e tudo, às vezes a criança dorme mais tempo, não sente necessidade... Se a criança está dormindo e está ficando bem na adaptação, depois de um tempo a gente até abre mão de um desses horários, geralmente esse das 9:00, por volta das 9:00 horas. **É às 9:00 e depois às 11:00 horas?** É, aí geralmente ela vem por volta da 10:30 – 11:00 horas, porque já na chegada, todo dia antes da mãe ir para o trabalho a gente pede para que ela amamente, seja ou em casa quem vem de carro, às vezes prefere oferecendo em casa para chegar aqui e ficar mais livre, ou então quem sai muito antes e vem prá cá, na chegada nossa aqui.

E vocês têm um local, uma sala de amamentação, né? Isso, a gente procura preservar o espaço onde ela fique mais à vontade, que tem pessoas... como a gente tem um fluxo grande, não só aqui no Berçário, mas é o corredor que dá acesso aos outros blocos. Talvez tivesse que ter sido ao contrário, lá no último, mas fica para um próximo. Aí a gente tenta deixar um local mais reservado para ela ficar mais à vontade, a gente às vezes, já teve solicitação também de pais que vem com a esposa para acompanhar, para amamentar e tal e outras mães que ficam meio inibidas. A gente já chegou... colocou

para eles, né... aí não teve problema. Então volta e meia a gente pede para estar aguardando, porque muitas pessoas se sentem muito, assim invadidas. E também no verão a gente também tem a possibilidade externa, então ali no... onde seria um parque, não é bem parque, mas aquele espaço onde tem os bancos e agora as árvores já estão maiores, então dão uma sombra gostosa, então no verão é gostoso de ficar ali, fica mais ventilado, tem a natureza, então dá um outro clima, mas agora nesses tempos mais frios, esse espaço, a salinha fica mais aconchegante. E então a mãe vem até o 6º mês. **Mesmo que ela não amamente? Dê mamadeira?** Isso, porque a gente acha assim, que o fato dela não estar amamentando não exclui dela ter esse contato com o bebê, nem deve, porque na maioria das vezes não é porque a mãe não quer, é porque uma ou outra impossibilidade acabou ocasionando isso, então a gente acha importante o bebê ter esse direito de ter esse contato de proximidade com a mãe, uma vez que a creche, como eu te falei, foi em função disso, de propiciar à trabalhadora de ter o seu filho mais perto possível. Então elas vêm também, e a gente com a mamadeira, às vezes, até é claro, já teve alguns episódios, isso realmente é raro, mas teve alguns que a mãe... assim o setor era muito complicado assim no dia, e teve emergências que ela não pode vir, aí a gente ofereceu a mamadeira para a criança, lógico. Então aí deu para conciliar, agora quando é ela que amamenta, aí nesse caso fica meio complicado, então por isso que a gente também apesar de incentivar muito o aleitamento materno, mas aqui eu sinto assim desse Berçário e o do CECI, a nossa grande diferença é a característica do trabalho da mãe. No CECI, a gente tem mais mães da área administrativa, então geralmente são setores que não te exigem tanto uma delimitação, um limite, um stress em relação a carga horária. As nossas mães, agora ligadas a área da saúde, então uma boa parte é de enfermarias, de atendimentos que têm um nível de stress muito grande, então a gente procura ir vendo assim: mesmo aquelas que estão com leite exclusivo e tudo, a amamentação exclusiva, se para ela está sendo muito stressante, de estar mantendo essa amamentação exclusiva, ou então às vezes a criança está solicitando alguma outra necessidade, a gente rediscute, pede para que ela entre em contato com o pediatra, porque a gente sente assim: não adianta querer preservar exclusivamente o aleitamento, se ela não está tendo condições ou física ou emocionais para estar solicitando isso, para estar mantendo, porque às vezes assim... é o que eu brinco com elas, que quer queira ou

não, ela acaba virando um sanduíche, porque aqui a gente cobra pela parte do bebê, no setor é pelo trabalho que ela desenvolve e em casa com todos os afazeres, então é uma pressão danada, principalmente os primeiros dias, as primeiras semanas. Então a gente sempre procura observar assim, se sempre por parte dela há um desgaste muito grande, ou então há pressão no próprio setor que infelizmente não são todos os setores, que às vezes, têm uma certa flexibilidade. Então a gente tenta ir discutindo até achar um jeito assim, que ela possa ficar bem e o bebê também, porque senão aí não justifica essa integração. **Aí fica complicado né?** Ah é, porque aí vai refletindo, fica uma bola de neve, cada vez mais ela vai ficando angustiada, stressada, isso vai refletindo no bebê, e aí a gente acaba, todo mundo stressado, então sempre tentando ver o que ficaria melhor para ela e para a criança e mesmo para gente, então é a forma que a gente tenta mais ou menos assim, buscar um equilíbrio. **E as mamadeiras, elas trazem de casa?** Isso, a nutricionista pede para que elas já tragam, porque a gente aqui não tem um lactário. Toda a alimentação é feita aqui, mas o leite a gente não oferece, então ela traz, para cada horário, uma mamadeira, já pede para ser identificada a mamadeira, porque a hora que ela chega é só deixar no balcão da copa e a cada horário que ela vier amamentar a copeira já está sabendo que... assim quanto a esquentar e ela oferece.

Até 6 meses é só leite e à partir de 6 meses é que vai introduzindo os outros alimentos? Olha, isso de regra geral, mas não são todas que levam mesmo até os 6 meses. Só que a gente faz assim, mesmo quem tem o aleitamento exclusivo, é, isso no caso do aleitamento, do leite da mãe, porque com 5 meses e meio a gente começa a introduzir o suco e depois a papa de frutas. No começo é o suco e a vitamina, aí depois de alguns dias, se tudo bem, a gente começa a introduzir a papa de frutas e depois em outra semana a papa de legumes. Começa com dois legumes, intercalando, vendo se a criança faz alguma intolerância e aí depois na outra semana é que a criança começa com a papa completa, que é cereal, a carne, verdura. Agora as crianças com leite artificial, então dentro da orientação, que é o que a gente segue, da pediatria do H.C., por volta dos 5 meses é importante que a criança já vá comendo, tendo as complementações na alimentação, que não fique exclusivo só com o leite artificial, então geralmente eles começam a comer um pouco antes, mas isso já pela própria característica da necessidade da criança, em termos da alimentação.

E são quantas recreacionistas por criança? Olha a gente segue orientação da OMS que são 5 crianças para uma recreacionista. Aqui como a gente tem o horário de turno, plantões e tudo, tem dias que quando a gente não tem possibilidade de folguista... vamos supor quando a gente está com o quadro completo de crianças e que às vezes calha de uma das funcionárias estar de férias e não ter outra para cobrir, então sai uma porcentagem um pouco maior, 6 crianças, mas isso também é eventual, no geral a gente fica mesmo com essa média de 5 crianças para uma recreacionista e ficam 2 recreacionistas por quarto, então nossos quartos são com 10 berços, sendo uma proporção de 5 para cada funcionária.

E quanto a divisão dos quartos? Como? São 10 crianças por quarto né? É por faixa etária? Ah, tá... Não olha, a gente já tentou assim, deixar por faixa etária... é que esse período que a gente está agora, está assim super diferente, porque a gente, pelo menos que eu me lembre o Berçário nunca esteve tão vazio como agora. É acho que o pessoal está pensando bem antes de ter nenê. Porque, quando a gente teve já períodos em que se esteve lotado, até um pouco além do limite, a gente tentou fazer por faixas etárias, mas conseguia-se por pouco tempo, porque a rotatividade é muito grande. A entrada era maior, ultimamente é que está escasso, mas em termos de quando estava lotado, a entrada eram muito grande, então praticamente não dava vazão com as idas para o Maternal I, então ficava meio complicado, a gente até tentava conciliar mais ou menos, deixando o quarto... não dava para ser uma única faixa etária, mas pelo menos ficar duas, os maiorzinhos por volta de 1 ano e os outros menores iniciando. Atualmente está sendo nessa característica, assim de tentar uma igualdade nos quartos, ou então por exemplo, alguma criança, como atualmente a gente está com uma criança que o período de adaptação dela está muito complicado, extensivo, já fazem 4 meses e meio e ainda está difícil. A gente está tentando nesse quarto, não estar integrando outras crianças até para não sobrecarregar mais ainda. Mas também geralmente, a gente vê assim, conforme as crianças vão indo para o maternal, o quarto vai ficando com menos crianças, a não ser que às vezes, a entrada é de criança maiorzinha, Às vezes quando a mãe tira férias, licença prêmio, um monte de coisa e a criança vem já por volta de 6, 7 meses, então aí a gente tenta adequar num grupo que tenha mais ou menos aquela característica. Mas, de regra geral é de acordo com a ... tenta se ver a faixa etária, mas também a possibilidade

do quarto em relação às vagas. Deixar mais ou menos igualitário. Porque fica mesmo complicado, quando são crianças que estão chegando praticamente “super” bebês e tem outros por volta de 10 meses, então que a criança estranha o choro, o barulho, a movimentação, então os menorzinhos estranham muito isso, e o horário de sono, também aí não bate, porque a hora que o menorzinho está dormindo, os outros estão acordados e a hora que ele vai dormir os outros também estão, aí fica meio complicado. Mas nada também que não dê para a gente aos poucos acostumando, que é o que eu sempre repasso para as mães que às vezes a imagem de que a criança é obrigada a dormir, então eu falo para elas que não é que eles são obrigados, a gente tenta preservar a parte emocional do bebê, principalmente no sentido assim, dos primeiros dias, por causa da mudança do ambiente, da rotina, às vezes, nessa adaptação. Então o que mais vai estar nos preocupando nessa adaptação é o quadro emocional do bebê e da mãe, se está ganhando peso, desde que não seja uma coisa muito distante do que ele vinha ganhando, não vai estar nos preocupando tanto, porque isso é uma coisa mais ou menos esperada. Mas o que mais vai nos deixar de “antena ligada” é se é uma criança que não está conseguindo se acomodar, então esse fator emocional é uma das coisas que a gente mais tenta preservar, justamente por ser um período mais crítico, a nível de desenvolvimento mesmo do bebê, principalmente, tipo assim, é um arquivo se formando, de um adulto daqui um tempo, então é toda uma bagagem, toda uma coisa assim, muito bem cuidada para que a gente não venha a expor essa criança, e o adulto mais tarde, em alguma falha, acho que essa é a nossa grande responsabilidade de estar preservando, de estar atentando o máximo possível para que realmente o que a gente puder propiciar seja de qualidade, em cima de uma característica de faixa etária tão importante.

Como é estruturado o trabalho diário? Em termos de rotina? **É em termos de rotina.** Olha a gente tem assim, como eu tinha comentado, a mãe é orientada a antes de ir ao trabalho, na chegada ela estar oferecendo o leite, seja ou do próprio seio ou a mamadeira e aí ela passa as informações de como a criança passou, para a gente ter uma noção do dia da criança aqui com a gente, o período, né, não o dia. Aí por volta das 7:30 é oferecido uma vitamina, isso em regra geral, excepcionalmente, é que às vezes é um suco, porque a nutricionista recebe os alimentos mediante, via HC, então nesse horário

das 7:30 é uma vitamina, depois a gente faz a troca de fraldas do bebê e tenta ver se eles fazem um período de sono. A grande maioria, ainda mais nesses períodos mais frios, faz um sono, tem outros que não e isso a faixa etária também é diversificada, tanto os maiores como os menores, é variável. Aí os que...mas a gente tenta ver se eles fazem um sono, porque a gente observa que é aquela característica de que se a criança não consegue ter um certo relaxamento, chega na hora da alimentação, fica mais irrequieta, aí já não ganha peso, aí vai uma coisa assim, a mãe vai ficando angustiada e aí “puxa” tudo. Então a gente tenta insistir um pouco a criança, mas se de tudo ela não quiser dormir, a gente traz para o salão. E quando é verão que tem a possibilidade de usar mais a área externa, a gente tenta ficar com eles lá, naquele hall ali do parque, do contrário é aqui no salão e depois por volta das 10:00 horas, ou melhor, 9:30, que quem dormiu geralmente, está acordando, aí é feita novamente a troca de fralda da criança, ou pelo menos assim, é sempre verificado. E por volta das 10:00 horas é oferecido o almoço para quem já come essa refeição e eu esqueci de dizer que os menorzinhos por volta de 9:00 horas a mãe vem para amamentar. Depois do almoço, no almoço é oferecido o almoço e o suco, aí é o período que elas ficam também, depois da refeição, ali com a criança, geralmente assim, é mais momentos assim de lazer, então é a interação da criança com outras crianças, ou com as recreacionistas da creche, é nesse momento que a gente procura aquela fita da creche que tem as musiquinhas com voz de criança e tudo, então é o momento que a gente tenta fazer uma maior integração e um lazer com o bebê. Depois às 11:00 horas, 11 e pouco, os pequenos as mães voltam para amamentar e os outros que não estão mais em amamentação, a gente tenta acomodar de novo no berço e da mesma forma, uns dormem, outros não. E antes de ir embora, porque por volta de 12:30 horas, por aí, às vezes, até antes, já está a maioria acordada, aí a gente oferece a vitamina, antes de ir embora e quem já está com 10 meses leva o lanchinho, que é igual do maternal, que já começa... a gente procura assim, desde o 6 meses ir trabalhando o desmame, então conforme a mãe pára de vir as duas vezes, durante a jornada, a gente começa assim a orientando ela a gradativamente para ir desvinculando do seio, porque aí a característica e a necessidade da criança já vai se tornando com outras alimentações. Então por volta dos 10 meses a gente começa a introduzir a papa do maternal, já ir preparando a criança para quando mudar de Módulo e também leva o lanchinho para, às

vezes, não ter aquela solicitação da mamadeira ou do seio da mãe na hora de ir embora. Então seria basicamente isso. A troca de fraldas fora esses momentos assim de por a criança ou retirar do berço, à qualquer momento a gente está sempre checando, para evitar, às vezes, uma assadura ou alguma coisa. E muitas das crianças está dormindo, acorda e você vai ver é porque está com um xixi ou coco. Então aos poucos, cada uma também das funcionárias vão aprendendo a diferenciar as características das crianças. Então de maneira geral, seria nessa característica e durante o tempo todo, uma das coisas que a gente procura, que elas sempre tenham em mente é a observação direta do bebê, a característica dele, seja a nível físico ou a nível emocional, de como é que está a criança naquele dia, naquele momento, se é uma criança que está requisitando um pouco mais de cuidado, quando ela está mais adoentada, seja uma febre, ou uma indisposição, então, a observação delas, às vezes, é o que vai dar uma definição para a minha atitude também perante o andamento. Porque às vezes, é o caso da criança aparentemente bem, mas elas me relatam que alguma coisa está diferente, ele não é nessa característica, então isso, é lógico, que é de um peso muito relevante, porque elas mais do que ninguém é quem convivem direto com os bebês, então isso é uma das coisas que a gente sempre procura passar para elas, nessa característica de cada vez mais ir se aperfeiçoando nessa observação, nesse detalhamento, porque acho que é isso que dá segurança no nosso dia-a-dia. E a gente se junta a elas no que for necessário e mesmo no contato com a mãe. Porque sempre, vamos supor que a criança não está bem, alguma coisa, eu é que tenho que dar a palavra final, se eu chamo a mãe ou se ela, se a criança dá para ficar mais um pouco e tal, mas sempre assim, vendo junto com a recreacionista como é que está sendo essa criança nesse momento e nos outros dias porque algumas, às vezes, quando a gente fica mais em contato, você também já vai vendo a mudança. Então seria nesse trabalho que a gente executa.

E as atividades na hora de lazer, que tipo de atividades que elas fazem com as crianças? Olha, geralmente, assim do ano passado para cá, a gente vem tentando assim, incentivar muito o cantar, assim, a música, então por isso que surgiu a fita com as crianças, então a gente tem tentado estimular, quanto a isso. Fora isso é mais a característica mesmo geral, a pedagoga também sempre traz sugestões de como, tipo assim, a brincadeira, ou então o que usar no dia-a-dia com a criança. Mas assim no geral,

a gente fica ali, as meninas ficam ali no quadrado, que é como a gente chama, né, no salão, onde ficam brincando com a criança, ou mesmo, às vezes, “vigiando” para que não tenha nenhuma intercorrência; o uso da bola, o cantar, então é mais a nível dessa socialização. E conforme, às vezes a criança vai requisitando, a gente também vai tentando se adaptar às necessidades dos bebês. Por exemplo, tem uma criança que ela está assim, super esperta para a faixa etária dela, então ela está assim, querendo se soltar sem ainda ter uma sustentação e uma firmeza do corpinho, então estava se machucando muito, então a gente começou assim a ter a preocupação de uma maior vigilância para que ela também não fique restrita, porque ela está uma graça, ela quer mesmo se soltar, um “baratinho”, então a gente tenta assim, ir mais em cima nessa característica, quando não, ao contrário, às vezes outras crianças que a gente nota que o desenvolvimento está um pouco mais lento, então de estar, as nossas orientações, assim da minha parte seria a gente começar a colocar a criança de bruço para ela ir tendo uma maior sustentação da coluna, da cabecinha, ter uma maior soltura das mãozinhas, até para ir se socializando com as outras crianças, tentando ir buscar um brinquedo e à partir daí, aos poucos ela ir se soltando e tentando buscar o engatinhar. Então isso são algumas formas, por exemplo, como a criança que de casa tem o costume de só ficar no cadeirão ou então no bebê conforto, então a gente está tentando retomar um pouco isso e usar o chão. O chão, como nesses tempos mais frios, com o edredom, a roupa mais agasalhada, mas no sentido de liberdade para estar tentando explorar o que ela puder estar querendo, e a gente nota assim, que a própria integração com as outras crianças favorece muito esse potencial de “soltura”, o próprio fato de a gente chegar, uma querer balbuciar, o quanto isso estimula a criança e favorece ela também estar se descobrindo. Então seria basicamente nessa característica. Agora quando a gente nota que a criança, principalmente, em defasagem, está ficando assim, já mais acentuado, aí a gente tenta ver se aqui a gente tem condições de estar sanando isso, senão em alguns casos, foi em outro período, à tarde, a gente..., mas sempre é essa conduta, a gente tenta assim, chamar a mãe, passar para ela a nossa angústia, a nossa preocupação, perante o desenvolvimento do bebê, e pede para que ela entre em contato com outros profissionais, para que possam ir dando andamento, e aí a gente começa um trabalho conjunto. Então, mediante a solicitação desse profissional, a gente tenta adequar aqui o nosso atendimento e sempre assim, em continuação desse elo,

desse acompanhamento. Então seria basicamente isso. Acho que uma coisa que eu não falei, é que aqui, mesmo tendo a gente da Enfermagem, da parte de saúde, nós não temos pediatra, cada criança é orientada para que a mãe tenha o pediatra do bebê, de preferência que dê continuidade, porque aqui a gente faz acompanhamento do peso, da curva de crescimento, de estar tendo uma visão geral de como que a criança está se desenvolvendo. E sendo o crescimento e o peso dentro do padrão esperado, se a mãe tem alguma dificuldade, então a gente tenta orientar a importância dela ter esse segmento porque é o que a gente passa para ela, a gente tem o atendimento, mas de todo não dá para a gente se responsabilizar, porque a gente não é pediatra, então é importante que a criança passe por uma avaliação médica, mensalmente até por volta do 6º mês e depois então vai intercalando e também pelo fato de que qualquer dúvida nossa, já tem uma pessoa de respaldo que a gente possa estar trocando informação e até assim como eu falei anteriormente, programando um atendimento que vá suprimindo as necessidades do bebê. Então o papel nossa da Enfermagem é bem assim dentro dessa característica de estar... um papel preventivo-educativo, então de estar orientando a mãe, a nível do que seria melhor, em termos de saúde, para o acompanhamento do bebê, dela própria... As formas da gente estar articulando isso e toda essa série de observações, então a gente fica tanto na parte de atuação aqui no Berçário quanto na parte de orientação com as mães e as funcionárias também. Então a gente fica sempre assim, nosso papel da Enfermagem é muito voltado para essa parte preventiva e educativa, de estar trazendo toda essa noção básica para a mãe e para as recreacionistas. Às vezes também quando a gente tem, lógico, dentro da nossa limitação profissional, alguns casos que entram em dificuldade, a gente solicita o pessoal de apoio, que geralmente é a pediatria do H.C., que tem a que foi pediatra, que antes a gente, ela vinha como pediatra, a Dra. Sofia, que agora, já há um bom tempo, não está mais, mas sempre que há qualquer dúvida nossa, como há pouco tempo, que essa criança que está com a adaptação mais difícil, de ouvir ela, então é o nosso ponto, o primeiro de apoio. Se ela, às vezes, não tem possibilidade, então a gente tenta ir vendo outras pessoas, mas de preferência sempre alguém ligado à UNICAMP. É uma forma de melhor acesso tanto para a gente como para a mãe.

E como é feita a passagem da criança para o Maternal? Então, por volta dos 10 meses a Marisa, que é a Enfermeira do Maternal, solicita uma reunião com as mães

daqui do Berçário, então a gente tenta fazer um grupo. Como agora, Quinta-feira, vai ter uma turminha. Então ela, a gente lista as crianças que teriam mais ou menos,. À partir de 10 meses, como a gente vai ter crianças com 10 e outras que já estão com 11 e meio. Então aí nesse momento, aí eu faço a notificação para as mães, aí no dia começa a ter o vínculo com a Marisa e a Pedagoga do Maternal, a Elenice. Aí então, é passada as informações de como é a rotina do Maternal, o esclarecimento das dúvidas, como elas estão vendo, algumas mães, às vezes, se assustam muito com o fato da criança ir para lá quando não estão andando. **Elas não estão andando ainda e vão para lá?** Não necessariamente, alguns, às vezes, vão andando, outros não. Então aí a gente coloca para elas, principalmente o pessoal do Maternal, como é que é a rotina lá nessa recepção da criança, que de repente ainda não está tendo o andar, assim mais livre. A gente já teve criança que foi lá, que quando mudou começou a engatinhar. Era uma criança assim, eu não me lembro bem qual era a característica, mas eu me lembro que a gente teve um episódio desse e de outras vivências, de outras crianças que a gente tentou esperar a criança ter a marcha para estar mudando, a gente notou (isso uma observação mesmo mais aqui nossa), que a gente estava assim, em parte, não favorecendo a criança de ter esse desenvolvimento, então que o fato dela mudar para o Maternal, mesmo não tendo ainda a marcha estabelecida, era melhor do que ficar retendo ela aqui no Berçário até ela ter uma marcha, porque, quer queira ou não, vai mobilizando a criança a buscar esse movimento, a querer uma maior independência, a tentar assim, se fortificar, em termos que ela também pode. Então a gente notou que isso favorece muito, então por isso que atualmente o limite mesmo é a nível de 1 ano, a menos que a criança tenha alguma necessidade por saúde, que foi há pouco tempo, uma criança que por um problema de saúde, a gente achou mais conveniente que ela ainda permanecesse no Berçário, tanto é que ela mudou com quase 1 ano e meio, 1 ano e 4 meses, por aí. Então vai muito assim, às vezes, o maior fator limitante é a parte de saúde, mas a nível de desenvolvimento, a gente tem observado que é preferível que a gente limita menos a criança mudando logo e permitindo uma maior expansão, seja de espaço, de atividades, do que ficar aqui no Berçário. Então aí é feita essa reunião e aí depois da reunião a Marisa mostra para as mães o Módulo, fica praticamente a matrícula de Berçário, tenta passar a rotina, as informações, quais são as normas referentes à mãe, o que ela pode, o que ela não, por

exemplo, uma das características do Maternal é assim, uma certa restrição à entrada da mãe, então a gente começa assim, a gente brinca que aqui na creche, a nível de Berçário, a mãe entra, tem livre acesso a qualquer momento, no I já começa a restringir um pouco, ela vem na entrada e tudo, mas já não fica, não é que ela não pode vir, mas a gente vai aos poucos, mostrando para ela que isso é uma das coisas que dificulta para a criança e no II, ela entrega na porta, então a gente brinca assim: conforme o amadurecimento da criança, a mãe também vai tendo um certo desvinculamento, de se permitindo uma maior “soltura” da criança e até para que a criança possa ter o seu domínio e isso também é um fator que até foi acontecendo por si, mais pela necessidade mesmo física, de espaço, porque a cada Módulo, vai aumentando a quantidade de crianças, de pessoas, e o espaço não muda muito, principalmente no II. E aí as crianças já estão andando, estão super livres e tudo, o número é maior, que comporta um número maior de crianças e aí o fluxo também dificulta.

Aqui no Berçário são quantas vagas? Atualmente a gente tem 30 vagas, mas em frequência, a gente está com menos, estamos por volta de 20 crianças, 21, de manhã e à tarde o limite são, comporta até mais, mas o Berçário à tarde sempre funcionou em torno de 20 vagas e também está, atualmente, com 14. Porque de uma maneira geral, a solicitação maior é pelo período da manhã, assim da maioria das mães, não são todas, por isso que de manhã funciona assim, no limite, praticamente de aproveitar o máximo de vagas e à tarde não é na carga máxima, no número total de vagas. Então aí, depois desse momento de contato com o grupo de mães, a Marisa leva elas para conhecer o bloco, e se mais ou menos, dá para definir quem vão ser as recreacionistas do grupo que a criança vai ficar, ela já passa, senão aí mais próximo da data da mudança da criança, que às vezes assim, quando a criança está com 10 meses, dependendo de como está o andamento lá, não dá para fechar totalmente o grupo que a criança vai ficar.

Mas aí o critério aí é mais por faixa etária, então? Para a passagem para o Maternal? É. É de maneira geral é, por volta de 1 ano a criança está passando, aí com a Marisa já é combinado, nessa reunião, fecha com as mães e me passa os dias de adaptação. No Maternal, a gente faz, apesar que durante, a partir de 10 meses a criança, aos poucos, como ela já não vai dormindo tanto, então a gente procura, nesse horário, seria o primeiro sono, de estar levando ela para o parque do I, para já ir tendo um contato com

as crianças, com as recreacionistas também, e o local não ser assim, tão estranho. Então a gente tenta ir fazendo isso na medida do possível, mas oficialmente, antes da criança mudar para o Maternal I, a gente tem assim, 3 dias de adaptação, onde a criança faz nessa característica: a mãe entrega aqui no Berçário e aí a criança toma a vitamina, é feita a troca de fraldas e depois é levada para o Maternal I, aí ela fica o período do parque, o almoço. **Já almoça lá?** Almoça lá, para ir treinando o convívio com as crianças a nível de mesa, a cadeirinha para ele ir se posicionando, não ser tão estranho. **Eles já comem sozinhos?** Não, é com ajuda, porque mesmo lá quando muda é com ajuda, do que eu me lembre, eles vão começar a comer sozinhos, a ser estimulados, por volta de 1 ano e meio ou então quando a criança tiver vontade mesmo, porque sempre tem alguns que são super rapidinhos. Quando a criança começa a demonstrar o interesse de querer comer sozinha, a gente fica “quer ajuda?” Aí fica nesse sistema e alguns, às vezes, retornam para dormir o horário do sono aqui, por volta de 11:00 horas, outros, que a criança está bem, não estranhou, já fica lá, para já ir tendo essa mudança, porque lá já não é berço, são os colchonetes, então vai muito de acordo com a criança, se é uma criança que está estranhando, que está tendo dificuldade, aí ela volta para cá, mas isso 3 dias, aí no 4º dia ela muda em definitivo e a mãe já entrega a criança pelo Maternal, aí fecha todo o nosso vínculo a nível dessa criança, tanto a parte administrativa, os dados, tudo, eu passo para a Marisa e fica vinculado a ela. Se por acaso, algumas crianças são afastadas por necessidade médica e estão para completar 1 ano, quando for para ir para o Maternal, elas já vão direto. Então por exemplo, a criança sai de férias um pouco antes da mudança, aí ela já vai direto, porque a gente acha assim, que o fato dela ficar uns dias aqui para depois estar indo é muito mais estressante para a criança do que ela ir e já fazer a sua adaptação e se vincular. Então é mais complicado, a gente procura assim sempre ver de acordo com o que está sendo para a criança naquele momento. Por isso que nessa reunião a Marisa já vê se a mãe vai tirar férias, que é outra coisa igual o Berçário, se ela tem férias, apesar que na matrícula ou durante o atendimento no Berçário, a gente tenta sondar com a mãe se ela tem férias programadas, se possível ou ser antes de mudar ou mais adiante para não mudar e logo sair de férias. Às vezes, o que acontece a nível de Berçário que a mãe volta a trabalhar e depois de 1 mês mais ou menos ela tira férias, então isso, para algumas crianças é cruciante, tem outras, que a

gente já teve episódios que a criança não sentiu nada, ficou super bem, mas teve outras que nossa, foi terrível, que a hora que a criança vai se acomodando totalmente à rotina, aí tem que retorna, então é bem desgastante com o bebê. **É que ele ficou direto com a mãe, aí vem para cá, fica longe dela, depois passa um outro período...** É porque não tem uma sustentação, cada hora é um momento, fica muito em suspense. Então a gente sempre procura ver com a mãe se dá, algumas vezes a gente conseguiu dela estar mudando as férias, mas tem outras que dependendo do setor, não tem possibilidade, aí infelizmente vai nesse processo e tenta ver como fazer da melhor forma possível para que a criança não fique, não se desgaste com tantas mudanças. Então basicamente seria isso.

Acho que é só, obrigada Cecília.

Transcrição da entrevista com a supervisora do Maternal I

Seu nome

Marisa Ramires Lattaro

Qual é o cargo que você ocupa aqui na creche?

Eu sou supervisora do Maternal I

Há quanto tempo você trabalha na creche?

Aqui na creche? **É.** Na creche eu trabalho desde 90 e no Maternal I desde 98, faz 1 ano e 4 meses, 5 meses que eu estou aqui no I, antes eu era do Berçário. Fiquei 8 anos no Berçário, desde a inauguração da creche eu fiquei no Berçário, depois de umas mudanças no ano passado, em janeiro vim aqui para o I e a Cecília para o Berçário.

Qual é a sua formação?

Eu sou enfermeira com título em Enfermagem do Trabalho que é equivalente a Saúde Pública e Licenciatura em Enfermagem, que dá um pouquinho só de Pedagogia, mas é Licenciatura.

Qual é a faixa etária que o Maternal I atende?

No Maternal I a faixa etária vai de 12 meses a 24, também pode ser prorrogado, como vai ser este ano, às vezes até 2 anos e meio. Dependendo, se não houver vaga no Maternal II às vezes há necessidade de ficar aqui mais tempo.

São quantas recreacionistas por criança?

É um adulto para 7 crianças, sempre trabalhando em duplas, então cada quarto com capacidade para 14.

E como é estruturado o trabalho diário com a criança?

O trabalho diário, a gente procura estruturar em períodos de cuidado de higiene, então tem determinadas horas que é previsto o cuidado e algumas atividades dirigidas. Então a criança chega na creche às 7:00 horas, é previsto uma troca até às 7:30 e após realizar a primeira troca as crianças tomam lanche no refeitório e os menorzinhos vão brincar no parque e os maiorzinhos têm uma atividade no salão. **Os maiorzinhos...** A gente divide em 1 ano e meio, até completar 1 ano e 6 meses a gente considera menorzinho a partir de 1 ano e 6 meses maiorzinho. Para não fazer parque junto, porque o mais velho tende a

morder o pequenininho, então existe essa separação... e o parque não comporta todo mundo junto, ao mesmo tempo. Então os maiorzinhos têm uma atividade dirigida e os menorzinhos ficam no parque com uma atividade livre-dirigida, eles têm todo o espaço do parque para descobrirem, para explorarem, mas a tia faz a vigilância e brinca junto, então é a tia que ensina a subir no escorregador, ela está ali do lado, é a tia que ensina a brincar de fazer bolo de areia. A gente prioriza que elas fiquem junto, tem hora que ninguém está junto, mas...orientar a gente orienta, é para ficar, né, mas nós não somos felizes sempre, não.

Quem ficou no salão tem atividade dirigida, que eu chamo de atividade dirigida, mas não seria bem dirigida...tem a parte de exploração do salão, com muita bola, tem o cuidar do peixinho... **daquele aquário?** É a turma dos mais velhos é que ajuda a cuidar do aquário e depois é quando eles brincam mais com tinta, com caneta, com giz de cera... é nessa hora, que eles têm esse tempo para brincar . As tias procuram organizar as atividades, então... também não somos felizes todos os dias, tá? Tem época que elas fazem direitinho: massinha, giz de cera, atividades de colagem, agora tem época que elas ficam só na exploração do salão, que é chutar bola, botar os pneus, cantar... tem muita, elas cantam bastante. **E histórias?** Muita história... história elas contam mais antes de vir para o lanchinho entre 7:30 e 8:00 horas, quando faz a troca. Enquanto uma tia está fazendo a troca a outra tia fica no quarto contando história.

Aqui no salão, você já deve ter visto, eles ficam chutando bola, tem os brinquedos, tem o escorregador também. Mas nessa faixa etária, eu brinco com a Magali, eu não sei mais que atividades mais a gente pode dar, porque o que eles mais querem é gastar a parte motora, é atividade física, então eles sobem, trepam, chutam, entendeu?... e andam pela creche, de vez em quando elas vão andar, ontem (Domingo) mesmo nós fomos brincar , lá no Maternal II, nos cantinhos. **Vocês usaram os cantinhos?...** é usamos os cantos com todo mundo, porque no final de semana você junta todas as faixas etárias... **vocês usaram na Sexta-feira?** De Sábado e Domingo **ah! tá, de Sábado e Domingo, nos dias de plantão.** No plantão não existe mais essa diferença de Maternal I e II, fica todo mundo junto, então ontem nos deslocamos para lá... É em dois dias da semana dá para usar essa técnica de todo mundo junto, nos outros dias não dá, é muita criança.

Depois em torno de 9:30 – 9:45 horas eles tomam banho, principalmente porque brincaram muito na areia, né, eles estão bem sujos, toma-se banho, faz-se a troca, se tiver na retirada de fralda faz-se o momento de peniqueiro. Após esse horário é dado o almoço em torno de 10:15... o almoço dura até 10:45. Aí é feita a higiene das mãos e do rosto de novo, e mais ou menos 11:00 horas eles vão dormir, aí eles dormem até 12:30 horas. Todos fazem um sono bom, porque acho que eles ficaram cansados, das 11:00 até 12:30 horas. 12:30 acordam, checa-se fralda de novo, estado geral, tudo e a mãe já está chegando para buscar, ela chega às 13:00, entre 13:00 e 13:15. **É o tempo de acordar...** É o tempo de acordar... mas se você não correr, a mãe chega e a criança não está pronta. É o tempo de acordar, se tem que usar penico, usa penico, se tem que por fralda, põe-se fralda e aí a mãe está chegando para ir embora, e aí acabou... e aí vão embora...

As atividades pedagógicas, é a Magali que orienta? É a Magali que orienta, tá. Agora nós estamos desenvolvendo um projeto para ela passar para cá, para a gente ver as atividades acontecerem de uma forma mais... programada... **Fazer um planejamento?** Isso planejada é uma palavra bonita, é o planejamento, a gente quer das meninas do I um planejamento tão bom quanto o das meninas do II, então que elas usem o planejamento. Só que a gente está fazendo uma pesquisa... Realmente as atividades de maior interesse dessa faixa etária são descobertas motoras, entendeu... **É que está aprendendo a andar...** É, é o andar, o correr, o subir, o trepar, o pular, o chutar... então eu, a Magali estamos escrevendo, eu e a Magali vamos começar uma série de orientações, porque a gente tinha, quer ver...(mostra um cartaz com as atividades)

- Contar histórias: utilizar fantoches, nomear os objetos para os menores, histórias curtas para os maiores. Então a gente percebe assim, as meninas têm a orientação, mas não executam um planejamento profissional que a gente gostaria que . Então elas têm o conhecimento, não é que elas não tenham não, elas até têm... Por exemplo brincar de giz de cera, para o grupo dos menores colocar o papel manilha no chão, com os maiores pode começar a trabalhar com sulfite. Desenho livre: a Magali orienta que a gente não deve usar nada mimeografado, tudo livre. Se brincar com giz comum, pode brincar com ele molhadinho na água. Agora brincar com água, no auge do verão é uma atividade que eles gostam muito, bacias com água, tipo esguicho no parque, é uma farrá, eles brincam bastante, mas no auge do verão. Agora na temporada do frio, outono e inverno, olha, as

mães entram com tanta recomendação para a gente, não quer que deixe o filho descalço, que não fica com isso, não quer que fica com aquilo e aí a gente não brinca com água, mas no auge do verão a gente brinca com água, bastante.

Por exemplo vai brincar com tinta guache, pode brincar, com tinta plástica, mas tem que forrar o espaço e deixar a criança livre, depois a gente faz exposição do que a criança produziu, aí pendura no quarto, na entrada, só que não acontece do jeito que a gente queria... E essas atividades, a gente sempre orienta que são atividades curtas, porque nesta faixa etária eles não se detém muito tempo em uma atividade, depois o que eles querem mesmo é correr, então você começa a pintura...mas eles gostam muito da tinta, do contato com cola, a gente faz bastante atividades assim. Agora mesmo com o convite da festa junina eles vão tem que colar pipoca, então é pouca coisa, não é uma atividade, não é um convite que eles vão fazer todo, mas vai ter um momento que a mãozinha deles, **mas é uma contribuição que teve a contribuição deles.**

E tem aula de Educação Física também? A Educação Física na verdade a gente tem todo esse material aqui: bola, bexiga, minhocão, saco de areia, bambolê, pneu. Então a gente chamou de Educação Física, uma atividade dirigida no salão com esses materiais. O saco de areia, por exemplo, é super interessante, eles pesam em torno de $\frac{1}{2}$ Kg a 1 Kg, aí a criança tenta carregar, deslocar de uma lado para o outro. O pneu, são esses pneus que eu tenho aqui no salão, que eles aprendem a girar, a entrar dentro...**Como eles rodam pneu, né?! É uma belezinha, né, lá no II principalmente... Com uma habilidade!** Aqui eles estão aprendendo, aqui eles não conseguem direito, eles ainda não conseguem nessa faixa etária, mas vão chegar, perto dos 2 anos estão conseguindo.

Neste próximo mês de Junho a gente vai está trabalhando essa técnica mais direto com as funcionárias, oferecendo vivências de tal forma que elas incorporem esse conhecimento e não percam **Elas vão fazer as atividades?** É elas vão fazer as atividades. A gente está com esse plano, para que de tal forma as atividades aqui nessa faixa etária também ocorra, é... para que elas introjetem o conhecimento, não deixem cair na rotina, porque você perde esse 15 minutos super rápido. Eu brinco com a Magali, a atividade dura 15 minutos, e você gasta de preparo pelo menos, dependendo da atividade, você gasta 2, 3 horas de preparo e depois para limpar a bagunça feita, você gasta mais 1 hora. **E elas têm um tempo para preparar essas atividades?** Então, não

tem muito. **Porque é direto né? Mesmo o tempo em elas estão dormindo elas têm que ficar lá...** É o tempo que elas estão dormindo elas têm que fazer a vigilância no quarto, é o tempo que elas têm para almoçar também, é o período que elas têm para reunião, então se elas não forem muito espertas com o planejamento, perde...

No final do ano eu organizei para eles enfeitarem kinder ovo para árvore de natal. A atividade deles mesmo, durou 15 minutos, mas o tempo que eu levei para preparar cada kinder ovo, para fazer uma camada de tinta plástica para ele não abrir, por um gancho na "bundinha" para poder pendurar na árvore, eu levei 2 semanas só com o kinder ovo, então fica muito nisso, a gente não tem um tempo específico, olha pára tudo agora, e você tem um tempo para planejar a atividade de amanhã, então isso dificulta. Você vê lá pelo II, elas também não tem tempo, tem que reservar do tempo do seu almoço, do sono, uns 20-30 minutos para organizar o dia seguinte, senão você não dá conta, mas é isso...

E como é feita a avaliação das crianças? A avaliação é semestral... não é bem ... a gente chama de ... não é bem uma avaliação, é uma entrevista com a mãe, quando a gente conta para a mãe como anda o desenvolvimento do seu filho. Então a gente aborda aspectos físicos, psico-pedagógicos e aspectos nutricionais. Você viu a avaliação né? **Não eu não acompanhei...** Não acompanhou nenhuma? **Não** Eu não vou ter nenhuma aqui para te mostrar, mas depois eu te mostro. A gente assinala alguns dados nessa ficha e conversa com mãe individualmente, falando como está a criança dela no todo, a gente faz o acompanhamento do desenvolvimento da criança do ponto de vista da saúde, então existe o controle dos dados de crescimento, peso, altura e perímetro cefálico, isso a saúde faz, em todas as crianças. **Periodicamente?** Periodicamente... **Semestralmente?** Não mensalmente, no Berçário o controle é semanal, no Maternal I o controle é mensal e no Maternal II o controle é bimestral. Se surgir qualquer sinal de que a criança não está se desenvolvendo bem fisicamente através desses dados, a gente orienta a mãe a estar voltando para o pediatra. Eu te mostro agora como funciona. Agora se está correndo tudo bem no momento da avaliação a gente procura estar falando para mãe mais as questões psicopedagógicas, a gente manda os dados com as orientações de saúde e nutricionais, mas o enfoque maior é dado para a questão psicopedagógica, então o que ela já executa, como ela está, se ela atende ordens ou não atende, é interessante. Então

essa semestral é enfocando mais o aspecto psicopedagógico, a parte de saúde é corriqueira, a gente faz mensal e nessa semestral a gente manda os dados de saúde para a mãe, então se a gente tem alguma dúvida é o momento que a gente conversa com a mãe, mas se a dúvida surgir antes, a gente conversa antes, não espera esse momento da avaliação para falar, a gente vê antes. Eu vou te mostrar os dados da saúde: esse aqui é o gráfico de uma criança acima dos 24 meses, então não tem mais o desenvolvimento do perímetro cefálico **É para ver se está fechando as fontanelas, né?** Isso. Aqui é interessante, vamos supor que uma criança está “andando” por aqui de repente começa a crescer muito, então pode significar um acúmulo de hidrocefalia, alguma coisa que não se diagnosticou logo que nasceu. É raro, vez ou outra, a gente encaminha por questões assim. É muito comum o peso começar a cair, e comprometer a altura. Aqui é da Ana Luísa, sabe a Ana Luísa, esse daqui é da Ana Luísa, aquela moreninha de cabelinho cacheadinho? **Sei** Pode ver que ela teve poucas oscilações de perda de peso desde que ela veio para a creche. Tem criança que tem o gráfico mais comprometedor. **Aí encaminha para o médico para fazer uma avaliação?** Se começar a perder muito peso... Se a criança começa perder peso em 1, 2, 3 meses aí compromete a altura, então você tem que estar vendo isso com o pediatra, se ele quer fazer alguma coisa, o que ele acha. Vamos pegar alguém que perdeu peso e comprometeu a altura... Porque às vezes acontece isso, dá uma perda de peso aqui, provavelmente ficou doente, mas não chega a comprometer o ganho de altura e nem o desenvolvimento do perímetro cefálico. Tem aquela menina, mas não é desse quarto, que caminha muito mal no peso, a Gabriella do grupo da tia Neide? **Sei.** Você vê a altura... Esse, o Paulo, você vê que o peso está se desenvolvendo numa velocidade maior do que deveria pela idade. Esse, na avaliação nutricional dele, a Moori pediu um cuidado maior da mãe para evitar que ele coma excesso de carboidratos, porque tem uma faixa de idade para ganhar peso e vem de uma família onde o pai é gordinho, a mãe é gordinha. **Então é a própria alimentação da família...** É, só que nesses tempos modernos, eu até estava vendo um artigo ontem no jornal, a tendência agora é que uma criança de 10 anos já comece a falar de controle de peso, então não se aceita mais tão fácil ser gordinho hoje em dia.

Como é feita a passagem da criança de uma turma para outra? Quais são os critérios utilizados? O critério mais utilizado é a faixa etária, a data de nascimento, às

vezes, faz-se necessário usar o critério do desenvolvimento, depende muito da criança, normalmente a gente segue a faixa etária, contempla a maioria, o desenvolvimento é uma minoria, a um mês antes da troca de módulo é feita uma reunião com a mãe onde a gente apresenta o módulo seguinte, explica como vai ser a rotina, não que vai ser muito diferente, entendeu? Explica-se que a partir de agora passa a ser cada vez mais atividades pedagógicas, começam a ser cada vez mais vistos do ponto de vista escola, aí é bem II mesmo, a enfermagem já passa a ser um apoio nas questões de emergência, de controle, mas o forte da criança passa a ser as atividades pedagógicas. Daí é o que você vivencia bem lá. Então a gente faz essa reunião, explica para a mãe, mostra quem vai ser a nova supervisora com quem ela vai lidar, as tias do quarto, quais são as atividades que a criança vai executar, o que está sendo esperado dela, onde ela pode colaborar com a gente, porque é muito comum na hora que vai para o II, se a criança tem dificuldade com limite, no II fica mais notória ainda, então passa conversando essas coisas com a mãe, tirando dúvidas... Porque é uma coisa só, é um tempo só de creche, mas diferentes de um módulo para o outro, então é importante a mãe estar ciente de que agora a gente espera que o filho dela realmente seja cada dia mais esperto, trepe nas coisas, vai cair, vai cair, mas vai ser oferecido a ele uma liberdade muito maior de espaço, de tudo, faz parte. Elas tendem a ser compreensivas, você não achou? Nesse tempo todo, a gente procura fazer um preparo... **conversar bastante** é conversar bastante, eu falo que eu faço um preparo “meio dramático”... Quando vai vir do berçário para o I a gente já fala que o problema aqui são as mordidas, porque a mordida realmente aparece bem nessa faixa etária de 12 a 24... quando é seu filho que morde, tudo bem você não sente nada, mas quando você leva o seu mordido, você quase morre, então na reunião de preparo a gente fala, explica, e prepara elas, porque vai ser um processo difícil, mas que elas têm que estar preparadas. Graças a Deus, assim... vez ou outra, você tem uma que quer pedir teste de HIV. **HIV?!** É, tem ... Teve uma que levou uma mordida e a mordida foi um pouco mais forte, fez um pontinho, assim meio que sangrou, e a mulher queria porque queria teste de HIV, mas aí você vê que são mães que já estão com problemas, com outras coisas. A mãe que tem conhecimento do desenvolvimento normal da criança e ela está bem resolvida com a questão da creche, ela não sofre..., ela sofre, é claro que é desagradável, mas ela passa melhor, ela acompanha todas as fases, compreende, ela sabe a questão da vigilância,

porque criança é muito surpreendente, você está do lado e ele pode cair e cortar a boca, então elas apoiam, puxa aconteceu com você, mas podia ter acontecido comigo também! Então é assim a gente faz uma reunião de preparo, fala-se bastante, explica-se bastante, coloca-se sempre à disposição, mostra, faz uma apresentação física do módulo. Até a próxima reunião eu estou para agendar, porque vai ter passagem, ontem eu escolhi as datas, agora eu vou conversar com a Elenice.

E como que é? É de acordo com a necessidade? A passagem? É a passagem, é por idade? Não é de acordo com a necessidade, a data é variável. Por exemplo, eu fiz passagem em Janeiro de 99, em Março de 99 e vou fazer agora em Junho, aí depois não vai mais ter vaga lá. Aí eu vou depender do Berçário me completar e se o Berçário me completar ainda tiver procura e o Berçário completar, aí a gente pensa em uma formatura.

A gente manda um bilhete avisando da reunião que será conduzida com a presença da Elenice que é a pedagoga do Maternal II e a minha presença, podendo a Moori também participa aí ela coloca os aspectos nutricionais, não podendo a gente fala a parte dela, que ela se faz presente e explica como funciona os horários de refeição lá... é pouquinho mudança que vai tendo, as mudanças são gradativas, tanto de horário como de forma de comida, de tipo de comida, então a gente explica como vai ser, o que vai ser diferente... Geralmente a gente é bem sucedida! Aí marca-se uma data e aí transfere-se o quarto todo. **Essas crianças vão todas para o mesmo quarto?** Para o mesmo quarto, geralmente a Magali “leva” eles em bloco. Faz um ajuste, depois à medida, por desenvolvimento, por faixa etária, o II vai precisando fazer ajustes, aí as falas são individuais com a mãe, a gente não fala mais em grupo, “eu vou precisar mudar o seu filho por outro quarto, porque o seu filho está mais adiantado por desenvolvimento ele está pedindo atividades de mais velhos.

A organização dos quartos nos módulos também é por faixa etária? Por faixa etária. **E por desenvolvimento...** e por desenvolvimento. Existe, a gente anda de um Módulo para o outro em bloquinhos e depois lá no II existe uma mudança entre os quartos. No Berçário é inexistente, a gente praticamente não usa esse critério de quartos, no I pode ser necessário. Por exemplo essa turma que eu vou transferir, 3 vão ficar para trás, porque eu não tenho vaga lá na frente e porque por faixa etária eles ficam com o

outro quarto mesmo, então esses 3 que ficaram eu tenho que reprocessar... vão ficar com outra tia, não com aquela tia que ele ficou um ano, tem que readaptar a nível de tia, é duro também para a criança.

Tem um período de adaptação também quando a criança passa de um Módulo para o outro? Tem. Agora como eles vão ser transferidos para o II em blocos a adaptação também é feita em conjunto. E essa adaptação é feita principalmente nas horas de parque, que é a hora que vai conviver todo mundo junto. Então à partir agora de junho, a minha recreacionista já está orientada a levá-los sempre para brincar no parque do II. Durante 1 mês e pouco ela vai fazer isso, então a chance de um julho, quando eles passarem oficialmente, deles brincarem com todas as crianças sem sentirem falta da tia daqui, então é feito esses cuidados. Com o bebê o cuidado dura mais ou menos uma semana, 3, 4 dias, a criança vem e passa um período com a gente e depois volta. Geralmente a mãe entrega no Berçário e pega no Berçário e todas as atividades a criança fez aqui comigo, com a tia que vai cuidar dele no futuro, mas sempre planejado, a gente combina, combina com a enfermeira de lá, é sempre combinado, avisa a mãe...(período de interrupção)...então a criança vai no período do parque, isso facilita o período de passagem... **O período de parque é grande, né?** É grande, 1 hora e pouco de parque, aí eles começam a aceitar melhor, porque é nessa hora de convivência no parque, se a criança tiver acostumada com aquele ambiente físico e com aquelas companhias, não chora ou chora bem menos, ou chora só em uma disputa, aí vai acostumando.

Bom, o papel da enfermagem aqui é grande né? Bem maior do que no II... É a gente atua principalmente no controle da saúde mesmo, a gente lida com os dados do desenvolvimento que a gente vai medindo, com as questões emergenciais, com os medicamentos, as receitas, o controle da ficha.(Pausa) ...Então, existe um acompanhamento mais de perto por gráficos realmente e como a gente faz a supervisão do Módulo, existe a questão de estar orientando a recreacionista, então a rotina, as atividades, o que a gente quer que aconteça, a filosofia da creche, então esse papel fica com o supervisor de cada Módulo, agora o trabalho é muito integrado, você viu uma série de coisas do trabalho desse Módulo que já entra a Pedagogia, da mesma forma que lá no II qualquer questão de saúde que tiver eu vou lá resolver, então eu continuo controlando uma ficha de saúde, mesmo que eu não faça a supervisão daquele Módulo,

essa parte de saúde fica com a gente e a parte de orientação pedagógica fica com elas, é uma coisa muito integrada. O papel da Enfermeira com a criança menor, que a criança menor se machuca mais, adocece mais fácil, então a gente procura se fazer presente para tranquilizar a mãe e dar um bom atendimento à criança, não é enfermaria.

Se o quadro da criança não está bom, o nosso papel é estar chamando a mãe, estar mostrando para a mãe que nesse dia a criança não está bem, não está dando conta de acompanhar as atividades, e estar solicitando para a mãe que providencie um atendimento médico, um cuidado mais assistido, porque a criança, você vê, quando uma criança está extremamente doente, ela não acompanha as atividades do Módulo. Só que é assim, não vai ser qualquer doencinha que a gente manda embora, uma diarreia, uma febre, um mal estar leve a gente dá conta de cuidar e permanecer com a criança, então nosso papel entra aí, porque é comum a gente ouvir falar de creches da Prefeitura onde a criança está com um piolho, não entra na creche, então aquele dia a mãe não vai trabalhar porque a criança não pode ficar na creche, isso não acontece aqui, você vê, a gente recebe a criança inicia o tratamento, faz as orientações, pede para mãe como vai se portar, se está com diarreia, a gente começa com soro, troca a calcinha, a fraldinha, vê o que é possível ser feito, se sair do controle, a criança está desidratando, tá ficando ruim, não está conseguindo acompanhar nada, só quer o colchãozinho, só quer dormir, então chama-se a mãe, para a mãe realmente tomar a melhor conduta que geralmente é levar ao médico. Então é isso... todos os dados, a gente lida com todos, qualquer observação que a gente fica em dúvida, tá trocando informação com a mãe, tá pedindo uma carta do pediatra para estar contando para a gente melhor, porque às vezes a mãe não sabe dar o retorno direito, então às vezes a gente pede uma carta, um relatório do pediatra... E acompanhando os quadros gerais. O nosso último caso, a gente foi observando uma criança com problemas de surdez, até que a Magali encaminhou para o CEPRE.

Se a gente observar um quadro que está meio esquisito, se a gente quer a avaliação de um especialista, fala com a mãe, encaminha para um especialista, geralmente conversa com alguém do complexo hospitalar para estar dando uma assistência para a gente, estar avaliando a criança, às vezes a gente peca pelo excesso, eu tive um ortopedista que me mandou uma cartinha que ele falava isso: “a sua preocupação era cabível no caso, mas que ainda precisava esperar a criança crescer um

pouco mais para saber a hora de intervir no pezinho da criança”... até a criança operou, ela tinha uns 3, 4 anos, quando ela operou o pezinho. Então a gente vai fazendo essas pontes, às vezes é uma situação que vem desde bebê, às vezes é uma situação que aparece mais tarde e que tem ligações com saúde, normalmente a gente vai detectando tudo antes, ou por excesso, é difícil a gente deixar passar, até esse caso que a Magali encaminhou para o CEPRE, eu já estava acompanhando ele desde da hora que ele veio para o I, porque o pai é surdo, então já estava vendo com a avó o comportamento em casa, até que a gente acabou pedindo uma avaliação de um especialista. Assim a gente vai indo, avaliando daqui, avaliando dali, tentando que as coisas não passem despercebidas aos nossos olhos, uma criança que atrase no desenvolvimento motor, onde pode estar a falha, será que é só falta de estímulo, será que precisa de uma avaliação neurológica, e aí a gente vai indo.

A D.Hiroko que passou uns papéis que falava sobre exame de fezes, de urina... Nós também fazemos esse controle. No período que a criança frequenta a creche a partir de 1 ano e pouco pode começar aparecer as verminoses, que a hora que a criança tira a fralda ela pode manipular mais as fezes, então a gente inicia um programa de controle de verminose, solicitando que a mãe traga anualmente um resultado de protoparasitológico, se for positivo a gente acompanha que verme deu, como foi o tratamento, pede um exame que negativou. Urina I, a gente também pede um exame de urina, porque a infecção urinária é uma doença que fica mascarada, a criança tem um discreto ardor, e você vai perceber que a criança não está bem pela curva de peso, ela começa a perder peso, ou não ganhar peso e às vezes você vai ver, principalmente, nas meninas que é uma infecção urinária que está mascarada, a mãe não percebeu e a criança não queixa tanto e aí interfere no ganho de peso. Então a gente pede esses exames para controle, sempre conversando com o pediatra, quando a gente fala para a mãe, você não quer pedir para o seu pediatra um exame de fezes para a gente poder fazer no nosso controle, aí o pediatra também pede hemograma, urina, urinocultura, aí ele faz uma bateria de testes e aí vem o diagnóstico de uma anemia discreta, e aí a gente entra com o remédio que ele passar e a gente também dá aqui. É muito comum mesmo os hemogramas vir com anemia e a gente entra com o ferro, o que eles passarem a gente dá e vai acompanhando a criança, isso também é função da gente.

Nesse momento da avaliação semestral, a gente pede para a mãe o exame de fezes e urina. Outra coisa que a gente acompanha é a carteirinha de vacinação, como a gente é uma instituição pública, nós seguimos a determinação do governo Estadual, que toda criança deve ser vacinada, então a gente pede a carteirinha para a mãe e a gente tem uma cópia, um controle mesmo. Se ela não deu a vacina, a gente orienta para estar dando, a importância e vai controlando, então é uma ponte que a gente faz para que essa criança não perca a vacinação e ao mesmo tempo a gente assegura que a criança inserida conforme as leis da Unicamp. Às vezes a linha da homeopatia não quer que vacine, então aí é outra briga de foice, você vai explicando para a mãe que ela tem todo o direito de ser homeopata, não resta a menor dúvida, mas para usar essa instituição a gente segue a regra do Governo Estadual. Geralmente a gente é bem sucedida, se a mãe realmente não concordar, aí ela acaba não frequentando a creche, mas é raro. **Mas é perigoso né, pois convive com outras crianças...** Então aqui fica perigoso, porque quem é vacinado tem um grau de imunidade, quem não é vacinado o bacilo de tuberculose que o outro vacinado esparrama para esse pode levar a uma tuberculose, por isso aqui é obrigatório.

Então é isso, o controle diário, o controle dos gráficos, que mais? Toda ponte, como supervisora, que aí é a parte administrativa, a parte mesmo de gerenciamento de pessoal, aí quem é supervisor do Módulo executa independente de você ser Pedagoga ou Enfermeira, Psicólogo, quem está no Módulo responde pela parte administrativa, folga, escala, que isso aí é gerenciamento, não importa a sua formação. Que mais?

Quais são, você tem alguma dificuldade para realização do seu trabalho?
Ah, dificuldade não, mas a gente sempre quer melhorar né Cristina, que a verdade seja dita, agora a gente está em estudos de melhoria. **Com certeza!** A gente quer aperfeiçoar o período da criança na creche, e a forma de a gente conduzir o trabalho. Então está tendo muito estudo de textos da parte pedagógica, da parte de saúde. Esse ano, desde o ano passado, a gente está em uma franca linha de estudar cada vez mais a parte educacional, o que uma instituição deste porte pode estar fazendo, o que se espera que se faça, agora as dificuldades a gente tem com a Unicamp, mas a Hiyoko é uma excelente administradora, dificuldade de grana, de material a gente quase não tem, porque ela provê tudo, tudo o que você pede ela procura prover, pode demorar, se for alguma coisa muito elaborada, como os cantos que a gente pediu no Maternal II, demorou alguns

meses para a gente colocar todos e ainda leva um tempo para a gente colocar todo o material que a gente quer, mas ela procura atender, dar condições para que a gente execute bem. A Unicamp tem as coisas da Unicamp mesmo, a questão da burocracia, a questão do funcionalismo, a gente vivencia tudo isso, porque o nosso funcionário também é um funcionário público, concursado.

Com as mães e as famílias das crianças usuárias a gente procura ter um canal bem aberto, então tem dificuldades, mas dentro do esperado, mãe que de repente envoca com uma recreacionista, e aí a gente também faz o meio de campo, procura estar conversando com a mãe, ver o que aconteceu, procura esclarecer a situação de tal forma que não prossiga com comentários, sabe aquela coisa bem assim, nós temos um problema aqui e agora, então vamos resolver, não vamos deixar para semana que vem, porque até a semana que vem já gerou boato em toda a comunidade. Qualquer problema que a gente tem, caso mais sério a gente notifica a comunidade, de tal forma que não gere dúvidas. Teve um acidente lá no II ... e de repente a criança até morreu, de tanto boato, então a gente procura dependendo do grau do acidente, se é uma coisa que é para ser orientada na sala, orienta-se a sala, os familiares, se é uma coisa que tem que ser divulgada, como... tem doenças que assustam, por exemplo se fala meningite, nossa meningite! A escola inteira tem que estar interditada. Então se a gente tem algum caso assim, a gente faz um acompanhamento de perto, notifica a comunidade do que está acontecendo, que tipo de meningite foi, quais as medidas a serem feitas, e não deixa a história prosseguir com boato, procura orientar o mais rápido possível, **fazer o bloqueio né?** É bem isso mesmo, se tiver um caso de rubéola, então foi comunicado ao posto de saúde, foi feito o bloqueio vacinal, foi feito isso, isso e isso, vai ser pedido um exame para ver se foi rubéola, porque às vezes não é, e a gente acalma a comunidade, mas sempre assim, procurando transparência daquilo que a gente faz, por isso que é fácil de acalmar a comunidade né! Mas surgem dificuldades aqui, muito pouco. Como o te falei, você tem uma mãe extremamente preocupada a ponto de achar que uma mordida pode ser transmissora do vírus HIV, você imagina quantas horas nós gastamos conversando com essa mãe, até que você vai, explica, quais as regras que a creche usa, como a gente avalia, mostra onde ela está cometendo exageros, então essas dificuldades que fazem parte do trabalho a gente procura estar resolvendo da forma mais racional possível. Se

extrapolar a autoridade da supervisora, vai para D. Hiyoko, que é a Diretora, troca quais os passos que a gente vai dar junto a essa família, sempre na verdade, todos os casos a Hiyoko acompanha de perto, qualquer caso de dificuldade a Hiyoko está sabendo, pode ficar na nossa responsabilidade resolver, mas a forma de resolvê-lo a gente já discutiu com a administração e procura estar integrado. Às vezes a questão é emergencial nesse ponto, mas às vezes está precisando de psicólogo para estar falando com essa mãe, qual a razão de tanto.

A psicóloga trabalha com todo mundo? Trabalha com todo mundo. E antes da gente ter a psicóloga, quem fazia essa ponte era a Pedagogia, pela própria formação de vocês que é psicopedagógica. Quando o caso era extrapolar limites, ou caso mais específico de precisar uma condução educacional aí a Pedagogia também entra, a gente procura sempre estar trabalhando integrado.

As mães também participam bastante né? Agora por exemplo tem a festa junina. É elas participam de tudo, agora tem a festa junina a resposta que a comunidade deu no II foi fantástica nos bonecos, então eu acho que é uma troca, a medida que a mãe usa o serviço e está satisfeita com o serviço, ela também corresponde ao que o serviço pede. E a mesma coisa a gente para elas. Existe muita interligação da gente com a mãe. A gente também quer melhorar este aspecto, tá? A gente trabalha, eu sempre brinco com a Magali, a gente trabalha partindo do princípio de evitar que a mãe saia do setor de serviço para vim participar de alguma atividade da creche. Algumas a gente pontua como muito importante, como a festa junina, a festa natalina, da festa do dia das mães, da festa do dia das crianças.

Sobre o projeto, o que você está achando? Vocês estão usando os cantos? Então começamos usar e a idéia é essa, agora que a Magali já visualizou bem o II e fez uns arranjos no Berçário, a gente vai estar trabalhando mais diretamente a faixa etária dos 12 aos 24, então a gente vai estar escrevendo agora dentro desse projeto que a Pedagogia está implantando na creche esse ano, como direcionar isso aqui dentro do projeto. Eu acredito que esse ano a gente consiga estabelecer uma linha pedagógica mais clara para todo mundo. É a nossa meta mesmo, procurar que a criança seja bem cuidada e bem educada, oferecendo todo o suporte, porque a gente tem uma estrutura boa, a gente tem uma equipe boa e a própria creche que tem tudo o que a Unicamp oferece. E a

gente tem essa disponibilidade dos canais, qualquer dúvida se troca figura com a Faculdade de Educação, com a Faculdade de Artes, de Educação Física...

Transcrição da entrevista com a supervisora do Maternal II

Qual o seu nome? Meu nome é Helenice Lourdes Vitorino. **Qual é o seu cargo e quanto tempo você trabalha aqui?** Meu cargo é Pedagoga da creche da saúde e estou aqui há 3 meses, mas já era Pedagoga lá no CECI, há 4 anos. **Mas aqui você é supervisora, né?** Eu sou supervisora de seção também. **Qual é a sua formação?** A minha formação é Pedagogia com especialização em Pré-Escolar, fiz na PUC em 87, fiz meu estágio, ele foi todo feito na PUC, um projeto que a PUC tinha com crianças de bairro e foi trabalhado sempre dentro do projeto da PUC.

Qual a faixa etária que o Módulo atende? Aqui no Módulo do Maternal II nós atendemos a faixa etária de 2 anos à 4 anos e elas vêm do Maternal I, passam para cá e ficam com a gente até 4 e depois elas vão para outro sistema educativo que é o PRODECAD e, ou então EMEI, que atendem pré-escolares a partir dessa faixa etária.

As crianças que vêm do Maternal I, têm um período de adaptação? Tem, elas passam a frequentar mais o espaço, a brincar com as outras crianças, usam o mesmo parque, ficam muito, usam bem o espaço, acostuma com o pessoal que trabalha aqui, uns 15 dias antes de passarem para cá. Eu estou fazendo a adaptação do pessoalzinho que está vindo para cá, são 10 crianças que estão vindo para cá agora para abrir espaço para os bebês que estão crescendo lá no Berçário e então já vão para o Maternal I e do Maternal I vêm essas 10 crianças para dar espaço para os bebês que estão chegando, então é uma rotina assim, mais ou menos.

E quantas crianças são por recreacionistas? Aqui a gente tem, nós atendemos, tem 4 quartos onde cabem, que são salas e quartos, são salas de atividades e quartos de dormitório, aí tem o salão para a alimentação e o parque para playground. E nós atendemos um total de 20 crianças por quarto, é o máximo que a gente pode atender, para ter espaço para a criança possa descansar durante período do sono. E são 20 crianças para 2 recreacionistas. **Em média 10 crianças...** 10 crianças para cada uma.

Como é estruturado o trabalho diário? O trabalho é assim, as crianças ficam num período das 7:00 às 13:19, 13:30 horas. Ela chega umas 7:00 horas e tem uma recepção, no salão a gente faz uma recepção, eu sempre estou lá para contar uma história, fazer um

clima de recepção bem aconchegante com a criança. Depois às 7:15 horas elas vão, cada uma, para a sua salinha, aconchegam, guardam material, tiram agasalho, faz a roda da conversa, a chamada e tem as atividades que são elaboradas pelas recreacionistas, que às vezes tem que dar uma atividade com tinta, com recorte, uma pesquisa que as crianças fazem juntas nesse horário até as 8:30. Às 8:30 horas vêm no salão e tomam o lanche e depois é parque, atividade livre no parque, às vezes a gente tem uma atividade específica, ou dança, ou educação física, então a gente tira um grupo e vai para fora ou usa outros espaços aqui da creche, mas mais é parque. **E tem um dia específico para educação física, ou...** Tem, não tem um dia específico, que às vezes está chovendo, está muito frio, então a gente escolhe um dia bem ensolarado, um dia gostoso, onde as crianças possam ficar bem à vontade e aí é nesse dia que a gente elabora essa atividade. **Aí é você com as recreacionistas?** É, às vezes eu vou junto, mas é muito pouco, elas que já programam, e vão e fazem as atividades.

E as atividades pedagógicas é você que orienta? É a gente trabalha com os projetos, então tem uma Coordenadora Pedagógica, uma Pedagoga, sou de manhã e a Márcia à tarde, e a Valéria que é a psicóloga, nós sentamos juntas e fazemos o projeto, este projeto abrange todas as outras áreas, a Nutrição, a Enfermagem, a Odonto, então a gente faz um projeto total, englobando todas esses serviços e aí, dependendo do que a gente está tratando, por exemplo este mês, nós estamos trabalhando o projeto “Conhecendo o nosso corpo”, aí entra a Enfermagem, a Odontologia, entra a Nutrição, nós Pedagogas e elaboramos um projeto grande e este vai ser trabalhado até Outubro. Aí a gente passa esse projeto para as recreacionistas e dentro desse projeto elas vão elaborar as atividades, vão fazer o projeto delas das atividades para desenvolver dentro desse projeto. E caminha assim mais ou menos.

Depois a avaliação, a gente, são as recreacionistas que fazem de cada criança, observando todos os aspectos, psicológico, social, desenvolvimento motor, em todos os aspectos de todas essas áreas e aí ela faz de cada criança depois faz uma reunião com os pais, antes disso, passam por nosso crivo, essa avaliação, então elas fazem, passam para a gente, a gente dá uma olhada, uma orientação, o que pode ser mudado, observa um pouco as crianças e aí a gente senta junto com a dupla e conversamos sobre cada criança, avaliamos cada criança juntas e depois elas chamam os pais e elas fazem uma entrevistas

com os pais para passar essa avaliação. **Com que frequência é feita essa avaliação?** É trimestral.

Aí a gente estava falando do parque, né ? das atividades... Ah é, e aí a gente nós estamos criando outros espaços dentro da creche. Tem o espaço lúdico, onde nós elaboramos cantos, fantasia, casinha da boneca, biblioteca, um espaço para jogo, a feirinha, onde as crianças chegam e brincam, escolhem os brinquedos que lhe convém, que vai, o tipo de brinquedo que vai mais “aguçar” a sua espontaneidade no brincar e esse espaço, elas usam quando, geralmente elas se revezam nesse espaço, para trabalhar grupos diferentes, um grupo separado do outro ou então, um grupão, vem todo mundo junto e cada um procura um lugar e brincam junto, fazem uma interação, de todas as salas juntas. **De manhã também ,né** De manhã também. A recepção a gente faz sempre lá, onde as crianças chegam, brincam com os fantoches, conta histórias, procura um livro para ler, então elas têm opção de escolher o cantinho que ela quer para ficar brincando. **Pode tanto participar da atividade que você elaborou ou então...** É livre, porque fica sempre uma pessoa, por exemplo no cantinho da cozinha, tem uma tia brincando, então as crianças vão lá; tem outra tia no cantinho da fantasia, onde elas vão se vestem, se pintam e tem, eu fico no canto da história, onde tem os livros e eu fico contando histórias com fantoche, eles participam da história, pegam o fantoche, elas têm livre acesso a esse material. **E como você está vendo esse projeto do espaço?** Muito gratificante, elas estão respondendo bem às expectativas, estão atendendo os objetivos, eu estou achando muito gratificante, muito importante mesmo, porque tem muitas crianças que não tem essa liberdade de escolha, dá sempre aquele brinquedo, não tem aquela modificação do brinquedo, às vezes elas enjoam do espaço da creche, da escolinha, porque não tem um lugar que ela possa chegar e ter livre escolha no brincar. Elas estão aproveitando muito, às vezes elas nem querem sair de lá, chega a hora que a gente fala: “Tá na hora, tá na hora, da gente ir para a salinha!”, eles falam: “Ah! tia, deixa ficar mais um pouquinho!” , eles querem ficar lá. E na salinha elas também têm essa atividade de brincar, um brinquedo que elas estão brincando junto, um jogo, tem essa disponibilidade também.

E como é feita a alimentação? A alimentação é balanceada por uma Nutricionista, elas têm um número de 3 refeições, o café, o almoço e o lanche à tarde... e é bem balanceado,

a Moori faz um programa muito bom e tem as atividades dentro da cozinha, onde elas fazem o lanche divertido, elas mesmo vão lá, fazem o lanche; a gente está sempre trabalhando cores, cor do alimento; estimulando a comer verdura, então existe uma história, um teatrinho onde elas elaboram e a gente também trabalha com a Nutrição assim: vamos fazer um bolo, aí cada sala vai fazer o bolo, ou o dia da bolacha, a gente faz junto, as crianças fazem as bolachas, depois assa e depois essa bolacha elas levam na hora do lanche. E a gente tem trabalho, por exemplo, a semana do índio, vamos comer, vamos ver o que o índio come, então vamos procurar alimentos referente à raça do índio. Agora a gente está querendo fazer assim, por exemplo a semana do Japão, da Itália, sabe assim, trabalhar outros tipos de comida, com outros tipos de país, para a gente elaborar mais ou menos uma estrutura dentro da alimentação e do conhecimento da criança também. E as crianças são alimentadas pelas recreacionistas, são servidas com o grupo das copeiras e elas são alimentadas pelas recreacionistas. Tem crianças, que agora no segundo semestre, a gente já vai começar a prepará-las para ir para outro espaço, que é o PRODECAD, que vão se formar o ano que vem, então no PRODECAD, na EMEI, são em self-service, então são as crianças que preparam o pratinho, então agora no segundo semestre a gente já vai começar a colocar esse self-service para as crianças que vão se formar este ano. **Só para as que vão se formar?** É porque, é 2, 3 e 4, então as de 4 anos já vão começar a se servir, preparar para não chegar lá e ser novidade, estranhar, então a gente já vai começar a usar esse self-service.

E depois tem a formatura deles? Tem a formatura deles, tem uma festa de formatura e aí quando abrem as vagas lá na EMEI, no PRODECAD elas vão para lá, então provavelmente só lá por Fevereiro. Janeiro e Fevereiro é mês de férias e quando chega Fevereiro, o PRODECAD ou EMEI assumem.

E como é a divisão dos quartos? Por faixa etária? É por faixa etária. Por exemplo vem um grupinho de crianças do Maternal I com 2 anos, então eles ficam em uma sala junto com os de 2 anos, mas por exemplo, entre aspas, porque eles estão separados só nas salas, mas as atividades extra-sala, são todos eles juntos, o parque, o espaço lúdico, são sempre juntos, de 2 a 4 anos. **E cada ano muda de recreacionista ou não, fica com a mesma até o final?** Olha isso eu não tenho muita certeza, porque fazem 3 meses que eu estou aqui e não conheço bem essa rotina, não, mas eu acredito que sim, que vá ficar

com a mesma. **Agora a sala da Inês vai sair...** É que vai sair, então acho que a Inês passa a receber os pequinininhos que vem lá do primeiro quarto, fica com os menores, e aí abre vagas para o Maternal I.

E qual o papel da Enfermagem aqui nesse Módulo? Porque nos outros Módulos as supervisoras são as Enfermeiras, né? São as Enfermeiras, no Maternal I e no Berçário. A Enfermagem aqui, ela vem, dá remédio, atende febre, alguma ocorrência aqui... porque quando as crianças chegam a gente faz um tipo de...uma frequência, fica uma recreacionista lá na entrada, pegando a frequência e quando tem intercorrência, a mãe já avisa: “Olha o meu filho não passou bem hoje à noite, teve febre, está tomando tal remédio”, então ela recebe esse remédio e anota tudo na intercorrência, passa para a Enfermeira e ela vai dar esse remédio ou observar febre, a recreacionista também vai, olha na prancheta e vê que a criança, que tem alguma coisa que ela tem que ficar em observação, se a febre aumentou, ela vai chama a Enfermeira para medicar ou entrar em contato com os pais. **E também continua o controle da altura do peso?** Ah; sim, em 2 em 2 meses tem o controle do peso e da altura. Um check-up geral. **Ela fica como um serviço de apoio?** É.

Acho que é só! Ah, tem uma coisa que eu não falei, sobre a adaptação da criança que vem de fora. Então, as crianças que vêm de fora, a gente faz uma recepção para essa criança e a mãe marca um dia de folga e faz um estágio com a criança aqui. Então ela fica junto com a criança para observar, ver como é a rotina, familiarizando com a turma dela, com a tia e depois à partir daí, ela passa a vir, a ficar sozinha, mas tem esse período de adaptação. **Um dia que ela fica com a mãe...** É, e aí no dia seguinte ela passa a ficar sozinha e fica o período inteiro e geralmente não tem dado trabalho, alguns quando vêm, com 2, 3 anos estão acostumados com creche, às vezes, tem um menino o Iago, que nunca foi, então apresenta um pouco de timidez no começo, mas não choram, porque tem muita brincadeira, o envolvimento é muito grande, então não dá tempo da criança ficar com choro, ou saudades da mãe, quando percebe que está sozinha ou com saudades da mãe, já está na hora de ir embora. Então não tem dado trabalho de ficar chorando e depois outra né, eles “embarcam” na brincadeira e nem lembram. **Porque às vezes são crianças sozinha...** É, geralmente são crianças que têm irmãos grandes, que saem para ir para escola, não tem muito tempo para brincar, às vezes fica com a avó e tem essa

disponibilidade de criança para brincar, então elas adoram, sempre com esse período de estágio com a mãe. **Conversando com as outras supervisoras a gente vê que tem uma preocupação, um trabalho grande com as mães, tem toda uma conversa para explicar a rotina...** Ah, sim a mãe vem e a gente explica tudo para ela, depois é um espaço bem aberto para que ela perceba que o filho dela está bem, que ela vá trabalhar segura, confiante, isso que a gente quer, passar toda essa confiança para a mãe, é o mais importante, porque se você sai, deixa seu filho, e não tem uma confiança no lugar onde você vai deixá-lo, você não vai desenvolver uma tarefa onde você trabalha legal. Então eu acho que isso é muito importante da gente estar passando para a mãe, essa confiança, por isso tem esse período de adaptação. **Então é só isso, obrigada!.**

**Departamento de Administração e Supervisão Educacional
Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas**

Parecer sobre Trabalho de Conclusão de Curso

Aluna: Cristina Toyoko Dohi

Título: Relações entre a organização do espaço físico nas instituições de Educação Infantil e o desenvolvimento da autonomia

Orientadora: Profa. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

Data: 15.12.99



PARECER SOBRE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O presente parecer diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso da aluna CRISTINA TOYOKO DOHI com o título **Relações entre a organização do espaço físico nas instituições de Educação Infantil e o desenvolvimento da autonomia**. O texto foi elaborado, sob minha orientação, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogia.

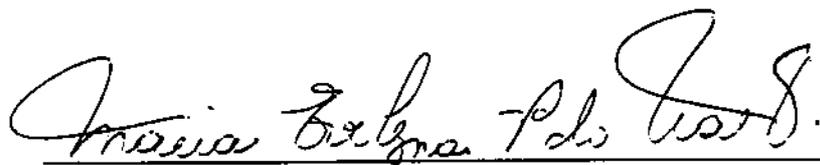
Este parecer atende norma regimental segundo a qual os Trabalhos de Conclusão de Curso devem submeter-se a uma Banca Examinadora composta pelo Professor Orientador e por um Segundo Leitor, geralmente escolhido entre o corpo docente da Faculdade de Educação. No presente caso, foi convidado a Profa. Dra. Águeda Bernadete Bittencourt, a quem expressei meu agradecimento pela atenção com que assumiu a tarefa que lhe foi solicitada.

Trata-se de estudo de caso sobre as relações da autonomia da criança e a organização físico-espacial da escola. As observações da atividade de pesquisa ocorreram em uma creche localizada no campus "Zeferino Vaz" da Universidade Estadual de Campinas, entre março e agosto de 1999. Foram realizadas cinco entrevistas com profissionais da instituição.

A relevância do tema é destacada especialmente no momento em que a Educação Infantil passa a fazer parte, oficialmente, do sistema de ensino e em que o Conselho Nacional de Educação estabeleceu critérios relativos ao espaço físico das escolas, objetivando a elevação da qualidade da educação.

No plano analítico, Cristina cumpriu largamente os objetivos do TCC, o qual está documentado com abundância de dados, fotos, registros institucionais, etc.

Pelo exposto, atribuo nota **10,0 (dez)**.



Profa. MARIA EVELYNA POMPEU DO NASCIMENTO
Orientadora

PARECER SEGUNDO LEITOR

NOME: CRISTINA TOYOKO HOHI

RA:

CÓD.DISC.:EP809 - Trabalho de Conclusão de Curso II

TITULO DO TCC:

PARECER:

O Trabalho de Conclusão de Curso - TCC da estudante Cristina Toyoko Hohi analisa as relações entre a organização do espaço físico nas instituições de Educação infantil e o desenvolvimento da autonomia.

A autora tomou como objeto de estudo uma creche destinada ao atendimento de filhos de funcionários da Unicamp. Desenvolve um processo de observação durante o período em que a creche reorganiza seu espaço físico implantando "cantos circunscritos".

O estudo é desenvolvido tendo como base uma bibliografia específica sobre o tema servindo-se, no entanto, longamente dos relatos de observação e de entrevistas realizadas com funcionários. O trabalho bem apresentado e ilustrado vem ainda documentado, com mapas, plantas do prédio, legislação e a entrega de entrevistas realizadas pela estudante.

Trata-se de um trabalho que contribui para os estudos na área de educação infantil e portanto deve ser aprovado.

Nota: 10,0-

NOTA: 10,0

ASSINATURA:



DATA: 15/12/99